



Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Centro de Educação e Humanidades
Instituto de Letras

Ana Paula Moreira

**Estratégias discursivas de persuasão
no discurso religioso da Igreja Universal do Reino de Deus:
uma análise sistêmico-funcional**

Rio de Janeiro
2010

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

Ana Paula Moreira

**Estratégias discursivas de persuasão
no discurso religioso da Igreja Universal do Reino de Deus:
uma análise sistêmico-funcional**

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Linguística.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Anna Elizabeth Balocco

Rio de Janeiro
2010

Ana Paula Moreira

**Estratégias discursivas de persuasão
no discurso religioso da Igreja Universal do Reino de Deus:
uma análise sistêmico-funcional**

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Linguística.

Aprovada em 31 de março de 2010.

Banca Examinadora:

Prof^a. Dr^a. Anna Elizabeth Balocco (Orientadora)
Instituto de Letras da UERJ

Prof. Dr. Orlando Vian Jr.
Faculdade de Letras da UFRN

Prof^a. Dr^a. Tânia Maria Granja Shepherd
Instituto de Letras da UERJ

Rio de Janeiro
2010

A Deus, cuja sabedoria vai muito além dos limites da sabedoria humana;
e à minha família, meu alicerce sempre presente.

Agradecimentos

A Deus, minha inspiração, Mestre dos mestres.

À minha família amada, por investir em mim e por me fazer chegar até aqui; e pelas tantas vezes em que me ajudaram a me levantar, quando caí. Meu amor por vocês é eterno.

À minha filha, meu maior tesouro, que aos dez anos soube compreender minha ausência. Amo você, minha flor.

A Anna Elizabeth Balocco, pela sábia orientação, assessoria constante e apoio rápido; e pelo exemplo que se tornou para mim.

Aos meus amados amigos, pelo incentivo que não me deixou desistir. Obrigada por cada palavra.

Aos professores da UERJ, muito obrigada pelas preciosas lições que me transmitiram. Nunca me esquecerei de vocês.

A todos os professores que tive desde a alfabetização até aqui, os quais me forneceram as sólidas bases que me permitiram crescer academicamente.

"Comece desafiando suas próprias suposições.
Suas suposições são suas janelas no mundo.
Esfregue-as de vez em quando, ou a luz não entrará."

(Alan Alda)

RESUMO

MOREIRA, Ana Paula. *Estratégias discursivas de persuasão no discurso religioso da Igreja Universal do Reino de Deus: uma análise sistêmico-funcional*. 2010. 126 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.

O presente trabalho tem por objetivo identificar as estratégias persuasivas utilizadas pelos líderes religiosos da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD) para atrair e manter seus fiéis. O quadro teórico adotado é o da Linguística sistêmico-funcional, mais especificamente, o Sistema da Avaliatividade - com foco no subsistema do Engajamento. O corpus de pesquisa selecionado é composto por dez mensagens escritas e publicadas no jornal Folha Universal e nos sites associados à igreja, a partir de recorte de gênero. Na primeira etapa da pesquisa, buscou-se caracterizar os textos do corpus do ponto de vista genérico, a partir de proposta de Brinton (1995 apud CIPRIANI, 2002) para a caracterização de “sermões”: foram identificados movimentos retóricos e outras marcas de “sermão” nas mensagens analisadas. Em seguida, foram identificadas e analisadas as estratégias persuasivas que são usadas nas referidas mensagens, assim como o tipo de imagem construída discursivamente pelo líder religioso, tanto para si próprio quanto para seu interlocutor – o fiel/membro/futuro membro da IURD – e como o subsistema do Engajamento contribui na construção dessas imagens. Nesta etapa da pesquisa, com apoio do quadro teórico, foram analisados os fenômenos linguísticos de contração e expansão dialógica. Percebe-se, nos textos da amostra, uma tensão constante entre a construção discursiva de uma figura de autoridade para o locutor (que é porta-voz de Deus) e, ao mesmo tempo, uma tentativa de aproximação desta figura com o seu interlocutor, o fiel ou fiel em potencial. No que diz respeito à figura de autoridade, há o apagamento do locutor, que atribui a Deus e aos profetas e apóstolos mencionados pela Bíblia seu discurso. O líder é o porta-voz de Deus e único autorizado a falar em nome dEle. Além disso, a mensagem publicada é uma voz institucional, e por isso é menos afetada por traços pessoais do pregador, que se propõe a falar em nome de todos. Isto se realiza lexicogramaticalmente, no corpus, como uma predominância de Atribuição, que vem sempre acompanhada do Endosso, e não acata novas linhas de pensamento a respeito do mesmo tema, como é de praxe no discurso religioso. Por outro lado, além de usar recursos para autorizar o seu discurso, há também uma tentativa do Bispo de aproximar-se do seu fiel, dos seus pontos de vista, de suas dificuldades no acesso à religião. Este movimento de aproximação materializa-se lexicogramaticalmente através das categorias da Expectativa Confirmada, da Negação e da Contra-expectativa, que dialogam com dizeres anteriores que podem ser entendidos como sendo parte do universo discursivo do fiel. Pretende-se que este trabalho sirva não apenas para o enriquecimento acadêmico de pesquisadores e estudiosos da área, mas também como ponto de partida para estudos futuros, uma vez que tanto o discurso religioso quanto o Sistema da Avaliatividade oferecem amplos horizontes no tocante a futuros enfoques.

Palavras-chave: Discurso religioso. Igreja Universal do Reino de Deus. Sistema da Avaliatividade. Engajamento.

ABSTRACT

The purpose of this dissertation is to identify persuasive strategies used by religious leaders of the Universal Church of the Kingdom of God (IURD, in Portuguese) to attract and maintain its members. The theory adopted is Systemic Functional Linguistics (SFL), more specifically, the system of Appraisal – and its focus is on Engagement. The selected corpus is made up of 10 texts written and published in *Folha Universal News* and on web sites managed by the church. Our first aim was to classify the selected texts from a generic point of view, drawing on Brinton's (1995) analytical categories for the characterization of sermons. Rhetorical movements and other features of the genre 'sermon' were identified in the corpus. Our next step was to identify and classify, drawing on analytical categories from the Engagement subsystem, the persuasive strategies used in the corpus, by means of which the religious leader discursively constructs a representation of himself and of his interlocutor – the member / future member. Our focus was on dialogistic positioning, more specifically on strategies of dialogic expansion and contraction. Analysis of the corpus suggests a constant tension between the construction of authority for the speaker (who mediates between God and members of the church) and an attempt, on the part of the religious leader, at building solidarity with members or prospective members of the church. This translates, in the corpus, as strategies of speaker deletion and a predominance of Attribution, whereby the religious leader authorizes his discourse, drawing on the voices of God, prophets and the Bible. Another characteristic of the corpus is that Attribution is always endorsed, and thus does not allow for alternative discursive positions to be entertained, as tends to be the case in discourses with a high degree of extravocalization. As far as solidarity is concerned, the religious leader tries to involve members or prospective members, acknowledging their points of view and their particular ways of understanding religious matters. These strategies of involvement are actualized, in the texts of the corpus, as instances of the categories of Concurrence, Negation and Counter-expectation, which interact with previous utterances that are part of the discursive universe of members or prospective members of the church. This dissertation is intended as a contribution not only to the System of Appraisal within SFL, but also to studies of religious discourse.

Keywords: Religious discourse. The Universal Church of the Kingdom of God. Appraisal Theory. Engagement.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	14
1.1	Objetivo da pesquisa	15
1.2	Questões de pesquisa	15
1.3	A organização do trabalho	16
2	QUADRO TEÓRICO	18
2.1	Linguística sistêmico-funcional	18
2.1.1	<u>Gênero e registro</u>	20
2.2	Sistema da Avaliatividade	22
2.2.1	<u>Engajamento</u>	23
2.2.1.1	Recursos de expansão dialógica	24
2.2.1.1.1	<i>Ponderação</i>	25
2.2.1.1.2	<i>Atribuição</i>	27
2.2.1.2	Recursos de contração dialógica	33
2.2.1.2.1	<i>Contraposição</i>	34
2.2.1.2.2	<i>Proposição</i>	36
2.2.2	<u>Quadro resumitivo do subsistema do Engajamento</u>	38
2.3	O gênero mensagem / sermão	39
2.4	Considerações finais	40
3	REVISÃO DA LITERATURA	42
3.1	Revisão da literatura sobre o discurso religioso	42
3.2	Revisão da literatura sobre a avaliação na linguagem	44
3.2.1	<u>O Sistema da Avaliatividade na pesquisa em língua inglesa</u>	45
3.2.2	<u>O Sistema da Avaliatividade no Brasil</u>	45
3.3	Considerações finais	47
4	A IGREJA UNIVERSAL	48
4.1	História e fundação	48
4.2	Os líderes	49
4.3	A rotina	49
4.4	Considerações finais	50
5	METODOLOGIA	51
5.1	Crêterios na constituicão do corpus	51

5.2	Compilação e descrição do corpus	52
5.3	Tratamento dos dados	54
5.4	Considerações finais	55
6	ANÁLISE DOS DADOS	56
6.1	O gênero “mensagem”	56
6.1.1	<u>Credenciais</u>	56
6.1.2	<u>Problema</u>	59
6.1.3	<u>Orientação</u>	66
6.1.4	<u>Motivação</u>	72
6.2	O subsistema do engajamento aplicado ao corpus	77
6.2.1	<u>Recursos de expansão dialógica</u>	77
6.2.1.1	Ponderação	77
6.2.1.2	Atribuição	78
6.2.2	<u>Recursos de contração dialógica</u>	83
6.2.2.1	Contraposição	83
6.2.2.1.1	<i>Contra-expectativa</i>	83
6.2.2.1.2	<i>Negação</i>	87
6.2.2.2	Proposição	90
6.2.2.2.1	<i>Expectativa Confirmada</i>	91
6.2.2.2.2	<i>Endosso</i>	93
6.2.2.2.3	<i>Pronunciamento</i>	97
6.3	Considerações finais	98
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS	99
7.1	Os objetivos iniciais	99
7.2	As análises propostas	100
7.3	Limitações da pesquisa	103
7.4	Futuros desdobramentos	104
	REFERÊNCIAS	106
	ANEXOS	110

1 INTRODUÇÃO

O discurso religioso, como tantos outros discursos, tem sofrido rápida evolução nas últimas décadas. Há tempos atrás, o líder da igreja representava o papel de detentor do saber e do vínculo entre Criador e criatura. O tom de autoridade baseada na Palavra de Deus era marcante nas relações interpessoais.

Sabe-se que hoje este quadro tem apresentado constantes mudanças, uma vez que a igreja, a fim de divulgar intensamente suas crenças, tem investido em várias formas de propagação: Internet, jornal, TV, revistas, rádio, etc. Dessa forma, é apresentado ao fiel e ao “futuro fiel” um leque de possibilidades, já que mesmo no corre-corre do dia-a-dia é perfeitamente possível sintonizar uma rádio religiosa ou receber um exemplar de algum dos periódicos voltados ao público cristão.

O mundo mudou, e a ciência tem confrontado cada vez mais aspectos religiosos. Por isso, tornou-se necessária uma adequação do discurso religioso à realidade: este precisa re-negociar o tipo de relação interpessoal que tem com seus interlocutores.

Apesar de manter os mesmos conceitos bíblicos, o discurso religioso tem assumido uma postura cada vez mais próxima do fiel, seja apontando itens de seu cotidiano, seja utilizando uma linguagem voltada para o pessoal, com predominância de segunda pessoa do singular, como se fosse uma carta.

A Igreja Universal do Reino de Deus (doravante IURD) tem papel importante nessas transformações. Segmento religioso presente nos mais diversos lugares do país, a IURD ganha novos adeptos a cada dia. Além da sua relevância, o tema sempre me interessou pelo fato de eu ter crescido no meio evangélico, e acompanhado o crescimento dessa igreja. Conhecedora do jargão evangélico e das mais diversas formas de expressão da religião Protestante, decidi aprofundar minhas análises com base no discurso ministrado pelos líderes da igreja criada por Edir Macedo (capítulo 4, seção 2). Além disso, esta denominação evangélica foi selecionada por oferecer maior quantidade de material para pesquisa.

Para a pesquisa, serão utilizados textos de mensagens, extraídos do jornal Folha Universal (disponível tanto impresso quanto online), produzido pela Igreja Universal do Reino de Deus. Pretende-se desenvolver este estudo a partir do quadro teórico do Sistema da Avaliatividade (ou Valoração – capítulo 2, seção 2), proposto por Martin & White (2005), mais especificamente apontando aspectos do subssistema do Engajamento, onde há a

negociação de sentidos entre o líder religioso e seu interlocutor – o membro ou candidato a membro da IURD.

Esta pesquisa justifica-se ainda em função de sua contribuição teórica, visto que não há do conhecimento desta pesquisadora estudos sobre o Sistema da Avaliatividade em um corpus com as características daquele organizado para esta pesquisa.

Neste trabalho, nosso alvo não é apenas mostrar as peculiaridades das estratégias de persuasão do discurso da IURD, mas também oferecer caminhos e possibilidades para estudos futuros, na área.

1.1 Objetivo da pesquisa

Apesar de o discurso religioso ser um tema que oferece amplas possibilidades de pesquisa, não se tem notícia de quaisquer pesquisas que tenham desenvolvido estudos de mensagens publicadas em jornais de conteúdo voltado ao público cristão-evangélico, sobretudo utilizando o Sistema da Avaliatividade.

Um dos objetivos dessa pesquisa é tomar como objeto de estudo o discurso da Igreja Universal do Reino de Deus, materializado em textos publicados no jornal Folha Universal e em sites, tanto da referida igreja quanto nos sites vinculados ao segmento religioso.

Pretende-se identificar as estratégias persuasivas utilizadas pelos líderes religiosos para atrair e manter seus fiéis, com base no quadro teórico adotado (capítulo 2). O trabalho de persuasão da referida igreja se dá através não apenas do contexto religioso como um todo, mas principalmente através da linguagem, do discurso. Então, o objetivo do presente trabalho é analisar como (e se) a Avaliação auxilia no processo persuasivo.

1.2 Questões de pesquisa

Dentro do referido discurso, e a partir do corpus selecionado, pretende-se, neste trabalho, apontar como são negociadas as relações interpessoais no discurso religioso da atualidade - mais especificamente, o discurso dos Bispos da Igreja Universal do Reino de Deus. A partir dessa ideia, visamos responder às seguintes questões:

1. Que estratégias persuasivas são usadas nas mensagens da IURD publicadas online - e também no jornal específico dessa igreja - para atrair e manter seus membros?
2. Que tipo de relação com o seu interlocutor é construída discursivamente pelo líder religioso?
3. Que tipo de imagem de si é projetada no texto pelo líder religioso?
4. Que tipo de imagem este líder projeta do seu interlocutor, no texto?
5. Como podem ser caracterizados os textos do *corpus* desta pesquisa, do ponto de vista do gênero?
6. Os textos apresentam os quatro movimentos retóricos típicos do gênero *sermão*, tais como propostos por BRINTON (1995 apud CIPRIANI, 2002)?

Do ponto de vista mais específico do quadro teórico adotado (cf. Capítulo 2), as questões de pesquisa a orientarem este trabalho serão as seguintes:

1. Como o subsistema do Engajamento aparece nos textos selecionados como corpus?
2. Como o referido subsistema viabiliza as estratégias de persuasão no texto?
3. É possível identificar um padrão recorrente no uso dos recursos (de contração e expansão dialógica) do sistema do Engajamento?
4. Caso a resposta seja afirmativa, quais as implicações do padrão de uso observado na amostra da pesquisa?
5. Ocorre, nas mensagens selecionadas, a expansão do potencial dialógico do discurso? Onde e como?
6. E a contração dialógica, é uma das características dos textos do corpus desta pesquisa?
7. De que forma este padrão se relaciona com as características genéricas dos textos da amostra?

1.3 A organização do trabalho

No capítulo 1, apresenta-se o tema desta pesquisa, sua relevância, a par dos objetivos da pesquisa e das questões de pesquisa que orientam este trabalho.

No capítulo 2, é introduzido o quadro teórico que funcionará como apoio para o estudo proposto. Em primeiro lugar, apresentam-se conceitos centrais da Linguística Sistêmico-Funcional de orientação hallidayana, com destaque para aqueles elementos considerados mais pertinentes para esta pesquisa. Em seguida, apresenta-se o quadro do Sistema da Avaliatividade, de Martin & White (2005), que proverá as categorias analíticas para desenvolvimento deste estudo. Antes do Sistema da Avaliatividade, no entanto, sentiu-se necessidade de apresentar algumas considerações sobre Gênero e Registro na Linguística Sistêmico-Funcional, dimensões fundamentais para este quadro teórico. Após a Seção com a descrição das categorias centrais do Sistema da Avaliatividade, passa-se para considerações sobre o gênero “Sermão”, que servirá como ponto de partida para a análise genérica dos textos constituintes da amostra desta pesquisa.

No capítulo 3, é apresentada uma breve revisão da literatura, onde se busca mencionar algumas pesquisas realizadas na área do discurso religioso e do Sistema da Avaliatividade.

No capítulo 4, são apresentadas informações sobre a Igreja Universal do Reino de Deus, de modo a fornecer dados contextuais que permitam ao leitor acompanhar as análises aqui apresentadas.

No capítulo 5, descreve-se a metodologia desta pesquisa. Na primeira seção, são discutidos os critérios adotados na constituição do corpus ou amostra desta pesquisa. A seção seguinte é de compilação e descrição do corpus. Finalmente, a última seção, intitulada Tratamento dos Dados, apresenta as etapas obedecidas no desenvolvimento desta pesquisa.

O capítulo 6, de natureza analítica, apresenta as análises desenvolvidas e os resultados desta pesquisa. A organização do capítulo obedece às categorias do sistema de Engajamento, que orientou todas as análises.

Para finalizar, o capítulo de Considerações finais retoma o percurso da pesquisa; apresenta os seus resultados de forma resumida; discute e aponta as implicações dos resultados; e, finalmente, aponta as limitações da pesquisa e caminhos ou futuros desdobramentos.

2 QUADRO TEÓRICO

‘Avaliação’, de acordo com a Linguística Sistêmico-Funcional, é um termo amplo que engloba os diferentes recursos usados para a atribuição de valor a elementos da experiência social. Durante a produção do discurso, diversos aspectos são levados em conta pelo locutor, que conduz a produção de seu discurso considerando aspectos que vão desde suas experiências pessoais até sua intenção e objetivo naquele texto.

Através de tal fenômeno, tornam-se relevantes alguns aspectos, tais como: o quê está sendo avaliado no discurso; quem avalia no discurso; e como se avalia, ou seja, as dimensões da avaliação.

Na Linguística Sistêmico-Funcional (LSF), o estudo da avaliação é feito por Martin & White (2005), no Sistema da Avaliatividade, que será apresentado na seção 2.2. Antes, porém, é preciso apresentar a LSF, quadro teórico em que se insere essa teoria.

O segmento seguinte é baseado em GHIO & FERNANDEZ (2005).

2.1 Linguística sistêmico-funcional

Esta pesquisa se fundamenta nos pressupostos teóricos da Linguística Sistêmico-Funcional, postulada por Michael Halliday, na Inglaterra, no período entre final do ano de 1950 e começo de 1960. Halliday se baseou nos antecedentes de J. R. Firth, também britânico. Com o tempo, a partir da década de 70, Halliday ampliou a abrangência de sua teoria ao fundar o departamento de Linguística na Universidade de Sydney. A partir daí, seus fundamentos teóricos foram expandidos não apenas no referido país, mas também em várias partes do mundo.

Algumas aplicações da teoria propostas por Halliday são:

- A compreensão da natureza e das funções da linguagem;
- A compreensão da forma como uma língua evolui através do tempo;
- A compreensão da qualidade dos textos, ou seja: por que um texto significa o que significa e por que é valorado como tal;

- A compreensão de como a língua varia de acordo com o usuário de acordo com as funções que cumpre;
- A compreensão dos textos poéticos e literários, e a natureza da arte verbal;
- A compreensão da relação existente entre linguagem e cultura e entre linguagem e situação;
- A compreensão de aspectos do papel da linguagem na vida de uma comunidade e de um indivíduo, como, por exemplo, o multilinguismo, a socialização, etc.

A LSF oferece ferramentas para o estudo da linguagem a partir de uma perspectiva sociosemiótica. Conceber a linguagem como semiótica implica seu entendimento como um modo de construir significados motivados social e culturalmente. Em toda cultura, existem formas de significados que se projetam fora da esfera da linguagem. Tais formas são, ao mesmo tempo, portadoras e criadoras de significados na cultura. A linguagem, contudo, ocupa um lugar privilegiado dentro desse conjunto de sistemas semióticos.

Halliday considera a linguagem como um fenômeno fundamentalmente social, em oposição ao individual. O ser humano se relaciona com outros e interage com eles por meio da linguagem, e a natureza do indivíduo é derivação e extensão de sua participação no grupo.

Segundo o autor referido, existem duas perspectivas para o estudo da linguagem:

- a) Intra-organismos, que diz respeito a aspectos mecânicos e internos do cérebro.
- b) Inter-organismos, que se refere ao comportamento do indivíduo no meio social, além das interações desenvolvidas pelo mesmo.

É importante ressaltar que o contexto é um fator de suma importância no estudo da linguagem. É nele que a língua é utilizada e compreendida. Surge aí a questão da importância da aplicação adequada da língua a diferentes situações de linguagem. Para que a comunicação ocorra efetivamente, é necessário um conhecimento prévio de pelo menos algumas das regras básicas existentes no mundo social.

Halliday orienta seus estudos da linguagem para a perspectiva inter-organismos: ele adota um critério funcional.

... como las cuestiones que nos interesan especialmente son cuestiones educativas, las dimensiones sociales del lenguaje nos parecen particularmente relevantes. El aprendizaje es por sobre todas las cosas, un proceso social, y el medio ambiente en el que tiene lugar la educación es una institución social, ya sea que la pensemos en términos concretos, en la escuela y el aula con sus estructuras sociales claramente definidas, o en términos más abstractos, en el contexto más amplio del sistema educativo escolar, o en el proceso educativo tal como es concebido por nuestra sociedad. El conocimiento se transmite, se crea y se recrea en contextos sociales, a través de relaciones sociales como las de padres/hijos, o maestros/alumnos/grupo de pares, [relaciones] que son definidas por la ideologías y por los sistemas de valores de la cultura. Y las palabras que se intercambian en estos contextos adquieren significados en las actividades en las que se insertan, que también son actividades sociales... (Halliday & Hassan, 1985 [1990]: 5)

De acordo com a LSF, a teoria não deve se restringir à enumeração dos usos do sistema linguístico, se pretende classificar o aspecto social como parte inerente do mesmo. Ela deve, sim, mostrar qual é a relação dialética que se estabelece entre os usos da linguagem e o sistema linguístico. Na próxima seção, apresentam-se as metafunções da linguagem, um componente fundamental para a compreensão da forma como a linguagem se organiza como um sistema semântico, segundo proposta da Linguística sistêmico-Funcional.

2.1.1 Gênero e registro

O registro, variação de acordo com o uso, se distingue da noção de dialeto, que é a variação de acordo com o usuário. A variação de registro se refere à diversidade dos processos sociais e tem a ver com a situação comunicativa. Existem variados registros, e o uso de cada um deles será determinado pela situação linguística do momento. Exemplos: linguagem específica da profissão (jargão), instruções em um manual, etc.

Halliday & Hasan (1985: 39-43) afirmam que existem dois tipos de registros, a saber:

1 – Registros fechados: não deixam espaço para expressão individual ou criatividade. A variedade de significados é restrita. Exemplo: tipo de linguagem usada em alguns jogos.

2 – Registros mais abertos: diferentes tipos de estratégias conversacionais e de formas de discurso usados para persuadir, entreter, ensinar, etc. Exemplos: narrações informais e conversas instantâneas.

Segundo Halliday, os registros linguístico-comunicativos são variedades léxico-gramaticais que se relacionam com diferentes contextos de situação. As formas linguísticas de um registro são configuradas, então, pelos *variáveis da situação*, que ativam redes de opções semânticas – seleções semânticas que levam a vincular a atuação linguística com um modelo de ação. São eles:

- a) Campo do discurso: variações da língua de acordo com o tipo de ação. Campo de ação.
- b) Relação do discurso: grau de formalidade entre os participantes da interação: pai/filho, professor/aluno, líder religioso/ leitor.
- c) Modo do discurso: meio em que se realiza o discurso ou texto: oral ou escrito, audiovisual, etc.

O que constitui o gênero?

Swales (1990:46) afirma que “... el rasgo que constituye el principal critério para definir un conjunto de eventos comunicativos como un gênero es un conjunto de propósitos comunicativos compartidos”.

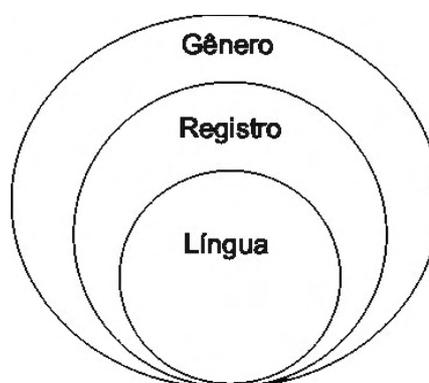


Figura 2 – Relação entre Gênero, Registro e Língua.

Martin (1993:2) identifica gênero como “uma categoria que descreve a relação entre o propósito social de um texto e a estrutura da língua”. Dessa forma, “gênero” seria um guia cultural que orienta as etapas de elaboração do texto: o mesmo que *tipo textual*. Um gênero apresenta um conjunto de eventos que levam à criação de um texto baseado em um propósito comunicativo/social.

Um gênero representa um ato linguístico reconhecido culturalmente e produzido por uma comunidade discursiva. É ele que fornece as estruturas necessárias para a criação de um

texto aceito socialmente em determinado grupo social. Ao contrário do registro, o gênero não apenas especifica tipos de códigos em um grupo de textos relacionados entre si: ele fornece a trilha a ser percorrida na produção dos mesmos.

Nesta pesquisa, a categoria “gênero” será estudada para se identificar os textos do corpus, a partir de proposta de Brinton (1995 apud CIPRIANI, 2002) - capítulo 2, seção 3. Antes de apresentar a proposta de Brinton (1995 apud CIPRIANI, 2002), no entanto, é necessário dar prosseguimento às fundações teóricas desta pesquisa, apresentando o Sistema da Avaliatividade, tema da próxima seção.

2.2 Sistema da Avaliatividade

O Sistema da Avaliatividade foi introduzido por Martin e desenvolvido por Martin & White (1994). É utilizado para analisar, de forma sistemática, a perspectiva e a avaliação em textos ou em grupos de textos, através de suas funções sociais. A Valoração não está interessada apenas nas formas através das quais falantes/escritores expressam sentimentos ou posicionamentos, mas nos meios que permitem que posições de valor sejam adotadas socialmente, a fim de aproximar ou distanciar a relação com determinada comunidade. Atitude, Engajamento e Gradação são os três subsistemas de base no Sistema da Avaliatividade.

No quadro abaixo, são apresentados os domínios semânticos da Avaliação, com exemplos retirados do corpus desta pesquisa:

Quadro 1:

DOMÍNIOS SEMÂNTICOS DA AVALIAÇÃO (Adaptado de MARTIN, 2000 In BALOCCO, 2008)	
Atitude	Recursos usados na atribuição de valor a elementos de nossa experiência social. Exemplo: “De forma um tanto rude...” (texto 2 – linha 10)
	Recursos usados para negociar valores sociais e posições discursivas.

Engajamento	Exemplo: “ <i>O apóstolo Paulo ensina ‘o caminho das pedras’, como se diz popularmente, para um casamento duradouro.</i> ” (texto 1 – linha 24)
Gradação	Recursos usados para ajustar (amplificando ou atenuando) e para focalizar valores sociais. Exemplo: “Este ensinamento cerceia a mente de tal forma que aquilo que está estabelecido sobre a fé é aceito sem questionamento.” (texto 4 – linhas 13 a 15)

Domínios Semânticos da Avaliação

‘Atitude’ é o termo usado para referência ao fenômeno da atribuição de valor. Neste subsistema, a Valoração aparece através de recursos de:

- Afeto: significados fundamentalmente atitudinais associados à emoção. Exemplo: “... a consciência pode se tornar *insensível* e *cauterizada*”. (texto 2 – linha 18)

- Julgamento: significados que indicam uma visão de aceitabilidade social de comportamento de agentes humanos, através de referências a determinado sistema de normas sociais. Exemplo: “... muitos cristãos *sinceros* (...) têm sido enganados pelos próprios sentimentos...”. (texto 5 – linha 1)

- Apreciação: significados usados para avaliar fenômenos semióticos e naturais através de referências a seu valor em determinado campo – referência a qualidades estéticas. Exemplo: “... não teríamos maravilhas como um céu *estrelado* na noite de verão...”. (texto 4 – linha 6)

Gradação é um recurso usado para focalizar os valores sociais, e também para amplificá-los ou atenuá-los, promovendo um ajuste do valor do enunciado. Exemplo: “Por que precisamos passar por *tantas* angústias antes de chegar a este entendimento?”. (texto 4 – linha 11)

2.2.1 Engajamento

O subsistema do Engajamento (ou “posicionamento dialógico”), de que se valerá este trabalho, permite a exploração da forma como são negociadas as opiniões no texto. Na

verdade, ‘negociação de sentidos’ é a expressão-chave desse subsistema, que difere da Atitude – esta se localiza no eixo das opiniões.

Segundo Martin & White (2005), o Engajamento abarca dois valores:

1) de **expansão** do potencial dialógico dos enunciados;

2) de **contração** do potencial dialógico dos enunciados.

Na expansão dialógica, observa-se a preocupação em se codificar explicitamente a natureza aberta dos sentidos, passíveis de negociação através da linguagem.

Na contração, por outro lado, a negociação de sentidos é desencorajada, visto que a posição do locutor é apresentada de forma enfática. Nas seções a seguir, estes valores são estudados separadamente.

2.2.1.1 Recursos de expansão dialógica

As categorias semântico-funcionais reconhecidas na expansão dialógica são a Ponderação e a Atribuição, como indica o quadro abaixo, com exemplos retirados do corpus desta pesquisa:

Quadro 2:

ENGAJAMENTO: Recursos de expansão dialógica	
Ponderação	“ Normalmente , as pessoas são mais emocionais do que racionais (...)” (texto 4 – linha 18)
Atribuição	“ A mulher com a qual o Senhor Jesus conversa em certa passagem bíblica, falava com o Messias em Pessoa e não ”

	conseguiu enxergar isso, pois os olhos espirituais dela estavam cegos (...)” (texto 4 – linhas 24 a 26)
--	--

Engajamento

Tanto na Ponderação quanto na Atribuição, o locutor abre-se para o diálogo com posições discursivas diferentes da sua. Cada uma destas categorias será apresentada numa seção separada, com a descrição dos recursos lexicogramaticais que as realizam.

2.2.1.1.1 *Ponderação* .

Dentro dos parâmetros de expansão dialógica, temos primeiramente a Ponderação¹, onde a posição discursiva do autor é apresentada como sendo uma dentre outras já existentes. Há predominância dos verbos modais, adjetivos, substantivos e advérbios modais, locuções modais e verbos de atitudes proposicionais. A seguir, um exemplo retirado do corpus desta pesquisa para ilustrar esta categoria:

“Para muitos, o casamento nada mais é que um contrato social.”

Nesta oração, encontrada no texto 1 do corpus (linha 6), o sintagma preposicionado *“para muitos”* restringe o valor de verdade da proposição, ao indicar que esta posição discursiva é compartilhada por um bom número de pessoas (*“muitos”*), mas não tem valor universal (*“todos acreditam que o casamento nada mais é que um contrato social”*).

A seguir, apresenta-se um quadro sinótico com os recursos de expansão dialógica na categoria da Ponderação.

Quadro 3:

PONDERAÇÃO (adaptado de Martin & White, 1994)

¹ As letras maiúsculas são usadas na LSF para referência às categorias do sistema.

Recursos gramaticais:	Exemplos:	Exemplo no corpus:
Verbos auxiliares modais com função de atenuação	Poder, dever, querer.	“Então, se você recebeu o Senhor Jesus e não tem esse poder – de ser filho de Deus –, deve examinar a própria vida e identificar se a mentira, a prostituição ou o fracasso espiritual têm feito parte dela” (texto 5 – linhas 20 a 23)
Adjuntos ¹ modalizadores, ou com função de atenuação	<i>de probabilidade:</i> provavelmente, possivelmente, talvez	“ Sempre que for possível , observe o céu à noite, (...)” (texto 4 – linha 1)
	<i>de frequência:</i> às vezes, geralmente, raramente	“ Normalmente , as pessoas são mais emocionais do que racionais (...)” (texto 4 – linha 18)
	<i>de volição:</i> relutantemente, com dificuldade	“Quantas pessoas estão há anos na igreja e ainda nutrem nos pensamentos os pecados do passado?” (texto 3 – linhas 1 e 2)
	<i>de valor temporal:</i> já, ainda, imediatamente,	“(...) e, guiadas pelo coração, na maioria das vezes , fazem péssimas escolhas.” (texto 4 – linhas 18 e 19)
	<i>de intensidade:</i> meramente, apenas	“Para muitos, o casamento nada mais é que um contrato social.” (texto 1 – linhas 5 e 6)
Metáforas modais com função de atenuação	<i>Verbos de atitudes proposicionais:</i> Eu acho / acredito / penso que X	“Eu acredito que o casamento nada mais é que um contrato social” (exemplo criado pela Pesquisadora)
	<i>Adjetivos modais, só, ou em predicados cristalizados:</i> É possível / provável / que X	“(...) é certo que cedo ou tarde naufragará na fé e perderá a Salvação, (...)” (texto 2 – linhas 5 e 6)

	<i>Substantivos modais:</i> A possibilidade / probabilidade de X	“É grande a possibilidade de haver pessoas na igreja que ainda não tiveram um encontro com Deus.” (exemplo criado pela Pesquisadora)
--	--	--

Ponderação

Observa-se, no quadro acima, que há diferentes tipos de recursos lexicogramaticais usados na expansão dialógica, desde verbos auxiliares modais, passando pelos adjuntos modais, e chegando aos predicados cristalizados como *É possível que X*, todos com valor de atenuação. Na contração dialógica, várias destas estruturas gramaticais são também usadas, mas neste caso com força asseverativa (veja seção 6.2.2).

Além destes recursos, a atenuação compreende também o uso da prosódia, “como nos alongamentos vocálicos e na mudança de tessitura, em “trabalhei mui||to, mas muito MESmo” (ILARI, 1993, p. 217), mas estes não serão aqui analisados por serem recursos característicos do discurso oral. O mesmo autor cita também os modos verbais como recursos usados na modalização, mas os mesmos não serão alvo de análise nesta pesquisa.

2.2.1.1.2 Atribuição

Outra categoria existente na expansão dialógica é a Atribuição, em que o locutor traz fontes externas para o seu discurso, posicionando-se em relação às mesmas. Os verbos *dicendi* são bastante usados neste caso, bem como a nominalização de processos *dicendi* e os sintagmas preposicionados. Segue um exemplo retirado do corpus desta pesquisa: “Além disso, *é como disse o apóstolo*: ‘Mas, a todos quantos o receberam, deu-lhes o poder de serem feitos filhos de Deus, a saber, aos que crêem no seu nome’.”. (texto 5 – linha 17).

Observa-se, neste exemplo, que o locutor faz referência à voz do apóstolo Paulo para fundamentar sua própria posição discursiva. No entanto, a Atribuição é frequentemente usada para dar espaço para diferentes posições discursivas. No quadro a seguir, são apresentados os recursos gramaticais usados na Atribuição.

Quadro 4:

ATRIBUIÇÃO: RECURSOS PARA CITAR E REPORTAR FONTES EXTERNAS (adaptado de DROGA & HUMPHREY, 2002, p. 91)		
REALIZAÇÃO GRAMATICAL	VERBOS DICENDI	VERBOS DE COGNIÇÃO
PROCESSOS	<i>Processos verbais:</i> dizer, relatar, contar, anunciar, escrever, ênfatizar, argumentar, responder, propor, estabelecer	<i>Processos mentais:</i> pensar, sentir, acreditar, presumir, reconhecer
NOMINALIZAÇÕES	Dito, relatório, argumento, resposta, anúncio	Pensamento, sentimento, crença, presunção, opinião
SINTAGMAS PREPOSICIONADOS E OUTROS RECURSOS	“De acordo com o apóstolo Paulo, a salvação...” (exemplo criado pela Pesquisadora)	“Na percepção do verdadeiro Cristão, servir a Deus é indispensável.” (exemplo criado pela Pesquisadora)

Atribuição I

Observa-se, no quadro apresentado, que os processos nominalizados são um recurso importante para a inclusão de diferentes vozes num texto, a par dos recursos mais convencionais como os verbos *dicendi*.

Na Atribuição, é importante a análise da forma como a fonte externa é introduzida no texto pelo locutor, de forma a corroborar, ou não, suas posições discursivas. No quadro a seguir, apresentam-se as diferentes possibilidades de posicionamento do locutor em relação às fontes externas que traz para seu discurso.

Quadro 5:

ATRIBUIÇÃO:

OPÇÕES NA INCLUSÃO DE FONTES EXTERNAS (ADAPTADO DE DROGA & HUMPHREY, 2002, p. 91)		
	PROCESSOS	NOMINALIZAÇÃO + VALORAÇÃO
Com função de endosso positivo (“endorsement”)	Afirmar, concordar, enfatizar, demonstrar, esclarecer	(argumento) válido, plausível, relevante, claro, convincente, útil, imparcial
Com função de endosso negativo ou distanciamento (“dis-endorsement”)	Argumentar, sugerir, propor, acreditar, pensar, reconhecer, pressupor, especular, na sua opinião	(argumento) inválido, superficial, questionável, distorcido, parcial
Inclusão neutra, sem endosso positivo ou negativo (“non-endorsing”)	Dizer, relatar, apontar, notar, descrever, explicar, para X, de acordo com X	(argumento) controvertido, dividido

Atribuição II

O quadro mostra que a introdução de diferentes vozes (ou fontes externas) no texto não é feita sem um posicionamento do locutor em relação a elas, através de recursos lexicogramaticais de Valoração, como na terceira coluna da tabela, em que o termo valorativo acompanha uma nominalização. Por outro lado ainda, a valoração pode ser codificada no próprio processo verbal, como mostra a segunda coluna do quadro.

Como recurso de expansão dialógica, a Atribuição cobre a opção de Inclusão neutra, sem endosso positivo ou negativo. Aqui, uma fonte externa é trazida para o texto para sugerir a natureza negociável de determinada posição discursiva, como no exemplo “Aponta-se a natureza de contrato social do casamento”. A escolha de processo verbal neste caso indica que o locutor deixa em aberto se esta proposição deve ou não ser contestada.

Já no endosso positivo ou negativo, a fonte externa tem função de servir como apoio para as posições discursivas do locutor, como nos exemplos “X argumenta de forma convincente que o casamento nada mais é que um contrato social” (endosso positivo) ou “X apresenta um argumento superficial sobre a natureza do casamento como um mero contrato social” (endosso negativo). Tanto num caso como no outro, o endosso positivo ou negativo implica o locutor com a proposição em questão, fechando ou tornando mais difícil a negociação de sentidos.

No entanto, embora possam ser entendidas como recursos de contração dialógica, as opções de Endosso positivo ou negativo também podem ser vistas como recursos de ampliação da potencialidade dialógica do enunciado, se contrastadas com afirmações categóricas, que representam o grau máximo de contração dialógica, como nos exemplos a seguir:

Exemplo 1: “O casamento nada mais é que um contrato social.”.

Exemplo 2 (retirado do corpus): “*Para muitos*, o casamento nada mais é que um contrato social”.

Verifica-se, no exemplo 2, que o sintagma preposicionado “para muitos”, funciona como um elemento que circunscreve o valor de verdade do enunciado, ampliando assim seu potencial dialógico. Já no primeiro exemplo, o enunciado é codificado com valor de verdade universal, sendo assim entendida a asserção categórica como o grau máximo de contração dialógica.

A valoração das fontes externas se dá também pelas diferentes opções no sistema linguístico em relação à codificação da natureza da fonte citada, como no quadro a seguir.

Quadro 6:

ATRIBUIÇÃO: OPÇÕES NA CODIFICAÇÃO DO TIPO DE FONTE EXTERNA (ADAPTADO DE DROGA & HUMPHREY, 2002, p. 94)		
DIMENSÕES	TIPOS	Exemplos
Eixo da personalidade	Pessoal	“ <i>O apóstolo Paulo</i> ensina “o caminho das pedras”, como se diz popularmente, para um casamento feliz e duradouro” (texto 1 – linhas 24 e 25)
	Impessoal	“ <i>Muitas pessoas</i> vivem vidas de fachada, na carne, na prostituição, na bigamia, com fé dúbia, mas que participam de tudo na igreja, porque isso é fácil, não há

		dificuldade.” (texto 5 – linhas 32 a 34)
Eixo da identificação	Identificada	“Dados de uma pesquisa realizada pelo jornal Folha Universal indicam que...” (exemplo criado pela Pesquisadora)
	Não-identificada	“Pesquisas recentes indicam que o número de fiéis tem aumentado consideravelmente...” (exemplo criado pela Pesquisadora)
Eixo da especificação	Específica	“A família foi a primeira instituição criada por Deus. <i>Ele deixou registrado</i> em Sua Palavra: “Não é bom que o homem esteja só; far-lhe-ei uma auxiliadora que lhe seja idônea” (texto 1 – linhas 10 a 12)
	Não-específica	“ <i>Acredita-se</i> que nem todos tiveram acesso à Santa Palavra.” (exemplo criado pela Pesquisadora)
Eixo da pluralidade	Singular	“ <i>Para o homem e a mulher de Deus</i> , entretanto, ele representa muito mais que isso, e vai além do objetivo de reprodução humana, conforme pregam alguns setores religiosos.” (texto 1 – linhas 7 a 9)
	Plural	“ <i>Para muitos</i> , o casamento nada mais é que um contrato social.” (texto 1 – linhas 5 e 6)
Eixo do estatuto da fonte	Fonte com alta credibilidade ²	<i>Jesus</i> disse: “Desde os dias de João Batista até agora, o reino dos céus é tomado por esforço, e os que se esforçam se apoderam dele. (Mateus 11.12)” (texto 5 – linhas 36 a 38)
	Fonte com baixa credibilidade	“Certa vez, <i>um membro da igreja</i> relatou o seguinte fato: ...”

² É importante ressaltar que as fontes utilizadas pelo Bispo são, quase que em sua totalidade, figuras religiosas e ícones do Cristianismo – através de citações extraídas da própria Bíblia - o que confere alto grau de credibilidade ao seu discurso.

	(exemplo criado pela Pesquisadora)
--	------------------------------------

Atribuição III

Para finalizar, é preciso ainda analisar as opções disponíveis no sistema linguístico em relação à integração textual das fontes externas. Duas possibilidades são reconhecidas aqui: a primeira delas é a Inserção, em que a integridade da fonte é preservada (o chamado ‘discurso direto’) e a Assimilação, em que o locutor dispõe de liberdade na reprodução do material original (‘o discurso indireto’). Do ponto de vista do quadro teórico apresentado, esta opção é relevante, pois a Assimilação permite que a perspectiva do locutor seja codificada no processo de Atribuição.

O quadro abaixo apresenta estas opções.

Quadro 7:

ATRIBUIÇÃO: OPÇÕES NA INTEGRAÇÃO TEXTUAL DE FONTES EXTERNAS (adaptado de DROGA & HUMPHREY, 2002, p. 94)	
Opções	Exemplos
INSERÇÃO	O apóstolo Paulo diz: “o casamento duradouro requer paciência e abnegação”. (exemplo adaptado)
ASSIMILAÇÃO	“O apóstolo Paulo ensina “o caminho das pedras”, como se diz popularmente, para um casamento feliz e duradouro.” (texto 1 – linhas 24 e 25)

Atribuição IV

No segundo exemplo, observa-se que a modulação da voz do apóstolo Paulo serve aos desígnios do pastor, de apresentar uma posição discursiva particular, no que diz respeito

ao casamento³. Tendo descrito as categorias usadas na ampliação dialógica, na seção a seguir são apresentadas as categorias no eixo da contração dialógica.

2.2.1.2 Recursos de contração dialógica

Dentro dos parâmetros de contração dialógica, surgem a Contraposição e a Proposição, como no quadro sinótico apresentado a seguir:

Quadro 8:

ENGAJAMENTO: Recursos de contração dialógica (adaptado de Martin & White, 1994)		
Contraposição	Negação	“(…) a fé cristã não é teórica como a dos fariseus hipócritas.” (texto 3 – linhas 25 e 26)
	Contra- expectativa	“Então, faça a sua parte. Do contrário , você é quem perde.” (texto 5 – linhas 38 a 40)
Proposição	Expectativa Confirmada	“ É verdade que alguns hábitos, como a bebida e o cigarro, podem ter sido deixados no passado, mas isso é o mínimo que se espera de um convertido.” (texto 5 – linhas 29 a 31)
	Endosso	“(…) as pessoas são mais emocionais do que racionais e, guiadas pelo coração, na maioria das vezes, fazem péssimas escolhas. Isso não é correto, e os apóstolos muito sabiamente já fizeram referência a

³ É importante ressaltar que os apóstolos defendiam o casamento monogâmico, estável e heterossexual. O conceito de “família unida” é exaltado pela Bíblia.

		este tipo de comportamento.” (exemplo adaptado pela Pesquisadora)
	Pronunciamento	“Quando se ingere algum alimento nocivo ao corpo, imediatamente ele manifesta desagrado, (...)” (texto 2 – linhas 10 e 11)

Contração Dialógica

Estas categorias são apresentadas em seções separadas, a seguir, com descrição dos recursos lexicogramaticais que as realizam.

2.2.1.2.1 *Contraposição*

Nesta categoria, encontram-se os recursos lexicogramaticais usados para rejeitar uma posição discursiva diferente daquela apresentada pelo locutor. São duas as possibilidades na Contraposição: a Negação e a Contra-expectativa.

No caso da primeira, uma posição discursiva contrária é reconhecida, mas não aceita (Negação)⁴. Segue um exemplo retirado do corpus desta pesquisa: “Ele não criou primeiro as leis e os mandamentos para depois criar o ser humano.” (texto 1 – linha 12). Como sugere o exemplo apresentado, o que ocorre na Negação é que um enunciado anterior é mobilizado (“Deus criou primeiro as leis e os mandamentos para depois criar o ser humano”), representando uma posição discursiva contrária à do locutor. Ao codificar a posição contrária no seu próprio enunciado, negando-a, o locutor desautoriza a sua contradição. Para contradizê-lo, seria preciso um trabalho laborioso de proteção à sua face.

Outro aspecto da contração dialógica é a Contra-expectativa, onde é projetada uma posição contrária no discurso, que surge com a única finalidade de ser rejeitada. Exemplo: “Para muitos, o casamento nada mais é que um contrato social. *Para o homem e a mulher de Deus, entretanto*, ele representa muito mais que isso”. (texto 1 – linha 6). O efeito de sentido da Contra-expectativa é o de aproximar o locutor de seu auditório: no exemplo aqui apresentado, o líder religioso demonstra que conhece as crenças e expectativas dos membros

⁴ Como coloca em relação dois dizeres, este tipo de Negação é também chamado de “negação polêmica”, no quadro da Análise do discurso de base enunciativa.

de sua igreja (“para muitos, o casamento nada mais é que um contrato social”), embora não as acate.

No quadro a seguir, são apresentados os recursos lexicogramaticais que realizam as duas categorias reconhecidas por Martin & White (2001).

Quadro 9:

CONTRAPOSIÇÃO: RECURSOS LEXICOGRAMATICAIS (adaptado de DROGA & HUMPHREY, 2002, p. 98)			
CATEGORIA	RECURSOS GRAMATICAIS	EXEMPLOS	EXEMPLOS DO CORPUS ⁵
Negação	Orações e elementos negativos	Não; nunca; não é; não acontecerá	O casamento <u>nada mais</u> é que um contrato social.
Contra-expectativa	Adjuntos de comentário	Incrivelmente, surpreendentemente, com certeza	<u>Surpreendentemente</u> , para muitos o casamento nada mais é que um contrato social.
	Conjunções concessivas	Mas, no entanto, enquanto, embora	<u>Embora</u> muitos acreditem que o casamento é apenas um contrato social, o mesmo pode ser mais que isso.
	Sintagmas preposicionados	Apesar de,	<u>Apesar de</u> muitos conceberem o casamento como um contrato social, há aqueles que têm uma perspectiva diferente.
	Adjuntos modais	Ainda, finalmente, apenas, mesmo	Há aqueles que <u>ainda</u> vêm o casamento apenas como um contrato social.

Contraposição

⁵ Exemplos adaptados do texto 1.

Segundo Martin & White (2005, p. 120), tanto a Negação quanto a Contra-expectativa são dialógicas, se comparadas com uma asserção categórica. Ambas, segundo os autores, reconhecem uma posição alternativa. Sua proximidade funcional traduz-se na possibilidade de sua co-ocorrência no enunciado, como no exemplo: “Ao contrário do que muitos pensam (Concessão/Contra-expectativa), o casamento nada mais é do que um contrato social (Negação)”.

Na próxima seção, são apresentadas as categorias da Proposição, com descrição dos recursos lexicogramaticais usados para realizá-las.

2.2.1.2.2 *Proposição*

Na Proposição, reconhecem-se três sub-categorias, a saber: Expectativa Confirmada; Endosso e Pronunciamento.

Diferentemente da Contra-expectativa, na Expectativa Confirmada faz-se referência a uma crença de senso comum, como no exemplo a seguir, retirado do corpus: “Se o cristão não se importa com a má consciência e convive com ela, mesmo cumprindo outras obrigações religiosas, *é certo que* cedo ou tarde naufragará na fé e perderá a Salvação”. (texto 2 – linha 4)

No exemplo apresentado, o adjetivo de modalização epistêmica no eixo da certeza (“é certo que”) situa o valor da posição apresentada pelo líder religioso no senso comum, em vista de seu valor universal (“é certo para qualquer um”).

O Endosso já foi apresentado em seção anterior, onde se descreveram os recursos lexicogramaticais usados na Atribuição (seção 2.2.1.1.1). Basta dizer aqui que o Endosso positivo, mais frequente na Proposição, traz uma confirmação de verdade a uma fonte externa, trazendo uma voz de aprovação ao que acaba de ser dito. O exemplo a seguir ilustra o funcionamento desta categoria: “O Apóstolo ministrou de forma convincente que só o poder de Deus pode mudar o homem” (exemplo criado pela pesquisadora)

O Pronunciamento traz uma afirmação enfática da posição discursiva do locutor, o que significa que o mesmo assume responsabilidade direta pelo valor de verdade de seu enunciado, como no exemplo a seguir, retirado do corpus: “Podemos considerá-la [a consciência humana] como defensora da fé agradável a Deus” (texto 2 – linha 16). Ao

intervir pessoalmente no texto (“[nós] podemos”), o locutor contrai o potencial dialógico do enunciado, tornando difícil para seu interlocutor apresentar uma posição discursiva diferente da sua.

No quadro a seguir, apenas os recursos lexicogramaticais usados na realização das categorias Expectativa Confirmada e Pronunciamento são apresentados, visto que os que realizam o Endosso já foram descritos em seção anterior, presente na Atribuição (vide seção 2.2.1.1.2).

Quadro 10:

PROPOSIÇÃO: RECURSOS LEXICOGRAMATICAIIS (adaptado de DROGA & HUMPHREY, 2002, p. 98)			
CATEGORIA	RECURSOS GRAMATICAIIS	EXEMPLOS	EXEMPLOS DO CORPUS
Expectativa Confirmada	Adjuntos de comentário	Obviamente, inegavelmente, certamente, claramente	“(…) é certo que cedo ou tarde naufragará na fé e perderá a Salvação, (...)” (texto 2 – linhas 5 e 6)
Pronunciamento	Interpolações autorais via nominalizações ou verbos ilocucionais	Meu <u>argumento</u> é o de que; <u>acreditamos</u> que; <u>insisto</u> que	“ Podemos considerá-la [a consciência humana] como defensora da fé agradável a Deus” (texto 2 – linha 16). <hr/> “ Insisto que Jesus é o caminho para o reino de Deus” (exemplo criado pela Pesquisadora)
			“Quando se ingere algum alimento nocivo

	Adjuntos modais	Realmente, de fato, absolutamente	ao corpo, imediatamente ele manifesta desagrado, (...)” (texto 2 – linhas 10 e 11) <hr/> “Aquele que não se arrepende, vive absolutamente no pecado.” (exemplo criado pela pesquisadora)
--	-----------------	--------------------------------------	---

Proposição

Para Martin & White (2005, p. 99) a asserção categórica representa o grau máximo de “monovocalidade” ou “monoglossia”, mas ela pode ter efeitos de sentido diferentes, no que diz respeito à contração ou redução dialógica, de acordo com os objetivos retóricos do texto em que é usada.

A seguir, apresenta-se um quadro resumitivo do subsistema de Engajamento.

2.2.2 Quadro resumitivo do subsistema do Engajamento

Nesta subsseção, última da seção de descrição do Sistema da Avaliatividade, apresenta-se um quadro resumitivo do subsistema do Engajamento, com suas macro-categorias semântico-funcionais.

Quadro 11:

ENGAJAMENTO: Sistemas de expansão dialógica

Ponderação
Atribuição

Quadro resumitivo da Expansão Dialógica

Quadro 12:

ENGAJAMENTO: Sistemas de contração dialógica	
Contraposição	Negação Contra-expectativa
Proposição	Expectativa Confirmada Endosso Pronunciamento

Quadro resumitivo da Contração Dialógica

2.3 O gênero mensagem / sermão

A questão da religião e da espiritualidade está se propagando cada vez mais em nosso país. O Cristianismo é o carro-chefe das religiões no Brasil, de modo que todos os segmentos do mesmo têm boa aceitabilidade entre os brasileiros.

Como a língua precisa se adaptar às mudanças sociais, surge então um novo gênero: o gênero “mensagem”, publicado em jornais online que abarcam textos religiosos escritos, cujo interesse principal é convencer o interlocutor a se tornar membro da igreja e a se manter fiel à mesma.

Para análise do gênero “mensagem”, tomaremos como ponto de partida uma proposta de caracterização genérica do “sermão”, visto que levantamos a hipótese de que o primeiro parece atender aos mesmos propósitos que o segundo, variando apenas no que diz respeito ao tipo de situação de enunciação. O gênero “sermão”, como sabemos, é uma prédica oral feita aos domingos numa situação face-a-face entre líder religioso e seguidores, no interior da igreja. Já o gênero “mensagem” é veiculado com apoio de um jornal impresso e de sua versão online, não havendo, portanto, interação face-a-face entre os participantes

discursivos. Apesar destas diferenças (além de outras), acredita-se que o seu propósito comum deve favorecer uma estrutura esquemática semelhante.

Tomamos assim como modelo para o ponto de partida em nossas análises a proposta de Brinton (1995 apud CIPRIANI, 2002). O autor, citado em Dissertação de Mestrado defendida na UFSC em 2002, sob a supervisão do Prof. Dr. José Luiz Meurer, desenvolveu um estudo através da análise de diversos sermões, onde foram observados os traços em comum nos textos constantes do seu corpus de pesquisa. A partir desses estudos, ele aponta alguns traços característicos do gênero “sermão”:

1 – Há a presença de pelo menos um texto bíblico, que, além de servir como base para o pregador/escritor, traz ao texto uma voz incontestável – a voz de Deus.

2 – O discurso é prescritivo, ou seja, busca influenciar a conduta, incitando o interlocutor a fazer ou deixar de fazer algo, a usar mais energia para determinada atividade ou ritual, a agir conforme o que é tido como correto pelos líderes.

3 – Existência de quatro movimentos retóricos típicos (estrutura esquemática):

a) Credenciais: o Bispo é o mediador entre Deus e os interlocutores, a partir do momento em que ele se autoriza a invocar a figura divina para abençoar, guiar, etc.

b) Problema: a “real situação” do fiel é apresentada, na busca de convencê-lo de que lhe falta algo, ou que a vida poderia ser melhor, ou que ele tem agido erradamente, etc.

c) Orientação: é apresentada, pelo Bispo, uma série de etapas para que o leitor tenha êxito em sua tentativa de atingir os objetivos propostos. Tais etapas podem ser explicitadas de forma direta ou subjetiva, dependendo da mensagem e do Pregador/escritor.

d) Motivação: o fiel é encorajado a tomar uma atitude, seja ela qual for, em prol de seu “crescimento espiritual”. Se no tópico anterior o Bispo apresentava o passo-a-passo para tornar-se um bom cristão, agora ele motiva o fiel a usar sua energia a fim de atingir o objetivo.

2.4 Considerações finais

Neste capítulo, foram apresentadas as coordenadas teóricas relativas ao quadro teórico que embasa o presente trabalho. Iniciamos explanando acerca da Linguística

Sistêmico-Funcional, ciência explorada por Halliday, que propõe algumas teorias que visam compreender a relação entre o texto e a linguagem, a partir da abordagem em questão: linguagem como fenômeno social, através da perspectiva de inter-organismos (comportamento do indivíduo no meio social, além das interações desenvolvidas pelo mesmo).

No Sistema da Avaliatividade, foram mostrados os subsistemas da Atitude, do Engajamento e da Gradação, focalizando-se o Engajamento, quadro teórico base da presente pesquisa. Sucederam-se, então, os subsistemas presentes, a saber: Ponderação e Atribuição, como recursos de expansão dialógica e Contraposição (com as categorias Negação e Contra-expectativa) e Proposição (com as categorias Expectativa Confirmada, Endosso e Pronunciamento) como recursos de contração dialógica.

Foi apresentada também uma proposta de caracterização do gênero Sermão por Brinton (1995 apud CIPRIANI, 2002), que será retomada no capítulo analítico, para efeito da caracterização genérica dos textos (“mensagens”) que constituem o corpus desta pesquisa.

3 REVISÃO DA LITERATURA

Neste capítulo, apresentamos uma revisão da literatura sobre o tema desta dissertação. Na primeira seção, aborda-se o discurso religioso, relatando pesquisas desenvolvidas sobre o tema da perspectiva dos estudos da linguagem. Na segunda seção, procede-se a levantamento de estudos da linguagem que tomam como ponto de partida a avaliação na linguagem.

3.1 Revisão da literatura sobre o discurso religioso

O discurso religioso tem sido foco de estudos através de vários enfoques. Orlandi (1993) sustenta que este tipo de discurso é assimétrico, já que as relações entre locutor e interlocutor se estabelecem em planos distintos: um da ordem espiritual (a voz de Deus) e outro de ordem temporal (os leitores humanos). Portanto, trata-se de um tipo de discurso em que a interação é estabelecida de forma a conter a reversibilidade e cujo sentido fica aprisionado pelo próprio dizer: único e inquestionável. O poder divino é totalmente sustentado pela desigualdade de papéis e de lugares e o discurso é autoritário, pois se referencia e se qualifica em si mesmo.

Os comentários de Orlandi, embora desenvolvidos em quadro teórico com orientação diversa daquele adotado nesta pesquisa, têm relevância para este estudo, pois apontam para uma das características centrais no funcionamento discursivo de nosso objeto de estudo, nomeadamente as relações assimétricas entre líder religioso e fiel. Nesta pesquisa, estas relações serão analisadas mediante as categorias analíticas do subsistema do Engajamento, do Sistema da Avaliatividade de Martin & White (2005).

Maingueneau, através da noção de fiador, também traz sua contribuição ao afirmar que:

O etos constitui um articulador de grande polivalência. Recusa qualquer corte entre texto e corpo, mas também entre o mundo representado e a enunciação que o carrega: a qualidade do etos remete a um fiador, que através desse etos se proporciona uma identidade à medida do mundo que supostamente deve fazer surgir. MAINGUENEAU (2001, 143)

O conceito de etos nesta pesquisa equivale à representação discursiva dos papéis assumidos pelo líder religioso no seu relacionamento com o seu fiel. A noção de que o

fiador é legitimado através do próprio discurso é discutida, nesta pesquisa, em termos da categoria de Atribuição, através da qual a veracidade e a credibilidade do discurso é enfatizada, como será discutido adiante.

Observe-se, em primeiro lugar, que o autor relaciona a noção de fiador com a de etos, entendida como a possibilidade da construção da identidade objetivada pelo locutor. Logo, o fiador é legitimado a partir do momento em que o seu interlocutor (nos termos de Maingueneau, ‘co-enunciador’) é convidado a se identificar com a determinação a ele oferecida através do discurso: um mundo é construído. Ele recebe a oferta de um novo conjunto de procedimentos que recebem o aval das regras desenvolvidas/desenvolvedoras daquela comunidade. A obra não se limita à enunciação: ela é um investimento pelo imaginário e impõe a presença de seu etos. O interlocutor não desvenda apenas significados, mas passa a ter acesso ao universo pretendido pelo locutor (nos termos de Maingueneau, ‘enunciador’).

Esse mecanismo está presente no discurso religioso, pois é através desse tipo de encadeamento de argumentos que o líder religioso busca persuadir.

Ribeiro (2005) também aborda o tema “discurso religioso” ao estudar o movimento neopentecostal, base da IURD:

O neopentecostalismo, ou pentecostalismo autônomo, caracteriza-se por uma re-leitura do pentecostalismo, marcada pela recusa do ascetismo e da rigidez ética, uma vez que os neopentecostais acreditam que a recompensa divina pode e deve ser obtida na vida terrena, e não só após a morte. Essa releitura, considerada por alguns de problemática, está fundada na Teologia da Prosperidade (TP), segundo a qual os crentes devem se adaptar ao mundo e não repudiá-lo. (RIBEIRO, 2005)

Embora não haja focalização de elementos propriamente linguísticos nesta citação, não se pode descartar sua relevância do ponto de vista de sua concepção diferenciada do discurso religioso, geralmente entendido como fundado numa separação entre os domínios do ‘sagrado’ e do ‘profano’. Assim sendo, estas considerações podem auxiliar no entendimento de estratégias linguístico-discursivas em que se observa a hibridização dos discursos religioso e jornalístico, como é o caso do corpus desta pesquisa.

Peña-Alfaro (2005) afirma que o discurso religioso é uma prática sociodiscursiva, já que ocorre a transmissão do sistema de crenças sobre relações entre homem e divindade, sempre mediadas pela organização religiosa presente naquele momento; e os discursos que as legitimam podem ser tanto orais quanto escritos.

Acrescenta ainda que:

O discurso religioso, enquanto prática social, pode ser caracterizado como uma prática discursiva que expressa e difunde um sistema de crenças e valores éticos, morais e espirituais, com visões de mundo e do homem, que são transmitidos, validados e legitimados através de práticas sociais no interior de uma instituição definida como religiosa pelos membros participantes ou por outros fora dela, nos quais busca adesão. (PENNA-ALFARO, 2005)

As proposições de Peña-Alfaro sobre o discurso religioso têm relevância para esta pesquisa, na medida em que ali se argumenta que difundir um conjunto de valores e crenças é o objetivo maior do discurso religioso. Visa-se obter o maior número possível de seguidores, e a linguagem representa ferramenta importante nesse processo de persuasão. Não basta propagar a fé: ela tem que ser consolidada na vida do fiel, e deve fazer parte de sua personalidade. Nos exemplos do corpus selecionado para esta pesquisa há, constantemente, a tentativa de propagação e validação das normas de conduta estabelecidas pela religião e das doutrinas tidas como ideais pela IURD.

Observa-se que o discurso religioso tem sido bastante estudado, a partir da aplicação de vários quadros teóricos. Neste trabalho, pretende-se aplicar o Sistema da Avaliatividade, mais especificamente o subsistema do Engajamento, a fim de analisar a forma de persuasão adotada pelos líderes religiosos da referida igreja.

Na seção a seguir, portanto, apresenta-se uma revisão da literatura sobre o fenômeno da avaliação na linguagem, a partir da qual é possível situar o Sistema da Avaliatividade de Martin & White (2005).

3.2 Revisão da literatura sobre a avaliação na linguagem

O fenômeno da avaliação na linguagem tem sido abordado de diferentes perspectivas e no interior de quadros teóricos distintos. Como aponta Balocco (2000, p. 21):

As noções associadas à avaliação, atitude ou julgamento do falante são tratadas no âmbito da *modalidade epistêmica* (Lyons, 1977; Perkins, 1983; Coates, 1990; Palmer, 1986); da *polidez* (Brown & Levinson, 1987); da *atitude* (Biber & Finegan, 1989); dos *marcadores de inferência* (Chafe, 1986). No texto narrativo, a *avaliação* é estudada em termos sintagmáticos e descrita como um elemento inerente à estrutura da narrativa oral de experiência pessoal (Labov & Waletzky, 1967). Ainda na tradição dos estudos sintagmáticos do discurso, há uma proposta de Winter (1982), segundo a qual todo texto poderia ser representado como um segmento que apresenta uma Situação, seguido de um segmento de Avaliação (cf. ainda Hoey, 1983 *et seq.*). Na tradição da lingüística sistêmica, há estudos sobre a *modalidade* e sobre a *linguagem usada para expressar atitude* de Halliday (1985); sobre a *valoração*, de Martin, J.R. (1992b; 1998; 2000); sobre a *avaliação*, de Hunston (1989; 1994; 2000); e sobre *orientações valorativas* de Lemke (1992).

Nesta pesquisa, para estudo do fenômeno da avaliação na linguagem, adotou-se o quadro teórico de Martin & White (2005), chamado Sistema da Avaliatividade. Na primeira seção, apresenta-se um levantamento de pesquisas, no âmbito da língua inglesa, que tomam o Sistema da Avaliatividade como base, aplicando-o a diferentes tipos de *corpora*. Na segunda seção, apresenta-se um levantamento de estudos em âmbito nacional.

3.2.1 O Sistema da Avaliatividade na pesquisa em língua inglesa

No âmbito da pesquisa em língua inglesa, há estudos da avaliação na linguagem, no quadro da linguística sistêmico-funcional, aplicados ao discurso acadêmico (Hunston, 2000); ao discurso da mídia (White, 1998, 2002, 2005); ao discurso da história (Coffin, 1997, 2000); ao discurso jurídico (Körner, 2000); ou ainda ao discurso de hinos nacionais (Souza, 2008). Este último é um estudo desenvolvido no Brasil, mas que se ocupa de hinos nacionais escritos em língua inglesa, apoiando-se no Sistema da Avaliatividade.

Observa-se, nestas pesquisas, a tentativa de se identificar padrões valorativos motivados por restrições genéricas e discursivas. Na seção a seguir, complementa-se o levantamento de estudos baseados no Sistema da Avaliatividade, levando-se em conta a pesquisa produzida no âmbito acadêmico nacional.

3.2.2 O Sistema da Avaliatividade no Brasil

Balocco (2000) desenvolveu estudos sobre o fenômeno da avaliação na linguagem em sua Tese de Doutorado, voltada para o exame de práticas discursivas na área da pesquisa literária. A autora afirma que, segundo Martin (1992b; 1998; 2000), o estudo da Valoração é uma tentativa de ampliar o mapeamento dos recursos semântico-discursivos na macrofunção interpessoal da linguagem:

Para o autor [=Martin], a literatura nesta área [= da macrofunção interpessoal] concentrou-se nos sistemas gramaticais do modo e da modalidade, localizados no subssistema da Negociação, voltada para a “troca de informação ou de bens e serviços”. No entanto, argumenta o autor, é preciso estudar os recursos semântico-discursivos usados para negociar “as emoções, o julgamento e os valores sociais”. Tais recursos realizam-se

também no léxico, que tradicionalmente tem sido relegado a uma posição marginal nos estudos linguísticos, em relação ao estudo de sistemas gramaticais. (BALOCCO, 2000)

Em sua Tese de Doutorado, a pesquisadora ocupou-se de um *corpus* de artigos acadêmicos publicados por professores universitários. Em seguida, a pesquisadora ampliou os estudos sobre avaliação na linguagem aplicando o mesmo referencial teórico a um *corpus* de pesquisa constituído de textos produzidos por estudantes de graduação na área das literaturas de língua inglesa (BALOCCO, 2001; 2002a; 2002b). Ainda no âmbito das práticas discursivas na área da literatura, a pesquisadora aplicou o mesmo referencial teórico a dissertações de Mestrado (BALOCCO, 2004; 2005).

Carvalho (2002), em sua tese de Doutorado, afirma que Martin trata a valoração como parte da macrofunção interpessoal da linguagem (Halliday, 1985), dando ênfase à atitude expressa e sua intensidade, à sua fonte, ou seja, quem é responsável por tal atitude, e que relação é estabelecida entre escritor e leitor: que papéis ambos assumem no evento de comunicação e diante de determinada atitude. A autora afirma ainda que:

O modelo de Martin para o estudo da valoração (...) não só estuda os diferentes tipos de atitude, como os associa a diferentes graus de intensidade através dos quais a emoção, julgamento ou apreciação são expressos, e o amplia ao incluir as fontes das atitudes. Além disso, desenvolve “uma perspectiva complementar, baseada no léxico ‘avaliativo’” (2000: 143),⁶ em conjunto com recursos basicamente gramaticais (concessão e projeção, por exemplo). (CARVALHO, 2002)

Cabral (2007) afirma que o escritor/locutor, ao expressar sua opinião, transmite ao leitor/interlocutor o que pensa ou sente a respeito de algo ou alguém. “Ao organizar o discurso, a Valoração apresenta não apenas o que está acontecendo ou o que o autor pensa sobre determinada coisa, mas também orienta o leitor no sentido do percurso textual realizado para tal.” Ou seja: a Valoração funciona como uma bússola que guia o interlocutor diretamente às possíveis intenções do locutor, com as quais ele pode ou não se alinhar.

Lopes (2007), em sua Tese de Doutorado defendida na UFF, se ocupa de respostas orais à literatura, usando o Sistema da Avaliatividade como ponto de apoio teórico e analítico para fundamentar a hipótese de que “o discurso em língua estrangeira seria mais indeterminado do que o discurso em língua materna” (LOPES, 2007, p. 1).

Wilson (2008) usou o Sistema da Avaliatividade para caracterizar a interação em um fórum de discussão *online* de um curso híbrido de formação de professores de inglês, com ensino presencial e à distância, em uma instituição particular de ensino de idiomas

⁶ Cf. o original em Inglês: “a complementary perspective, founded on ‘evaluative’ lexis” (Martin, 2000: 143).

A produção sobre o Sistema da Avaliatividade é vasta, o que demonstra a produtividade deste quadro teórico.

3.3 Considerações finais

O Sistema da Avaliatividade tem sido amplamente aplicado aos mais diversos tipos de corpus. Observa-se que o discurso religioso, de igual modo, também tem sido objeto de estudo dos pesquisadores da área.

Porém, não foram encontrados trabalhos que buscassem aplicar o subsistema do Engajamento às mensagens escritas pelo Bispo da IURD e exibidas no jornal publicado pela referida igreja.

Aqui, pretende-se aplicar o Sistema da Avaliatividade às mensagens do Bispo, buscando, mais especificamente, como o subsistema do Engajamento contribui para que haja a persuasão pretendida pelo líder religioso.

Observa-se que alguns autores citados acima não trabalham com o quadro teórico selecionado como base para o presente trabalho, porém seus estudos auxiliam na construção tanto da ideia de identidade quanto na compreensão do discurso religioso – foco desta pesquisa.

4 A IGREJA UNIVERSAL

A Igreja Universal do Reino de Deus, também conhecida por sua sigla – IURD – é uma igreja cristã protestante de tendência neo-pentecostal bastante atuante no Brasil, onde foi fundada. Presente em vários países, tem crescido de forma rápida e abrangente, sendo hoje considerada a quarta maior corrente religiosa do país, segundo o Censo de 2001.



Figura 1 – Catedral Mundial da Fé

Sua sede mundial se localiza em Del Castilho – Rio de Janeiro – RJ, e é chamada de Templo da Glória do Novo Israel, ou Catedral Mundial da Fé (figura 1). Trata-se de um templo de proporções gigantescas e ousada arquitetura que lembra o país homenageado pelo nome.

4.1 História e fundação

Segundo o site da própria igreja (<http://www.igrejauniversal.org.br/>), este segmento religioso teve início em 1977, quando Edir Macedo, atual líder da IURD, iniciou seu trabalho religioso pregando em um coreto localizado no Jardim do Méier – Rio de Janeiro –

RJ. Tais reuniões eram chamadas de Cruzada para o Caminho Eterno. Posteriormente, um galpão foi alugado, e a igreja propriamente dita começou a se delinear. Inicialmente, a igreja se chamava Igreja da Bênção. Três anos depois foi aberta a primeira IURD nos Estados Unidos.

Em oito anos de existência, a Igreja Universal já contava com 195 templos em 14 estados do Brasil, além do Distrito Federal. Incrivelmente, este número praticamente dobrou em apenas dois anos, de modo que se torna impossível determinar o número de fiéis adeptos deste segmento religioso. Estima-se que atualmente existem pelo menos 15 milhões de membros da IURD.

4.2 Os líderes

A Igreja Universal do Reino de Deus foi fundada por Edir Macedo, com o apoio de Romildo Soares (que posteriormente desligou-se da IURD para fundar a Igreja Internacional da Graça de Deus)

Edir Macedo - ou Bispo Macedo, como se tornou conhecido mais tarde - nasceu em Rio das Flores – RJ, em 18 de fevereiro de 1945. A princípio, era católico - vindo a frequentar também a Umbanda - antes de se tornar evangélico, nos anos sessenta. Em 1971, casou-se com Ester Eunice Rangel, e em 74 iniciou suas pregações no coreto do Jardim do Méier.

A formação de Edir Macedo é bastante vasta, reunindo título de Doutor em Teologia e em Filosofia Cristã, por exemplo. O Bispo tem sido alvo de diversas críticas que, em geral, envolvem exploração financeira dos membros da IURD.

4.3 A rotina

Na IURD, cada dia é dedicado a um tema específico. O membro da igreja é estimulado a fazer “propósitos” e “correntes”, ou seja: frequentar o templo durante os dias selecionados, cumprindo os rituais propostos, a fim de alcançar a bênção pretendida.

A rotina semanal da Igreja Universal do Reino de Deus, segundo seu site, tem algumas peculiaridades: no domingo, por exemplo, é realizada a reunião de louvor e adoração – voltada aos cânticos religiosos. Às segundas-feiras acontece a Reunião da Nação dos 318 – evento religioso onde 318 pastores oram pedindo por prosperidade financeira para os membros. Aos sábados, acontece a Terapia do Amor, um dos eventos mais conhecidos da IURD. Seu objetivo é unir casais e famílias, além de proporcionar a oportunidade de pessoas solteiras se conhecerem.

A versão da Bíblia utilizada é a versão evangélica, que não abarca alguns livros aceitos pelo Catolicismo. A IURD se dirige a dois tipos de público:

1. O “ímpio”, ou seja, a pessoa comum que ainda não faz parte da igreja – pode ser um fiel em potencial ou não;
2. O “membro da igreja” – a pessoa já comprometida com a mesma.

Aqui chamaremos a ambos de “leitor”, que abarca as duas situações, além de ser o termo mais apropriado para este trabalho, uma vez que o corpus é composto de textos escritos.

4.4 Considerações finais

O objetivo deste capítulo foi o de ambientar o leitor com a realidade funcional e hierárquica da Igreja Universal do Reino de Deus, a partir de uma breve contextualização histórica.

Aspectos litúrgicos foram mencionados, mostrando que a IURD tem uma estrutura bem estabelecida e organizada. Além disso, falou-se um pouco a respeito do líder dessa denominação evangélica – o Bispo Edir Macedo – que se tornou um ícone representativo da mesma.

5 METODOLOGIA

A presente pesquisa terá suas conclusões baseadas em análise textual qualitativa, a partir de um corpus de mensagens extraídas do jornal Folha Universal, também disponível na versão digital. Diferentemente da análise quantitativa, que depende de coleta de um número significativo de dados que permita a generalização a respeito do objeto estudado, a pesquisa qualitativa tem como objetivo a análise abrangente e detalhada de uma pequena amostra de textos, que sirva para apenas para apontar caminhos no desenvolvimento de pesquisas posteriores. Para cumprir os meus objetivos de pesquisa, várias etapas metodológicas foram propostas e alcançadas. Passo, então, a descrevê-las.

5.1 Critérios na constituição do corpus

a) Foi selecionado o gênero mensagem porque equivale ao sermão oral, ou seja: à pregação realizada nos templos, durante os cultos. É no sermão que valores ideológicos são negociados: ele é a “propaganda da fé”. As mensagens publicadas foram escolhidas por não oferecerem as dificuldades analíticas típicas do sermão oral. Além disso, a pregação realizada na igreja costuma ser influenciada pelas características pessoais do líder religioso / Bispo que a enuncia. A mensagem publicada é uma voz institucional, e por isso é menos afetada por traços pessoais do pregador, que se propõe a falar em nome de todos.

b) O jornal Folha Universal foi escolhido pela facilidade de obtenção: é publicado quinzenalmente, e seu conteúdo pode também ser acessado no site específico (www.folhauniversal.com.br). Ele é o primeiro jornal voltado para os membros da IURD, e sua circulação se dá sob a forma de distribuição estilo panfletagem, realizada nas portas de alguns templos. O conteúdo do Folha Universal é composto de notícias baseadas na atualidade, redigidas sem qualquer teor religioso; assim como colunas de aconselhamento, carta do leitor, dentre outros. É interessante observar que é feita a conexão entre o fiel e a contemporaneidade: o sagrado é apresentado em meio ao contexto social do leitor.

c) Foram selecionados e analisados 10 (dez) textos (mensagens) de acordo com os seguintes critérios:

- **Recorte genérico:** em cada jornal há uma mensagem escrita pelo Bispo. Portanto, foi retirada uma mensagem por jornal.

- **Recorte temporal:** não se obedeceu ao critério de intervalos regulares entre as edições, pois nem sempre foi possível o acesso a todas elas, uma vez que algumas se esgotam rapidamente por apresentarem, em sua capa e páginas principais, temas extremamente polêmicos.

- **Recorte temático:** as mensagens foram selecionadas aleatoriamente. Não foi feito recorte temático, pois seria irrelevante para os objetivos desta pesquisa, que volta-se para a negociação de papéis sociais no discurso.

d) As mensagens, após recolhidas do jornal, foram confirmadas no site.

5.2 Compilação e descrição do corpus

Aplicados os critérios descritos no segmento anterior, o corpus está configurado da seguinte forma:

Tabela 13:

Título da mensagem:	Data de publicação:	Número do jornal:	Acessível em:	Identificação no corpus:
A Família de Deus	Março/2008	833	http://folha.arcauniversal.com.br/integra.jsp?codcanal=9988&cod=129428&edicao=833	1
Termômetro da Espiritualidade	Setembro/2008	860	http://arcauniversaljapan.com/canais/estudos/detalhes.asp?cod=68	2
A Importância da Arrependimento	Outubro/2008	861	http://www.iurdportugal.com/mensagensdetalhe.php?textosid=146	3
			http://folha.arcauniversal.com.br/integra.jsp?c	

Abrindo os Olhos	Janeiro/2009	877	odcanal=9988&cod=143344&edicao=779	4
Faça sua Parte	Fevereiro/2009	878	http://www.igrejauniversalsa.com/Mensagens/BispoMacedo/tabid/58/articleType/ArticleView/articleId/24/FACA-A-SUA-PARTE.aspx	5
Também Somos Peregrinos	Fevereiro / 2009	879	http://folha.arcauniversal.com.br/integra.jsp?codcanal=9988&cod=143517&edicao=879	6
Pense Nisto	Fevereiro / 2009	880	http://folha.arcauniversal.com.br/integra.jsp?codcanal=9988&cod=143601&edicao=880	7
Crise da Fé	Março / 2009	881	http://folha.arcauniversal.com.br/integra.jsp?codcanal=9988&cod=143692&edicao=881	8
A Guerra da Fé	Março / 2009	882	http://folha.arcauniversal.com.br/integra.jsp?codcanal=9988&cod=143762&edicao=882	9
Mulher Sábia	Março / 2009	883	http://folha.arcauniversal.com.br/integra.jsp?codcanal=9988&cod=143843&edicao=883	10

Configuração do corpus - Observação: Todas as mensagens foram escritas pelo Bispo Edir Macedo.

5.3 Tratamento dos dados

Procedeu-se a uma análise qualitativa do corpus coletado – mensagens escritas pelo Bispo Macedo e contidas nos jornais da IURD - que obedeceu às seguintes etapas:

1 - Análise do texto como um gênero: o texto sendo analisado é uma concretização/atualização do gênero “sermão”? Para responder a essa pergunta, foi verificado:

a) *O propósito do texto* – Ele busca convencer? Busca influenciar a conduta? Há evidências linguísticas que comprovem isso, tais como uso do imperativo, imposição - subjetiva ou não - de autoridade?

b) *A estrutura esquemática* – O texto apresenta os quatro movimentos retóricos típicos do gênero “sermão”, tais como propostos por Brinton (1995 apud CIPRIANI, 2002)?

1 - Aplicação das categorias do subssistema do Engajamento ao corpus: Após análise preliminar da amostra, decidiu-se por não se fazer um recorte analítico, investigando apenas uma ou duas categorias do subssistema do Engajamento, no entendimento de que o desenho desta pesquisa favorece uma análise textual da amostra, com o apoio de várias dimensões na análise da funcionalidade interpessoal dos textos. Não se trata, portanto, de uma investigação voltada para determinado fenômeno linguístico-discursivo, o que justificaria o recorte da amostra do ponto de vista das categorias analíticas adotadas.

Após essa decisão metodológica, procedeu-se à análise, obedecendo às seguintes etapas:

a) Identificação de recursos lexicogramaticais na codificação da ampliação dialógica:

b) Identificação de recursos lexicogramaticais usados na codificação da contração dialógica;

c) Classificação de diversas ocorrências de recursos usados na dimensão do Engajamento, adotando-se as categorias analíticas do subssistema (Ponderação, Atribuição, Negação, Contra-expectativa; Expectativa Confirmada, Endosso, Pronunciamento);

d) Identificação de padrões de ocorrência dos recursos de ampliação e contração dialógica, verificando se predominam os recursos de contração ou de expansão dialógica nos textos de amostra.

5.4 Considerações finais

Nosso objetivo neste capítulo foi apresentar a metodologia escolhida para a pesquisa. Foram mencionados os critérios na constituição do corpus, mostrando que o recorte feito foi o genérico, já que foram selecionadas mensagens extraídas do jornal Folha Universal, disponível também online nos sites da igreja. Foi realizada, portanto, uma pesquisa qualitativa, desenvolvida a partir da análise textual de uma amostra de textos reduzida.

O corpus foi compilado e descrito. Os textos foram numerados para facilitar a visualização do leitor. Sucedeu-se a proposta de análise qualitativa dos dados, através da descrição das etapas necessárias para se obter resultado satisfatório.

Não foram selecionadas para análise todas as ocorrências dos subsistemas, uma vez que a interpretação é subjetiva e depende do modo de ver do analista. Logo, o que poderia ser classificado de determinada forma para um, facilmente seria classificado de forma diferente por outro. Por este motivo, selecionaram-se as ocorrências aleatoriamente, mas sempre preferindo as que minimizam a ambiguidade de resultados.

6 ANÁLISE DOS DADOS

Este capítulo está organizado da seguinte forma. Na primeira subseção, abordam-se os textos da amostra do ponto de vista de sua constituição genérica, ou seja, busca-se analisar se os mesmos podem ser descritos como o gênero “sermão”. Já na segunda parte, procede-se à análise do corpus com base nas categorias do subsistema do Engajamento.

6.1 O gênero “mensagem”

Nesta parte da pesquisa foi feita a aplicação das categorias de Brinton (1995 apud CIPRIANI, 2002) ao corpus selecionado. Vale lembrar que as mesmas se aplicam a praticamente qualquer discurso religioso, não se restringindo nem à Igreja Universal do Reino de Deus, nem ao meio Cristão em geral.

Porém, como foram escolhidas para análise as mensagens da IURD, aplicamos a elas as categorias do teórico citado acima.

A conclusão a que se chegou é a de que os textos da amostra (denominados “mensagem” pelo Bispo) podem ser caracterizados como “sermões”, segundo proposta de Brinton (1995 apud CIPRIANI, 2002) – as características propostas por ele estão presentes nas amostras do corpus, e o mesmo ocorre com os quatro movimentos os quais ele afirma existir no sermão.

6.1.1 Credenciais

O primeiro movimento retórico (**Credenciais**) aparece em todas as amostras do corpus, seja no começo, meio ou final dos textos. Ao elaborar sua mensagem, o Bispo está sempre se colocando como o único autorizado a falar em nome de Deus, conforme nos exemplos a seguir:

Exemplo 1:

“Deus abençoe a todos.

Bispo Edir Macedo.” (texto 1, linhas 30 e 31 – igualmente presente em todas as amostras analisadas)

Além do título honorífico “Bispo” como uma credencial, aparece a expressão “Deus abençoe a todos”. Estamos entendendo esta expressão como marca do movimento retórico “Credenciais”, pois o enunciado institui o Bispo como o porta-voz da Palavra de Deus, estando autorizado a falar em seu nome. Ele seria o único autorizado a invocar a figura divina, sendo praticamente aquele que determina a chegada da bênção. Este é um recurso bastante usado no meio religioso em geral, onde é natural que alguém em situação hierarquicamente elevada faça uso de frases em que “deseja” a bênção, o cuidado e a companhia divina. É interessante observar que o membro da igreja raramente faz uso desse recurso, desejando que Deus abençoe a um grupo de líderes, proporcionalmente falando. O líder é a figura autorizada para isso. Tal autorização aparece constantemente no discurso do mesmo, a partir do momento em que ele dita as regras que conduzem ao contato mais estreito com Deus: *ele fala em nome de Deus.*

No exemplo abaixo, vemos as Credenciais estabelecidas através de uma sequência de pergunta e resposta:

Exemplo 2:

“Meus amigos, a fé e as coisas sobrenaturais são para pessoas sobrenaturais. E quem são essas pessoas? São aquelas nascidas de Deus, pois quem é nascido dEle tem a mente do Senhor Jesus.”. (texto 6 – linhas 29 a 31)

Nesse exemplo, o Bispo inicia fazendo uma aproximação com o interlocutor – “meus amigos” – o que transmite confiança aos leitores, preparando-os para o que está por vir no discurso. Depois, ele faz uma pergunta, à qual responde logo em seguida: é como se por um instante ele reproduzisse o discurso do leigo, colocando o leitor na posição de aprendiz, e colocando a si mesmo na posição de mestre. Nesta interação com o interlocutor, o movimento “Credenciais” está embutido também. O exemplo abaixo também traz amostras do movimento “Credenciais”, obtido através de uma sequência de pergunta e resposta:

Exemplo 3:

“Que tipo de luta a pessoa deve travar para tornar-se vencedora aos olhos do Senhor Jesus? A luta contra as inclinações da carne ou de realizar a própria vontade.”
(texto 9 – linhas 20 a 22)

O Bispo, mais uma vez, lança um questionamento, e logo depois responde à pergunta, provando ser o único credenciado a respondê-la. Ele é o ensinador, o mestre, aquele que fala em nome de Deus. E, ao mesmo tempo, institui o seu interlocutor no papel daquele que tem muito a aprender.

Observe-se, no enunciado a seguir, situação muito semelhante:

Exemplo 4:

“O que é avareza? É a característica da pessoa possessiva, pão-dura e que só pensa em si.” (texto 7 – linhas 1 e 2)

Novamente, o Bispo lança uma pergunta, à qual responde logo depois. Dessa forma, ele constrói uma imagem de seu interlocutor como sendo aquele que está em posição de aprender. E a imagem de si que ele apresenta é a do Ensinador, o que estabelece o movimento “Credenciais” no trecho.

Às vezes, contudo, essa relação hierárquica vem mascarada como uma relação próxima, quase de igual para igual, como veremos no exemplo a seguir:

Exemplo 5:

*“A pergunta final é a seguinte: que espírito tem guiado **você, leitor amigo?**”* (texto 8 – linha 31)

Ao se dirigir diretamente ao leitor (“você”), o Bispo busca criar uma moldura de proximidade, o que cria um canal pessoal entre líder e seguidor. Posteriormente, ele estreita ainda mais sua relação com o interlocutor, chamando-o de “leitor amigo”, o que torna o interlocutor um participante direto da mensagem – um ator social autorizado a quem o locutor se dirige diretamente.

Este é mais um recurso que visa facilitar o trabalho de persuasão, já que no decorrer do texto a relação entre o Bispo e o leitor é de mestre e aluno: o Bispo é aquele que está autorizado a ensinar, enquanto o leitor apenas ouve/lê e aprende.

Para finalizar o exame do movimento retórico “Credenciais” na amostra de textos desta pesquisa, observe-se que, normalmente, a mensagem é introduzida por um enunciado performativo que determina o momento em que se apaga o Bispo, e Deus passa a falar através deste. Expressões tais como “*Boa noite, irmãos. Abramos nossas Bíblias no livro tal*” ou “*abra seu coração, pois agora Deus vai falar*” são bastante comuns no começo da mensagem, e instituem a cena discursiva. Essa é mais uma marca da presença da categoria “Credenciais”.

Para Hall (2008, p. 109), “as identidades são construídas dentro e não fora do discurso”, por isso “nós precisamos compreendê-las como produzidas em locais históricos e institucionais específicos no interior das formações e práticas discursivas específicas, por estratégias e iniciativas específicas”.

Embora a questão da identidade não seja o foco desta pesquisa e nem mesmo o exame das formações discursivas mencionadas por Hall nesta citação, ainda assim a mesma tem pertinência no que diz respeito às estratégias específicas usadas pelo locutor no corpus de pesquisa. Através das Credenciais o Bispo constrói sua identidade discursiva de líder religioso e elo entre Deus e o Fiel.

Na seção a seguir, procedemos à análise do movimento retórico “Problema” nos textos constantes da amostra desta pesquisa.

6.1.2 Problema

O segundo movimento retórico – **Problema** - também figura em todos os trechos das amostras. Seguem abaixo alguns exemplos analisados:

Exemplo 6:

*“E aí está o principal motivo por que **não conseguem a libertação imediata e muito menos o novo nascimento.**”* (texto 3 – linha 7)

Neste exemplo, o enunciado negativo “... não conseguem a libertação imediata...” funciona como uma marca de contraposição a uma posição discursiva reconhecida pela igreja (“é necessária a libertação imediata e o novo nascimento”).

Sobre a expressão “muito menos”, com a função de “tampouco”, registre-se que se o tal motivo impede a libertação imediata, mais ainda impede o novo nascimento, que significa uma mudança total no proceder. Percebe-se uma gradação no exemplo citado (se não consegue a libertação, quanto mais o novo nascimento). Aqui, o “novo nascimento” é colocado como o alvo daquele que se propõe a ser membro da igreja. Implicitamente, a mensagem apresentada é: se você quer o novo nascimento, depende primeiramente de uma libertação, que é pré-requisito indispensável.

Além disso, a escolha do verbo “conseguir” não foi aleatória: ele traz a ideia de Telos, de meta, de realização, de sucesso. A negação do Telos caracteriza o problema: o fracasso subjetivo.

A seguir, mais uma ocorrência de um enunciado que poderia ser entendido como contendo marcas de “problema”:

Exemplo 7:

*“E é por aí que o **diabo** tem atacado a igreja do Senhor Jesus, soprando **pensamentos acusatórios**, cobrando supersantidade, enfim, tentando **macular** a consciência para impedir o exercício da fé viva.”* (texto 2 – linha 24)

Aqui, as marcas linguístico-discursivas de problema realizam-se na forma de um léxico valorativo (diabo, pensamento acusatório, macular), e o verbo “impedir” é usado para referir-se a um obstáculo a uma posição discursiva reconhecida e aprovada pela igreja. Ora, se na vida cotidiana palavras com teor negativo, como as apresentadas no fragmento, já têm uma conotação forte, quanto mais no meio religioso-cristão. Muitos nem sequer pronunciam palavras tais como “diabo”, substituindo-as por “inimigo”, “adversário”, “maligno”, “coisa ruim”, “pai da mentira”, “rabudo”, “chifrudo”, “anjo caído”, etc. O uso de palavras desse tipo visa justamente chocar o interlocutor, propiciando terreno fértil para as propostas que serão apresentadas posteriormente, como solução para o suposto problema.

A expressão “exercício da fé viva” é o procedimento-base do membro da IURD ideal: aquele que frequenta assiduamente a igreja, que participa do maior número possível de trabalhos / cultos, que oferta e abole de sua vida hábitos desaconselháveis sob o

ponto de vista da igreja – tais como fumar e beber – está exercitando a fé viva. É proposital o uso do paradoxo entre fé viva e diabo (expressão que remete à ideia de morte). Intrinsecamente, a fé viva é colocada como solução para se evitar a *morte*.

Além disso, o Bispo afirma que o diabo lança pensamentos que *cobram supersantidade*, ou seja, algo impossível ao ser humano é cobrado (não é pedido, nem proposto – é algo que vem da figura representante do Mal, do qual não se espera nada de bom), o que assevera seu teor negativo. A alternativa é a *vida* (fé viva).

No trecho a seguir, ainda mais um exemplo que confirma a ocorrência do movimento “Problema” na amostra desta pesquisa:

Exemplo 8:

*“Por que precisamos passar por tantas **angústias** antes de chegar a este entendimento?”* (texto 4 – linha 11)

A marca linguístico-discursiva de problema observada aqui é o léxico valorativo “angústias”. Vale ressaltar que o parágrafo anterior se preocupa em mencionar que “entendimento” é esse, em questão nesta sentença:

“Só quando o ser humano consegue agir com a razão, em vez da emoção, que entende que Deus é espírito e não um pedaço de pau, pedra ou metal. Se assim o fosse, não teríamos maravilhas como um céu estrelado na noite de verão para contemplar, por exemplo. Quando a pessoa alcança esse entendimento espiritual, jamais se curva diante das obras das mãos dos homens, porque a adoração é focalizada apenas em um Ser supremo e inteligente: Deus.” (texto 4 – linhas 4 a 10)

Observe-se que a mensagem implícita é a de que se pudermos chegar a esse “entendimento” por vontade própria, evitaremos a “angústia” que o precede: o leitor é induzido a pensar que perceber que Deus “é um espírito e não um pedaço de pau” é algo simples, de modo que se pode facilmente evitar tal sentimento terrível, bastando apenas admitir o proposto. E a expressão “angústias” precedida do advérbio “tantas”, o que confere teor exacerbado. Além disso, o efeito é ainda mais enfatizado pelo uso do plural: são tantas angústias, mais vale aceitar o entendimento.

É igualmente interessante observar que o entendimento é colocado como sendo algo relativamente inevitável (“*por que precisamos passar por tantas angústias antes de chegar a este entendimento?*”) – chegamos ao “entendimento” após passarmos pelas angústias. Ou seja, se você passa por angústias, é para chegar ao entendimento – processo que pode ser abreviado se o mesmo for alcançado.

O movimento retórico “problema” não é caracterizado apenas pelo encadeamento de ideias que sugere uma situação desagradável. Palavras de léxico valorativo negativo também são marcas de “problema”, pois evocam imagens e sensações igualmente desagradáveis ao interlocutor / leitor, obtendo dessa forma o efeito desejado.

No exemplo abaixo, fica bem claro o uso de léxico valorativo a fim de alcançar o objetivo pretendido – o de persuadir:

Exemplo 9:

“Vivemos numa terra onde campeia o mal, o império das trevas de satanás. Ele rodeia nosso mundo e faz criar insônia, nervosismo, dor de cabeça, demanda entre casais etc. Há doenças como câncer e aids, e tantas outras coisas terríveis. Existe uma peste perniciosa nesta Terra. Vivemos num mundo estrangeiro, mas Deus é conosco. O Senhor é com aqueles que são com Ele. Se você é com Deus, Ele é com você; e se você é dEle, tem a obrigação de lutar e conquistar a sua vitória.” (texto 6 – linhas 22 a 28)

O léxico valorativo tem extrema importância no fragmento acima: as palavras em negrito evocam sensações ruins ao ser humano, que fazem com que o interlocutor perceba o contraste entre elas e a segunda parte do fragmento (“Deus é conosco”, “Ele é com você”, “conquistar a sua vitória”). Estas também são marcas de “problema”, ou seja: do movimento retórico “Problema”, tal qual proposto por Brinton (1995 apud CIPRIANI, 2002), na estrutura do sermão.

A utilização de termos hiperônimos é marcante nas frases, culminando com a expressão “peste perniciosa”, que remete ao texto contido na Bíblia (Salmo 91):

MAL => IMPÉRIO DAS TREVAS DE SATANÁS
 INSÔNIA => NERVOSISMO => DOR DE CABEÇA => DEMANDA ENTRE
 CASAIS
 DOENÇAS => CÂNCER => AIDS => COISAS TERRÍVEIS

Há também uma ameaça subjetiva neste trecho: viver no mundo é perigoso se não tivermos Deus. Ao final, o Bispo afirma que o leitor tem a obrigação de lutar e de conquistar sua vitória: a prescrição é enfatizada através do estabelecimento de um dever, de algo obrigatório.

No exemplo a seguir, o par Problema – Solução é articulado de forma mais clara:

Exemplo 10:

*“Pense nisto: de repente você é aquela pessoa que anda correndo atrás do vento, isto é, quanto mais você corre, menos se vê em condições de livrar-se de suas preocupações e ansiedades em querer riquezas. Deus é capaz de lhe dar tudo o que você deseja e tem se esforçado para conseguir, mas primeiro seu coração **deve** estar com Ele. Como Deus pode colocar grandes riquezas em suas mãos se o seu coração é avarento? Se a sua fé não tem qualidade? Se você vem à igreja apenas buscar os benefícios e não o beneficiador?”* (texto 7 – linhas 16 a 23)

O movimento “Problema” aqui é bastante evidente: o leitor é convidado a refletir a respeito da própria vida. O Bispo sugere uma vida infeliz, e a partir das expressões “quanto mais... menos...” estabelece um movimento cujo único resultado é a inércia ou o afundamento total. Observe que logo em seguida ele propõe a solução (“Deus é capaz de lhe dar tudo o que você deseja e tem se esforçado para conseguir...”), contudo estabelecendo a condição (“mas primeiro seu coração **deve** estar com Ele.”). O verbo é prescritivo, há o uso do imperativo.

A sequência de questionamentos a seguir enfatiza a lógica pretendida, problematizando ainda mais o teor da mensagem.

A estratégia retórica para atualizar lexicogramaticalmente o Problema no exemplo a seguir é o uso de uma série de perguntas:

Exemplo 11:

“Cientes de que o Espírito Santo nos guiará a toda a verdade, conforme está escrito, as próximas perguntas são as seguintes: o Espírito Santo é o responsável por guiar tantos

*cristãos para fora da Igreja? Seria Ele o responsável por tantas **divisões**, **dissensões**, **calúnias** e **injustiças** dentro de Sua casa?*

*Se o Espírito de Deus guia a toda a verdade, e a pessoa é levada a sair da igreja, então, essa igreja é uma **mentira**; ou o espírito que a tem guiado é um **espírito maligno!***
(texto 8 – linhas 5 a 12)

O Bispo apresenta uma série de perguntas ao leitor, apresentando, inclusive, uma sequência de expressões de teor negativo, a saber:

DIVISÕES => DISSENSÕES => CALÚNIAS => INJUSTIÇAS

Trata-se de uma gradação ‘infusionada’, segundo termo de Martin & White (2005), ou seja, que pode ser recobrada apenas fazendo-se referência ao eixo paradigmático.

O léxico valorativo com valor negativo para os fiéis é amplamente utilizado, conduzindo o leitor a receber o teor retórico das perguntas – cujas respostas já vêm construídas subjetivamente.

O uso do léxico valorativo é tão produtivo que encontramos no corpus outro exemplo do mesmo:

Exemplo 12:

*“A salvação da alma é como o casamento, ou seja: é fácil casar; **difícil é manter o casamento!** No relacionamento com Deus, é fácil ser perdoado e receber a salvação; **difícil é manter-se salvo.***

*Que tipo de **luta** a pessoa deve **travar** para tornar-se vencedora aos olhos do Senhor Jesus? A **luta contra as inclinações da carne** ou **de realizar a própria vontade.**” (texto 9 – linhas 17 a 22)*

Neste exemplo, o Bispo se utiliza da figura do casamento – que, segundo os padrões da atualidade, não costuma durar muito e é marcado por problemas que comprometem sua durabilidade. O léxico valorativo negativo (“luta”, “inclinações da carne”, “difícil é”) também é utilizado na tentativa de viabilizar a contextualização do discurso.

Uma vez ambientado e uma vez tendo identificado no texto situações vividas no cotidiano, torna-se viável o convencimento do interlocutor de que ele necessita de *algo* – e esse algo é estar na IURD.

A realização lexicogramatical do “Problema” como uma descrição de situações vividas no cotidiano figura também no exemplo a seguir:

Exemplo 13:

*“Hoje em dia é cada vez mais notória a participação da mulher no mercado de trabalho. Mesmo assim, apesar de tanta inteligência e capacidade profissional, a minoria delas tem sido sábia na construção de um mundo melhor para si. O que se tem visto é um **número crescente de mulheres mal amadas**. Quer dizer, por um lado, conseguem conquistar a tão sonhada liberdade, mas por outro continuam **infelizes**. Têm dinheiro, têm homens, têm sucesso, têm tudo, **mas não têm o amor puro e sincero** de um esposo, pai, amante, companheiro, amigo para compartilhar a alegria do casamento todos os dias que lhe restam na terra.*

*O mundo está cheio de **homens e mulheres infelizes**, apesar de muitos terem o mundo a seus pés. O motivo é que eles não se entendem, foram feitos um para o outro, **mas não conseguem se completar**. Não há a mínima chance de felicidade sem a perfeita harmonia entre marido/mulher, cabeça/corpo.”* (texto 10 – linhas 8 a 20)

O Bispo apresenta uma série de situações comuns do cotidiano da sociedade atual, onde os valores familiares estão cada vez mais escassos. Ele tenta fazer com que os membros/futuros membros da igreja se identifiquem com as situações em pauta, aceitando a ideia de que necessitam de auxílio espiritual – no caso, de comunhão com a IURD. As marcas lexicogramaticais de Problema no trecho realizam-se como uma série de termos valorativos na dimensão de Afeto (mal amadas, infelizes, não conseguem se completar).

Para finalizar a análise do movimento retórico “Problema” no corpus de textos desta pesquisa, observa-se que as marcas linguístico-discursivas caracterizam situações em que é levantada uma questão importante para a religião. Há a tentativa de convencer o interlocutor de que há algo errado com sua conduta ou com o contexto social que o cerca. Ora, se o leitor não for convencido de que algo não vai bem em sua vida, jamais aceitará a “mudança de vida” proposta pelo Bispo. Ainda que se sinta bem ou que supostamente esteja em paz, são evocadas pela mensagem do Bispo situações amargas e inevitáveis ao ser humano, que provam que ele realmente precisa de um alento espiritual. Uma vez

convencido disso, torna-se possível sua “catequização” – ele é convencido de que tornar-se membro daquela igreja é, sim, uma boa ideia.

Na seção a seguir, procede-se à análise do movimento retórico Orientação, descrito por Brinton (1995 apud CIPRIANI, 2002) e aplicado à amostra desta pesquisa.

6.1.3 Orientação

O terceiro movimento retórico (**Orientação**) também está presente nas amostras do corpus, sempre ao final dos textos. Exemplos:

Exemplo 14:

“Só com essa consciência de família o homem e a mulher poderiam gerar um reino na Terra.” (texto 1 – linha 20)

O Bispo restringe a forma de pensar do fiel, indicando de que forma o objetivo pode ser alcançado: somente após levados em conta os princípios propostos. O adjunto restritivo “só” funciona na delimitação da ação do interlocutor, sendo entendido, portanto, como um elemento que prescreve a ação do membro da igreja, como esclarece a paráfrase: “Se o homem e a mulher tiverem essa consciência de família, então podem gerar um reino na Terra”. Através da mesma, torna-se visível a natureza condicional deste enunciado (se x, então y). A recompensa é “um reino na Terra”, o que pode significar desde a simples paz de espírito até posses e riquezas: o reino pode ser real ou metafórico.

É tradição da Igreja Universal do Reino de Deus prometer riquezas, bens e dinheiro aos leitores que se empenham na religião. Tal promessa é feita em nome de Deus: a figura divina é quem vai prover os benefícios ao fiel, como uma forma de recompensa ao leitor que tiver sua vida transformada.

Aqui, o “reino na terra” aparenta ser uma família estruturada e feliz, de acordo com os preceitos cristãos. Chegou-se a tal conclusão pelo uso do verbo “gerar”, associado à formação de um novo ser – um novo e saudável núcleo familiar, nesse caso. A existência das palavras “homem”, “mulher”, “família” e “gerar” na mesma frase traz claramente essa ideia.

No exemplo a seguir, observa-se o uso da mesma marca lexicogramatical “só”, com valor de prescrição:

Exemplo 15:

“Então, se você recebeu o Senhor Jesus e não tem esse poder – de ser filho de Deus –, **deve** examinar a própria vida e identificar se a mentira, a prostituição ou o fracasso espiritual têm feito parte dela. Após isso, **analise** se aceitou o Senhor Jesus teoricamente e, por isso, também, você não nasceu de novo. **Veja** se tem sido cristão **só** na sua cabeça, em seu pensamento, e não em seu coração.” (texto 5 – linha 20)

Neste exemplo, o último enunciado traz o mesmo adjunto restritivo (“só”), mas sem valor condicional. A função do “só” não é a de estabelecer uma condição para a ação (como no exemplo 1), mas a de apontar a ação não reconhecida como ideal pela igreja. Através de outra roupagem, o elemento “só” tem valor de negação, como indica a paráfrase proposta: “não basta ser cristão só na cabeça e no pensamento – tem que ser cristão no coração”. Veja que a paráfrase aponta a prescrição (tem que ser...) implícita no enunciado.

A prescrição está claramente presente no fragmento, como um passo-a-passo estabelecido para que o fiel se localize religiosamente falando. As frases são encadeadas de modo que é sugerida ao leitor a possibilidade de ele estar vivendo de forma duvidosa no tocante aos princípios da igreja, como demonstramos a seguir:

- “[você] **deve** examinar a própria vida e identificar se a mentira, a prostituição ou o fracasso espiritual têm feito parte dela...” O leitor é lavado a refletir se não se encaixa na categoria daqueles que fazem uso da mentira, prostituição, ou se são fracassados espiritualmente (que não seguem as propostas cristãs).

- “... **analise** se aceitou o Senhor Jesus teoricamente e, por isso, também, você não nasceu de novo.” A mensagem é: não se deve aceitar ao Senhor Jesus teoricamente, ou seja: as atitudes da pessoa e toda sua forma de viver precisam mudar; caso contrário, não houve o novo nascimento (objetivo maior do bom cristão). Parafraseando o fragmento, quem aceita a Jesus teoricamente não consegue nascer de novo.

- “**Veja** se tem sido cristão só na sua cabeça, em seu pensamento, e não em seu coração.” Não basta ter os princípios cristãos no pensamento: deve-se mantê-los no coração (figura metafórica do lugar onde guardamos o que nos é mais importante e caro).

No mesmo movimento retórico (“Orientação”), há marcas lexicogramaticais diferenciadas no uso da prescrição, como a modalização deôntica no exemplo a seguir:

Exemplo 16:

“*Você **deve** preparar seu coração e buscar um encontro com o Senhor Jesus. Diga a Ele que você não quer ser como essa samaritana que estava diante dEle, mas não podia vê-Lo.*” (texto 4 – linha 32)

Neste exemplo, há ocorrência de modalização no eixo deôntico (“você **deve** preparar seu coração...”) e o uso da forma verbal no imperativo (“Diga a Ele...”), que revelam o caráter prescritivo do enunciado, em que o locutor busca agir sobre o outro no plano da conduta. Ora, até aqui o leitor foi convencido de que há algo errado em sua vida, ou seja: se encontra como que fragilizado com relação à sua situação com Deus. Nada mais oportuno que o uso do imperativo nesse momento, o que vai funcionar como uma bússola, guiando o leitor a alcançar o resultado pretendido pelo Bispo.

O leitor é comparado à Mulher Samaritana que, segundo a Bíblia Sagrada, encontrou-se com Jesus, conversou com Ele, e não o reconheceu. A expressão “não podia vê-Lo” é puramente metafórica. A história dessa mulher, inclusive, é bastante utilizada para exemplificar situações em que a vida que se leva é permeada de comportamentos tidos como errados pelo sistema cristão. Trata-se de um ícone negativo no meio religioso-cristão. O Bispo se apropria disso sugerindo que o leitor *não quer ser* como ela. (“*Diga a Ele **que você não quer ser como essa samaritana...***”). Além disso, a exemplo de outros fragmentos, o Bispo se dirige ao leitor com um tratamento informal (você), o que o torna mais próximo do mesmo, facilitando a interlocução e a persuasão.

Finalizando a análise deste exemplo, “*religiosamente*”, “*preparar seu coração*” e “*buscar um encontro com o Senhor Jesus*” são obrigações de todo aquele que quer alcançar a felicidade real – o encontro com o Senhor Jesus.

A seguir, exemplo em que a prescrição realiza-se lexicogramaticalmente através de enunciados com verbos no imperativo:

Exemplo 17:

“Faça um autoexame, certifique-se de que não é uma dessas pessoas iludidas. Avalie seu vínculo com Deus. Porque uma pessoa que nasce de Deus é dEle, e quem é dEle vence tudo. Uma pessoa de Deus é provada, mas é aprovada.” (texto 5 – linha 34)

Mais uma vez há a ocorrência de marcas discursivas de prescrição, através dos verbos no imperativo: “faça”, “certifique-se”, “avalie”. O Bispo oferece uma espécie de manual para que o leitor se torne mais próximo dos preceitos religiosos. Novamente o Bispo, após ter convencido o leitor de sua situação decadente espiritualmente falando, traz a receita para se “vencer tudo”, e ser “aprovado”. A seleção destas expressões não foi aleatória: elas têm um teor positivo, afinal, todos querem ser aprovados na vida. E não se trata de simplesmente vencer: trata-se de “vencer tudo” – ideal dificilmente alcançado na íntegra.

“... certifique-se de que não é uma dessas pessoas iludidas.” Ora, ninguém quer ser uma pessoa iludida. Ainda que o seja, o indivíduo jamais assume isso. O Bispo sugere que a forma de se evitar isso é fazendo a auto-análise, para poder “nascer de Deus” (tornar-se membro da igreja, passando a seguir os preceitos religiosos da mesma).

A prescrição pode realizar-se, lexicogramaticalmente, também na forma de Atribuição:

Exemplo 18:

“(...) a fé e as coisas sobrenaturais são para pessoas sobrenaturais. E quem são essas pessoas? São aquelas nascidas de Deus, pois quem é nascido dEle tem a mente do Senhor Jesus. ‘Em verdade, em verdade vos digo que aquele que crê em mim fará também as obras que eu faço e outras maiores fará, porque eu vou para junto do Pai.’ (João 14.12)” (texto 6 – linhas 29 a 34)

A Orientação, neste trecho, se dá através de uma citação bíblica – palavras do próprio Jesus. É feita a promessa de fazer obras ainda maiores do que as que foram feitas por Ele e registradas na Bíblia. Ora, sabe-se que a mesma afirma que Jesus fez diversos milagres – vale a pena citar o caso de Lázaro, que foi ressuscitado. A possibilidade de se fazer milagres ainda maiores enche de esperança o fiel. Além disso, o Bispo afirma que as coisas sobrenaturais são para pessoas sobrenaturais – implicitamente, ele está dizendo que se o leitor não for “sobrenatural” (o que pode significar estar profundamente ligado à igreja e

ser obediente às normas da mesma) não terá fé e nem terá contato com as “coisas sobrenaturais” – os milagres. Dessa forma, o leitor é persuadido a aceitar o proposto, sob pena de não ser uma “pessoa sobrenatural”.

Veja abaixo outra ocorrência deste mesmo movimento:

Exemplo 19:

*“É o que Jesus falou: “buscai, pois, em primeiro lugar, o seu reino e a sua justiça, e todas estas coisas vos serão acrescentadas” (Mateus 6.33). **Em outras palavras: busque a fé!** Ela é o que faz contato entre você e Deus; é a ligação entre o mundo material e o espiritual.”* (texto 7 – linhas 24 a 27)

Neste exemplo, é oferecida ao interlocutor a fórmula para um contato com Deus. O uso do imperativo é notório. A princípio, o Bispo cita um texto bíblico (marca da Atribuição, conforme veremos posteriormente), e depois se autoriza a traduzi-lo.

Além disso, a escolha da frase exclamativa torna ainda mais forte o impacto produzido no leitor. A explicação que se segue apenas complementa a Orientação, que prepara o leitor e o estimula a eliminar o problema. O exemplo a seguir traz outras ocorrências da prescrição, tão peculiares ao movimento “Problema”:

Exemplo 20:

*“**Seja inteligente e use sua capacidade! Arranque seu coração das coisas e das pessoas que o impedem de chegar a Deus. Só assim você tomará posse do Reino de Deus. E uma vez da posse dele, nada mais lhe será impossível.**”* (texto 7 – linhas 35 a 37)

Outra vez o uso do Imperativo é marcante na mensagem. E novamente o adjunto restritivo “só” funciona na delimitação da ação do interlocutor, sendo entendido, portanto, como um elemento que prescreve a ação do fiel: primeiro o Bispo elenca as etapas que devem ser cumpridas pelo leitor, para depois restringir ao máximo as possibilidades, afirmando que esta é a única forma de êxito.

A seguir, temos um exemplo onde a prescrição é evidente:

Exemplo 21:

*“Cada um **tem de** nascer de novo através da experiência pessoal com o Senhor Jesus Cristo.”* (texto 10 – linhas 33 e 34)

A expressão “ter de...” é altamente prescritiva e fecha totalmente qualquer outra possibilidade, mais até do que verbos tais como “deve”, “precisa”, “necessita”. Nesse caso, é *proibido* não fazer.

Para finalizar esta subseção, observe-se que há uma ação prescritiva, própria da categoria “Orientação”: é apresentada a solução para o problema mencionado anteriormente, após o leitor ser convencido da existência do mesmo. Através de algumas etapas, o Bispo mostra ao seu interlocutor não apenas o remédio, mas também a forma de evitar o acontecimento e a reincidência do provável problema exposto. E ele sempre faz isso através da ótica da religião, sempre utilizando citações bíblicas e figuras tradicionais do Cristianismo. Prova da natureza prescritiva dos enunciados é o constante uso do Imperativo e de modalização deôntica: o Bispo se coloca no lugar do *instrutor* autorizado a conduzir o leitor ao contato com o divino, uma vez que hierarquicamente ele está em posição elevada. Estão presentes, portanto, em todos os fragmentos, as características da Orientação.

A seguir, passa-se ao exame da categoria Motivação, a última na tentativa de caracterização genérica dos textos da amostra desta pesquisa.

6.1.4 Motivação

O quarto movimento retórico, **Motivação**, também tem seu lugar no corpus, como sugerem os exemplos a seguir, retirados do corpus de pesquisa:

Exemplo 22:

“Se formos acusados por nossa consciência quando agirmos errado, teremos a garantia divina de que, se confessarmos nosso pecado, Ele será fiel e justo para nos perdoar” (texto 2 – linha 27)

Aqui o Bispo assume outro tipo de discurso. Assim como a marca da Orientação é a prescrição, a marca da Motivação é a descrição de como agir, sem, contudo, usar imperativos ou impor posicionamentos. É uma forma mais sutil de orientar, e atenua o teor incisivo do discurso que a precedeu (a Orientação e seus imperativos). Apesar de explicar ao leitor o que seria aconselhável, o locutor não dá nenhum tipo de ordem, relatando apenas causa e consequência. Fica subentendido que, apesar de o Bispo não ser enfático nesse momento da mensagem, o ideal de conduta está ali. A Motivação choca bem menos que a Orientação e traz em seu bojo a ideia do “faça sua parte que tudo funcionará”. Essa etapa do discurso costuma ser bem recebida pelo Fiel.

A Motivação traz em seu bojo uma ameaça implícita, bastante sutil, mas que é imediatamente atenuada pela apresentação da solução. Poderíamos parafrasear o fragmento da seguinte forma: Se nossa consciência não nos acusar, e não confessarmos nosso pecado, Deus não nos perdoará. E isso, implicitamente, resultaria em condenação – o fiel não quer ser condenado.

Observa-se que há a presença de duas condicionais, que estabelecem pré-requisitos para que seja alcançado o objetivo. A segunda condicional é pré-requisito da primeira, que, por sua vez, se faz necessária para que haja o perdão (“*Ele será fiel e justo para nos perdoar*”).

Observe-se o exemplo a seguir:

Exemplo 23:

“Assim, quando alguém usa o raciocínio, apresenta uma fé que agrada a Deus. Então, Ele Se inclina para receber o louvor dessa pessoa.” (texto 4 – linha 22)

No exemplo, fica especificado “como agradar a Deus”, sendo utilizada uma figura genérica (“alguém”) para amenizar a sugestão de conduta através de um exemplo. Agindo assim, “Deus se inclina para receber seu louvor” – um privilégio extremo, um conceito valorizado na religião. Aqui fica bem clara a ideia de “causa e consequência”, encadeada da seguinte forma:

1. Usar o raciocínio;
2. Apresentar uma fé que agrada a Deus;
3. Deus, então, se inclina para ouvi-lo;
4. Deus recebe o louvor da pessoa.

Ora, o fato de Deus “receber o louvor”⁷ de alguém é grande honra de acordo com os princípios cristãos. É uma prova de que o indivíduo está com o coração puro o suficiente para ser digno de ser ouvido por Deus, e mais: de ter seu louvor recebido por Ele.

O uso do verbo “inclinar” leva o leitor a visualizar o proposto pela mensagem: Deus não apenas ouve o louvor: mais que isso, Ele se *inclina* para ouvi-lo, o que é, sem dúvidas, muito mais honroso sob o ponto de vista religioso.

Se a pessoa não usar o raciocínio, e não apresentar a fé que agrada a Deus, então seu louvor não será recebido por Deus – essa é a ameaça que aparece subjetivamente no texto: A categoria Motivação no corpus desta pesquisa parece atualizar-se em tom de ameaça, e é através dela que o leitor é motivado.

No exemplo a seguir, mais uma vez a Motivação com nuance de ameaça:

Exemplo 24:

“Normalmente, as pessoas são mais emocionais do que racionais e, guiadas pelo coração, na maioria das vezes, fazem péssimas escolhas. Deus não quer isso. Ele quer que O adoremos em espírito. Quer dizer, na fé sobrenatural, e em verdade, quer dizer, com inteligência.” (texto 4 – linhas 18 a 21)

Como porta-voz de Deus, o Bispo mostra-se capaz de dizer o que o agrada e o que o desagrada. Ele afirma veementemente que Deus não quer que as pessoas sejam mais emocionais que racionais, e, logo depois, volta a usar certeza ao afirmar que Deus quer que a adoração seja feita em espírito. Em seguida, o líder religioso explica o que é “adorar em espírito”, de modo que suas palavras se tornam a verdade para agradar a Deus. Suas palavras têm o poder. Através do uso desse poder, ele estabelece uma norma de conduta que é descrita, e não prescrita.

Parafraseando o fragmento, poder-se-ia dizer que quem age mais por emoção do que pela razão geralmente faz péssimas escolhas. O ideal, o aceito pelo Divino, é que o Fiel use a fé baseada na verdade, ou seja: na inteligência. Tal linha de pensamento conduz o leitor ao movimento retórico “Motivação”, uma vez que inconscientemente ele tem acesso à norma

⁷ O “Louvor”, para os evangélicos em geral, pode ser tanto expressões proferidas, tais como “Glória a Deus”, “Aleluia”, “louvado seja Deus”, quanto o chamado “louvor cantado”, que engloba os hinos/músicas gospel. Existe também o “louvar com a própria vida” – que seria ter uma vida íntegra diante de Deus, da sociedade e dos princípios específicos da igreja em questão.

de conduta à qual deve obedecer. Ou seja: Deus não quer isso; trata-se de uma Prescrição que não se realiza como Modalização deôntica ou Imperativo, mas como uma Atribuição codificada com uma fonte de alta credibilidade.

No exemplo a seguir, a Motivação é realizada lexicogramaticalmente como uma projeção para o futuro:

Exemplo 25:

“Jesus iria para o Pai, mas não nos deixaria órfãos, Ele sabia que o Espírito Santo seria enviado. Agora, o Espírito que estava sobre Ele, está sobre Seus discípulos e seguidores.” (texto 6 – linhas 35 a 37)

A noção de estímulo está clara neste fragmento: o leitor tem contato com uma espécie de atmosfera de esperança e conforto: o mesmo Espírito que estava em Jesus acompanha seus seguidores. Levando-se em consideração que o leitor é considerado um seguidor de Jesus, a mensagem é: “vale a pena ser membro daquela igreja”. O uso do “agora” contextualiza temporalmente o momento em que a proteção extra (Espírito Santo) estará presente. Estas são características da Motivação, que traz uma prescrição subjetiva. Esta aparece na escolha dos verbos (iria, deixaria, sabia) – que levantam hipóteses que são confirmadas logo depois: *“o Espírito que estava sobre Ele, está sobre Seus discípulos”*. Logo, está presente a prescrição, mas de uma forma camuflada, porém não menos funcional.

Já no próximo exemplo, observa-se a Motivação que se realiza através de perguntas:

Exemplo 26:

“A fé sobrenatural é a única ponte que nos liga a Deus, porque você não O vê fisicamente. E se você despreza essa ponte, como chegará a Ele, como terá comunhão com Ele, como ouvirá a Sua voz? Como você será orientado, como vai ouvir o que é melhor para a sua vida?” (texto 7 – linhas 28 a 31)

Observe que não há uso de imperativos, mas o leitor não deixa de ser convidado a obedecer aos preceitos da igreja. A sequência de perguntas elaborada leva o interlocutor a uma motivação extra.

Tal etapa é de suma importância, pois ela atenua o efeito contundente da etapa anterior, provando ao leitor que vale a pena seguir o que está sendo proposto. Esse convencimento é ferramenta valiosa no processo de persuasão.

Também no exemplo abaixo observa-se a ocorrência do movimento retórico Motivação, na forma de um enunciado de valor universal e genérico, em terceira pessoa:

Exemplo 27:

“Quem é guiado por Deus permanece firme e diz para si mesmo “venha o que vier”, e quaisquer que sejam as tribulações ou angústias vividas pela causa do Senhor, essa pessoa jamais desanima ou abandona a fé.” (texto 8 – linhas 16 a 18)

Aqui vemos mais uma ocorrência do movimento “Motivação”: O uso da terceira pessoa atenua o efeito prescritivo da mensagem. O leitor é implicitamente convidado a jamais desistir ou abandonar a fé, pois ele é (ou quer ser) um “guiado por Deus”.

Vejamos outro exemplo:

Exemplo 28:

“Ninguém é vencedor sem antes ter lutado, e vencedor não é aquele que acredita ser um vencedor; tampouco aquele que reúne vasto conhecimento bíblico ou tem muito tempo de convertido. Vencedores são aqueles que lutam e vencem o pecado, desde o dia em que conhecem ao Senhor até a morte.” (texto 9 – linhas 23 a 26)

Mais uma vez o Bispo opta pelo uso da terceira pessoa para atenuar a prescrição. A palavra “vencedor” é repetida várias vezes, enfatizando subjetivamente a noção de realização, vitória, ideal e objetivo. O fiel é motivado a crescer e progredir espiritualmente – a estar cada vez mais presente na IURD. Implicitamente, esse tipo de enunciado traz uma ameaça – a de tornar-se um *perdedor*. O processo de persuasão continua a acontecer.

O exemplo abaixo também traz sua contribuição:

Exemplo 29:

“A construção dessa relação perfeita está justamente a cargo da mulher sábia. Deus deu ao homem autoridade sobre toda a Sua criação. Mas à mulher deu a capacidade de edificar a sua casa. A mulher não recebeu autoridade do homem nem o homem recebeu a capacidade da mulher para edificar a casa. Cada um tem seu papel importante na construção de uma sociedade perfeita.” (texto 10 – linhas 21 a 25)

O leitor é motivado a seguir e aplicar o que acabou de aprender através do Bispo. Não há uso de imperativos ou de prescrição, mas nesse momento o ensinamento é consolidado e o leitor recebe um convite a pôr em prática o que foi ministrado.

Para finalizar esta subsseção, observe-se que o interlocutor é estimulado a “crescer espiritualmente, usando sua energia em prol de tornar-se um “bom cristão””. O ensinamento é consolidado e o fiel é convidado a colocar em prática o que acabou de aprender. O chamamento à fé é subjetivo, porém não é menos poderoso. Nesse momento da mensagem, o Fiel já está convencido de que há algo errado em sua vida; já recebeu os comandos necessários para efetuar as mudanças, e agora é motivado a prosseguir, é encorajado a aplicar o que aprendeu. Analogicamente, ele recebe uma espécie de “vitamina”, que veio após o “remédio amargo”.

A ameaça está sempre presente, implicitamente, muito bem contextualizada; de modo que o leitor tem contato com a consequência do mau ato (ou seja: o ato em desacordo com o aceito pela igreja) e com a recompensa de não praticá-lo.

Os dados da análise apontam para a possibilidade de se classificar a “mensagem” veiculada nos jornais da Igreja Universal do Reino de Deus como “sermão”. O gênero “mensagem” aproxima-se do gênero “sermão”, visto que o primeiro apresenta os mesmos movimentos retóricos do segundo. As diferenças estariam apenas no campo da prosódia e na eloquência, sem, contudo, haver alterações na estrutura comum a ambas. Os quatro movimentos retóricos estão perfeitamente presentes nas amostras. Há textos bíblicos no corpo das mensagens, há presença de prescrição – inclusive através de verbos no imperativo - e os quatro movimentos retóricos que caracterizam o sermão, propostos por Brinton (1995 apud CIPRIANI, 2002), estão igualmente presentes.

Tendo caracterizado os textos que constituem a amostra desta pesquisa como pertencentes ao gênero “sermão”, nas seções a seguir procede-se à análise das categorias do Engajamento.

6.2 O subsistema do engajamento aplicado ao corpus

Esta seção está organizada em sub-seções em que são abordadas diferentes dimensões do Engajamento. Começa-se pelos recursos de expansão dialógica, que são menos freqüentes na amostra desta pesquisa, para em seguida proceder-se à análise dos recursos de contração dialógica, tal como propostos por Martin & White (2005) no quadro do Sistema da Avaliatividade.

6.2.1 Recursos de expansão dialógica

6.2.1.1 Ponderação

A Ponderação reconhece posições discursivas diferentes daquelas projetadas no discurso e assumidas pelo locutor. Em termos léxico-gramaticais, os valores de Ponderação se realizam, como vimos, por meio de:

- Verbos modais (*poder, dever*);
- Adjetivos, substantivos e advérbios modais (*possível, provável; possibilidade, probabilidade; talvez, possivelmente*);
- Locuções modais (*é possível*);
- Sintagmas preposicionados (*para mim, do meu ponto de vista*);
- Verbos de atitudes proposicionais (*eu acho/creio/penso que...*).

Na mensagem/sermão, não é comum o uso da Ponderação, já que o objetivo do Bispo é justamente atribuir a Deus (ou aos ícones Cristãos) a essência de sua mensagem. Se ele é o porta-voz de Deus, colocar-se como autor do discurso significaria atenuar o discurso ministrado. Seria o mesmo que retirar parte da credibilidade do sermão e da palavra de Deus. Observe-se o exemplo a seguir: “**Do meu ponto de vista**, a fé é algo indispensável na vida do Cristão, e viver a fé Cristã significa crer em Deus acima de todas as coisas.” (Exemplo criado pela Pesquisadora)

A modalização obtida através do uso do sintagma preposicionado (“do meu ponto de vista”), que restringe o valor de verdade do enunciado ao locutor, não faz sentido quando se leva em consideração o papel do Bispo como porta-voz de Deus. Os líderes religiosos costumam preferir a Atribuição à Ponderação, como veremos na seção a seguir.

6.2.1.2 Atribuição

Dentre os recursos de expansão dialógica, o mais frequente é a Atribuição. Normalmente, o locutor utiliza a Atribuição para trazer novas vozes ao seu texto – extravocalização - oferecendo ao seu interlocutor a oportunidade de contato com outros pontos de vista. O líder religioso, contudo, consegue efeito contrário. Ao evocar os ícones cristãos – ou o próprio Deus/Jesus – o Bispo endossa a verdade.

Exatamente por isso, a Atribuição funciona como Endosso.

Não são a quaisquer nomes que o Bispo atribui o discurso. São figuras extremamente importantes para a igreja: apóstolos, profetas, personagens das parábolas⁸ de Jesus – e o próprio Jesus. O discurso recebe endosso tal, que é fechado seu potencial dialógico.

Exemplo 30:

“Ele [Deus] deixou registrado em Sua Palavra: ‘Não é bom que o homem esteja só; far-lhe-ei uma auxiliadora que lhe seja idônea’ (Gênesis 2.18).” (texto 1 – linhas 10 a 12)

Os recursos de Atribuição, neste trecho, não ampliam o espaço dialógico do enunciado mediante o reconhecimento de uma fonte externa – no caso, Deus. Pelo contrário, o que se percebe é uma clara contração dialógica, já que ao trazer a figura divina para o discurso, o Bispo estabelece a mensagem como sendo a mais perfeita verdade. No exemplo a seguir, a Atribuição é mantida no eixo da personalidade, mas há uma clara diferença hierárquica entre “Ele” (= Deus) e “o apóstolo Paulo”:

⁸ Parábolas: Histórias contadas por Jesus, presentes em alguns livros da Bíblia (Novo Testamento).

Exemplo 31:

“O apóstolo Paulo ensina “o caminho das pedras”, como se diz popularmente, para um casamento feliz e duradouro: “As mulheres sejam submissas ao seu próprio marido, como ao Senhor; porque o marido é o cabeça da mulher, como também Cristo é o cabeça da igreja.” (texto – linhas 24 a 27)

Aqui, da mesma forma, é trazida a voz de um ícone tradicional do Cristianismo: o apóstolo Paulo. Ora, percebe-se que não há expansão dialógica, pois o Bispo faz uso desse recurso justamente para restringir/contrair o potencial dialógico da mensagem. Ou seja: se o apóstolo Paulo - cujas cartas foram transcritas para a Bíblia Sagrada - ensina isso, logo, esta é a forma correta de agir.

A presença do título honorífico (*apóstolo*) confere maior credibilidade à mensagem: não se trata do *homem comum* Paulo, mas sim de um apóstolo, titulação forte no meio religioso.

No exemplo a seguir, vemos um fragmento que também apresenta um trecho retirado da Bíblia Sagrada: palavras do próprio Jesus, que vêm para reforçar o pretendido pelo locutor:

Exemplo 32:

“O Senhor Jesus iniciou Seu ministério proclamando o arrependimento: ‘Arrependei-vos, porque está próximo o reino dos céus’ (Mateus 4.17).” (texto 2 – linhas 11 a 13)

A proposta não é reconhecer fontes externas de mesmo nível hierárquico, mas trazer fontes poderosas religiosamente falando, que confirmam veracidade ao discurso, não abrindo espaço para quaisquer dúvidas quanto à credibilidade. Não há expansão dialógica.

É interessante ressaltar que é comum a compilação de trechos extraídos da Bíblia Sagrada, “*ipsis litteris*”, o que funciona como um recurso a mais de poder no discurso.

“*Senhor Jesus*” – título honorífico da mais alta patente. A deidade de Jesus é apresentada aqui de forma clara, e a veracidade de suas palavras é asseverada. Observa-se que, em geral, os exemplos são sempre no eixo da personalidade: sempre mencionam o nome ou a classificação religiosa-hierárquica de um personagem bíblico. A impessoalidade até

pode ocorrer (exemplo: “os profetas já pregavam a respeito do Messias”), mas sempre trazem ao texto uma voz extremamente importante que endossa o discurso.

O mesmo ocorre no exemplo a seguir:

Exemplo 33:

“E foi exatamente isso o que o Senhor Jesus disse quando repetiu duas vezes: ‘Se, porém, não vos arrependerdes, todos igualmente perecereis’” (Lucas 13.3;5). (texto 2 – linhas 20 a 22)

Aqui o Bispo, além de atribuir ao Senhor Jesus a base de seu discurso, ainda afirma que Ele disse isso “duas vezes”, o que sacramenta seu discurso e não deixa margem para quaisquer opiniões contrárias. Eis aí, mais uma vez, uma prova de que o recurso confere contração, e não expansão dialógica ao enunciado.

A repetição (“... *disse quando repetiu duas vezes...*”) poderia ser entendida como realizando lexicogramaticalmente a Gradação, que no caso do exemplo em discussão seria uma Gradação com função de asseveração.

No exemplo abaixo, o título honorífico (*apóstolo*) é mais uma vez enfatizado, com o objetivo de provar ao interlocutor que o dito trata-se de verdade incontestável:

Exemplo 34:

“Além disso, é como disse o apóstolo: ‘Mas, a todos quantos o receberam, deu-lhes o poder de serem feitos filhos de Deus, a saber, aos que crêem no seu nome’. (João 1.12)” (texto 5 – linhas 17 a 19)

Novamente, a voz do apóstolo é trazida ao texto para atribuir altíssimo grau de credibilidade ao texto. Se o apóstolo disse, não se deve contestar – essa é a mensagem embutida no fragmento. O Bispo considerou desnecessário mencionar o nome do apóstolo. Basta seu título para transmitir a credibilidade pretendida. Novamente, o efeito é de contração dialógica, assim como ocorrido no exemplo a seguir:

Exemplo 35:

“Jesus disse: ‘Desde os dias de João Batista até agora, o reino dos céus é tomado por esforço, e os que se esforçam se apoderam dele’. (Mateus 11.12) Então, faça a sua parte. Do contrário, você é quem perde.” (texto 5 – linhas 36 a 40)

A figura divina é evocada ao texto para estabelecer o mesmo como verdade absoluta. Note-se que ao final do fragmento, o Bispo lança um imperativo (*“Então, faça a sua parte.”*), seguido de uma tênue ameaça (*“Do contrário, você é quem perde”*). Uma vez devidamente embasado, o Bispo se sente à vontade para usar um tom ameaçador.

Vale ressaltar que este é o trecho final de uma das mensagens do corpus, e certamente não foi construído de forma despretensiosa: provavelmente o locutor teve por objetivo levar o Fiel a uma reflexão a respeito de seus deveres enquanto Cristão.

No exemplo a seguir, observa-se Atribuição no eixo não da personalidade, mas da identificação:

Exemplo 36:

“A Bíblia nos apresenta o universo, que foi formado pela Palavra de Deus.” (texto 6 – linhas 3 e 4)

Neste exemplo, ocorre a personificação da Bíblia, que se torna um ator social altamente influente no discurso. A persuasão se torna viável, já que este é o livro que serve como bússola para os cristãos. A verbo “apresentar” remete ao ato de dizer, de modo que mais uma vez a Atribuição funciona como uma forma de Endosso.

Observe-se outro exemplo a seguir.

Exemplo 37:

“É o que Jesus falou: ‘buscai, pois, em primeiro lugar, o seu reino e a sua justiça, e todas estas coisas vos serão acrescentadas’ (Mateus 6.33). Em outras palavras: busque a fé!” (texto 7 – linhas 24 a 26)

Outra vez vemos a marca do Endosso que vem através da Atribuição. Primeiro o Bispo cita as palavras de Jesus, registradas na Bíblia, e depois as interpreta de forma concisa

e em acordo com o que ele pretende. Há a presença do verbo dicendi (“falou”). O potencial dialógico é fechado, a exemplo dos fragmentos anteriores.

Mais uma ocorrência, no exemplo a seguir, da Atribuição no eixo da personalidade:

Exemplo 38:

*“De fato, se a salvação eterna fosse simples e fácil, ninguém se perderia; não haveria frios e mornos na fé, **nem mesmo o Senhor faria qualquer menção** a vencedores em Suas cartas endereçadas às igrejas. “Ao vencedor, dar-lhe-ei que se alimente da árvore da vida que se encontra no paraíso de Deus.” (Apocalipse 2.7) A qual tipo de vencedor Ele **Se refere** quando diz essas coisas?”* (texto 9 – linhas 8 a 13)

O Bispo traz ao texto a voz do Senhor, maximizando a credibilidade do que está sendo ministrado. A transcrição da fala em discurso direto, a exemplo de alguns dos trechos anteriores, fecha o potencial dialógico do texto, endossando o que acaba de ser dito.

Para finalizar esta subseção, observa-se, nos exemplos, a ocorrência de verbos dicendi (disse, disse) e de verbos de ação que remetem a um verbo de dizer (“O apóstolo Paulo **ensina**”, “o Senhor Jesus iniciou seu ministério **proclamando**”, “[Deus] **deixou registrado** em sua palavra”).

A função de Atribuição, nos textos do corpus, no entanto, não é de expansão dialógica, como propõem Martin & White (2005). Nestes textos, a Atribuição tem valor de redução dialógica, pois a palavra relatada não é a palavra de *qualquer um*, mas a palavra de Jesus, do apóstolo, ou seja: a Atribuição funciona como um recurso de autoridade para o locutor (no caso, o Bispo Macedo). Ao trazer para o seu discurso estas vozes de ícones da tradição religiosa, o Bispo autoriza o seu próprio discurso. A sua fala se coloca em posição de autoridade em relação a seu interlocutor. Quem discutiria com o apóstolo Paulo, ou mesmo com Jesus? Claramente há fechamento do potencial dialógico da linguagem, já que os personagens bíblicos são respeitadíssimos no meio Cristão.

Vale ressaltar que, a partir das análises das amostras selecionadas, é possível perceber que a Atribuição aparece com mais frequência no eixo da personalidade: sempre é feita menção a um apóstolo, um profeta, um personagem de parábola, e até do próprio Jesus / Deus, através de textos extraídos do livro-base para o cristianismo: a Bíblia.

Tendo apresentado o levantamento dos recursos de expansão dialógica e discutido a forma como funcionam no corpus em questão, na seção a seguir procede-se à apresentação da análise dos recursos de contração dialógica.

6.2.2 Recursos de contração dialógica

Como visto na seção anterior, a Atribuição neste corpus funciona como um recurso de contração dialógica. Há vários outros recursos de contração dialógica nos textos da amostra que é objeto desta pesquisa, como listado a seguir.

6.2.2.1 Contraposição

Como visto na seção 2.2.1.2.1, a Contraposição realiza-se através dos recursos lexicogramaticais contidos na Negação e na Contra-expectativa. Seguem abaixo alguns exemplos para ilustrar a Contraposição, categoria muito frequente no corpus, começando-se pela Contra-expectativa.

6.2.2.1.1 *Contra-expectativa*

A Contra-expectativa, na amostra desta pesquisa, realiza-se lexicogramaticalmente através de recursos variados. No exemplo a seguir, ela codifica-se como um enunciado adversativo:

Exemplo 39:

*“Para muitos, o casamento nada mais é que um contrato social. Para o homem e a mulher de Deus, **entretanto, ele representa muito mais que isso**, e vai além do objetivo de reprodução humana, conforme pregam alguns setores religiosos.”* (texto 1 – linhas 6 – 9)

Observa-se, neste exemplo, que o Bispo projeta no seu próprio discurso uma posição discursiva (o casamento nada mais é que um contrato social) apenas para rejeitá-la a seguir, apresentando a sua própria posição discursiva com mais força. Temos assim um exemplo de Contra-expectativa: uma posição contrária no discurso, introduzida pela adversativa “entretanto”, e que pressupõe um dizer anterior que é reconhecido (“*Para muitos, o casamento nada mais é que um contrato social.*”). O casamento não apenas representa *mais* que isso: ele representa *muito mais* que isso. O uso dessa Gradação auxilia na compreensão da mensagem.

A seguir, outra ocorrência de Contra-expectativa no corpus desta pesquisa:

Exemplo 40:

*“Bem, é muito simples e fácil a pessoa sentir uma emoção dentro do templo a ponto de chorar e se comover, e pensar que isso é a presença de Deus. Por esse caminho, muitas pessoas têm se “convertido” e levado a vida, **porém**, sem experimentar o cumprimento das promessas de Deus. Assim, muitos que se dizem – e acreditam ser – cristãos, estão vivendo de forma marginalizada do autêntico cristianismo.”* (texto 5 – linhas 3 – 8)

Verifica-se que o que funciona como marca de Contra-expectativa é a conjunção “porém”, com um valor adversativo. Fica subentendido que aquele que se converte deve experimentar o cumprimento das promessas de Deus. Mais uma vez a posição alternativa é reconhecida pelo locutor (pessoas que sentem emoção ao ponto de chorar e se comover, porém sem experimentar o cumprimento das promessas de Deus). O Bispo os chama de “Cristãos que levam a vida de forma marginalizada – à margem – do autêntico Cristianismo”, ou seja, leitores que não seguem os princípios estabelecidos tanto pela Bíblia quanto pela Igreja Universal do Reino de Deus. Viver o autêntico Cristianismo seria, sob a ótica do Bispo, ser digno das promessas de Deus.

O fragmento a seguir também foi digno de análise:

Exemplo 41:

*“Assim muitas pessoas são nas igrejas, nas religiões e também na IURD. Pessoas que, **apesar de verem as maravilhas de Deus** – curas, libertação etc. – **não conseguem ver Sua grandeza.**”* (texto 4 – linhas 29 a 31)

Neste trecho há, novamente, ocorrência de Contra-expectativa, uma vez que são colocadas três proposições, a saber:

1. Quem vê as maravilhas de Deus consegue ver Sua grandeza.
2. Algumas pessoas, apesar de verem as maravilhas de Deus, não conseguem ver Sua grandeza.
3. Se você vê as maravilhas de Deus, e não vê Sua grandeza, há algo errado.

Dessa forma, conclui-se que o esperado para quem vê as maravilhas divinas é que veja também sua grandeza. Se isso não ocorre, fica caracterizada a Contra-expectativa, que trabalha com a questão do senso comum: É lançada uma ideia conhecida pela maioria (“... apesar de verem as maravilhas de Deus...”) que logo em seguida é confrontada com um resultado contrário ao esperado (“... não conseguem ver Sua grandeza.”). *Apesar de x, não conseguem y*. Ou seja: “quem vê as maravilhas de Deus deve ver também sua grandeza”.

Esta é uma das características da Contra-expectativa: é admitida uma ideia existente, que logo em seguida é derrubada através da apresentação de um paradoxo. As crenças ou expectativas codificadas neste subsistema, projetadas sobre determinado auditório, são compartilhadas pelo locutor, embora sejam por ele rejeitadas. A Contra-expectativa reconhece uma posição alternativa e sua proximidade funcional traduz-se na possibilidade de sua co-ocorrência no enunciado: “*apesar de verem as maravilhas de Deus*” (Contra-expectativa) “*não conseguem ver Sua grandeza*”. (Negação)

Por codificar uma posição discursiva alternativa a outra baseada no senso comum, a Contra-expectativa tem, como efeito de sentido, a aproximação do locutor do sem auditório. Primeiro, o locutor leva em consideração a posição do seu interlocutor, para depois contestá-la.

No exemplo a seguir, a marca da Contra-expectativa é “mas”:

Exemplo 42:

“*Vivemos num mundo estrangeiro, mas Deus é conosco.*” (texto 6 – linhas 25 e 26)

A marca da Contra-expectativa se apresenta mais uma vez, nesse fragmento. “Um mundo estrangeiro” é um mundo cheio de diferenças, problemas e hostilidades. O Bispo afirma que de fato vivemos em um mundo com tais características. Porém, “Deus é

conosco”, antagonicamente à nossa estadia nesse mundo hostil. O leitor vislumbra uma centelha de esperança, na medida em que tem a promessa da presença de Deus.

O exemplo que se segue é bastante semelhante:

Exemplo 43:

*“Jesus iria para o Pai, **mas** não nos deixaria órfãos, Ele sabia que o Espírito Santo seria enviado.”* (texto 6 – linhas 35 e 36)

Novamente a adversativa (“mas”) introduz um enunciado que traz ideia contrária ao que acabou de ser dito. Como nos exemplos anteriores, uma posição discursiva é assumida, para ser derrubada logo em seguida: isso auxilia o Bispo no seu jogo linguístico de trazer para si as ideias de seu interlocutor, apenas para logo depois convidá-lo a considerar uma posição diferente daquela que acabou de mencionar.

Outra ocorrência da Contra-expectativa na mensagem está registrada a seguir:

Exemplo 44:

“Quem é guiado por Deus permanece firme e diz para si mesmo “venha o que vier”, e quaisquer que sejam as tribulações ou angústias vividas pela causa do Senhor, essa pessoa jamais desanima ou abandona a fé.

***Porém**, quando alguém é guiado pelo mal, desiste como fazem aqueles representados pela semente semeada à beira do caminho, **em solo rochoso**, e entre os **espinhos**, (...)*” (texto 8 – linhas 16 a 21)

O segundo parágrafo da amostra funciona como um espelho ao contrário, que reflete situação totalmente oposta ao que foi dito anteriormente. A dicotomia existente entre *bem* e *mal* está claramente caracterizada no texto: no segundo parágrafo, o léxico valorativo é negativo e evoca imagens. E vale ressaltar que estas expressões (“semente”, “solo rochoso” e “espinhos”) remetem à passagem bíblica em que Jesus conta uma parábola acerca de sementes que caíram em solo fértil, e de outras que caíram em solo infértil.

Observe-se o exemplo a seguir:

Exemplo 45:

“(...) **apesar de tanta inteligência e capacidade profissional, a minoria delas tem sido sábia na construção de um mundo melhor para si.**” (texto 10 – linhas 9 a 11)

Nele, o locutor projeta uma crença baseada no senso comum (“*mulheres com inteligência e capacidade profissional deveriam ser sábias*”), para logo em seguida trazer outra realidade ao texto. O uso da estrutura “*apesar de x, acontece y*” admite outra linha de pensamento, mas logo depois apresenta uma situação diferente daquela em acordo com a ótica do segmento religioso em questão.

Tais oposições são de grande valia na Contra-expectativa:

O sagrado, aquilo que é ‘colocado à parte’, é definido e marcado como diferente em relação ao profano. Na verdade, o sagrado está em oposição ao profano, excluindo-o inteiramente. As formas pelas quais a cultura estabelece fronteiras e distingue a diferença são cruciais para compreender as identidades. A diferença é aquilo que separa uma identidade da outra, estabelecendo distinções, *frequentemente na forma de oposições* [...] (WOODWARD, 2008, p. 41). (grifo nosso)

Há um distanciamento leve e implícito entre o Bispo e o Fiel nesse momento, já que é mencionado um comportamento inadequado - onde muitos se encaixam. Porém, o objeto indireto da frase evoca um ideal (“*um mundo melhor para si*”), o que acaba por trazer de volta o apreço do leitor, contribuindo dessa forma com o processo de persuasão. O efeito final é o de aproximação entre Bispo e leitor.

Na subseção a seguir, examinam-se os recursos de Negação, ainda no âmbito da Contraposição.

6.2.2.1.2 Negação

No exemplo a seguir, observa-se a ocorrência de outra categoria da Contraposição, que é a Negação:

Exemplo 46:

“**As promessas de Deus não têm sido verdadeiras, concretas, reais na vida de muitos porque estes também não são verdadeiros filhos dEle.**” (texto 5 – linhas 26 e 27)

Na primeira ocorrência, a partícula “não” aparece demonstrando a figura das pessoas – “muitos” - em cujas vidas “as promessas de Deus não têm sido verdadeiras, concretas e reais”. Ora, não deve ser atribuído ao acaso o uso dessa sequência de adjetivos conferida às promessas divinas:

VERDADEIRAS => CONCRETAS => REAIS

Além disso, há uma segunda ocorrência do “não”: observa-se que sua função não é apenas a de introduzir uma negação simples, mas contrapor dois enunciados: para os filhos de Deus, as promessas são verdadeiras; e para os que não são filhos de Deus, as promessas não são verdadeiras. Aqui também é admitido um dizer anterior, característico da Negação. Por outras palavras, a Negação no quadro do Engajamento é a Negação Polêmica e não a negação descritiva.

Tal recurso auxilia o Bispo no processo da persuasão: ele apresenta a posição ideal para o leitor: ser verdadeiro filho de Deus. A posição de “não-filho de Deus” é altamente repudiada por quem crê nEle.

O próximo exemplo vai apresentar um fragmento onde há a ocorrência de dois subsistemas na mesma frase:

Exemplo 47:

*“Essa é a razão por que muitos vão à igreja, dão o dízimo, as ofertas, foram batizados nas águas, **mas** a vida **não** desenvolve.”* (texto 5 – linhas 27 - 29)

Em alguns casos, observa-se a dupla codificação no eixo da Negação e da Contra-expectativa, como no exemplo acima. Nele, o locutor contrapõe dois enunciados: algumas pessoas vão à igreja, dão dízimos, ofertas, etc., mas sua vida “desenvolve”; outras fazem o mesmo, e a vida “não desenvolve”. Com esta contraposição, o Bispo constrói uma argumentação no eixo da Contra-expectativa: a expectativa é que as pessoas que cumprem tais rituais vejam a vida “desenvolver”, o que não ocorre com alguns, segundo o texto. Isso fica claramente demonstrado através da adversativa “mas”.

Implicitamente o locutor afirma que quem vai à igreja, dá o dízimo, dá ofertas, e é batizado nas águas⁹, deve ter a vida desenvolvida (provavelmente financeiramente¹⁰). Dessa forma, temos a seguinte paráfrase:

QUEM VAI À IGREJA, DÁ O DÍZIMO, AS OFERTAS, É BATIZADO NAS
ÁGUAS, DEVE TER A VIDA DESENVOLVIDA.

Ora, todos querem ter uma vida desenvolvida. A ideia de ter uma vida não desenvolvida desagrada profundamente aos membros da igreja, cujo objetivo é evoluir material e espiritualmente. É aí que entra o valor do uso do “não”. O Bispo poderia, por exemplo, falar sobre pessoas com vida fraca em vários sentidos, ou sobre indivíduos que se mantêm da mesma forma que eram antes de se converterem à IURD, mas dessa forma não seria criada a triste figura de um ser não-desenvolvido. A partícula “não” confere peso extra à proposição, ao trazer para o discurso uma posição contrária, para com ela polemizar.

O locutor traz para seu enunciado a posição de seu interlocutor, que é diferente da sua, para depois apresentar sua própria visão. A Negação coloca em cena um dizer anterior, com o qual dialoga. Este dizer anterior pode ser tanto a visão do fiel quanto a visão do não-membro da igreja: de ambas as formas, trata-se da visão de um leigo, com a qual o Bispo quer dialogar. O efeito é o de aproximação, pois ele primeiro fala da posição do outro, para depois falar sobre a sua.

No exemplo a seguir, observa-se mais uma vez a articulação de Negação com a Contra-expectativa:

Exemplo 48:

*“A Bíblia diz que sem fé é impossível agradar a Deus, mas **não** é a fé natural, é a fé sobrenatural.”* (texto 6 – linhas 1 e 2)

Neste exemplo, novamente vemos uma das características mais marcantes da Negação: ela necessariamente reconhece uma posição discursiva contrária (*algumas pessoas*

⁹ O Batismo nas Águas é um tipo de ritual onde o fiel tem contato com água, seja por imersão ou por aspersão, o que significa que ele é “lavado” de todos os pecados do passado. Ao contrário do Catolicismo, no meio evangélico só se batiza adultos que assim desejarem.

¹⁰ Vale lembrar que uma das características da IURD é a promessa não apenas de riquezas celestiais após a morte, mas também de “bens terrenos” (casas, carros, riquezas).

querem agradar a Deus através da fé natural), mas não favorece o dialogismo. Neste momento, o Bispo faz uma espécie de chamamento aos leitores que, ainda pouco comprometidos com a igreja, mantêm uma “fé natural”; de modo que foi de suma importância citar o caso dessas pessoas, para logo em seguida informar qual seria a postura ideal (*ter a fé sobrenatural*). O efeito pretendido é o de aproximar o Bispo do fiel: primeiro o Bispo acolhe a noção de senso comum de fé (“a fé natural”) para depois levar o fiel a perceber que é possível uma compreensão mais elaborada ou expandida deste conceito (“a fé sobrenatural”). Assim, o Bispo aproxima-se do seu fiel, acolhendo-o com sua visão de senso comum, mas convidando-o a desenvolver uma visão mais elaborada da fé.

O próximo exemplo, retirado do mesmo texto, traz outra ocorrência da Negação:

Exemplo 49:

“Não foi apenas com Abraão, mas também com Isaque, que teve uma fé sobrenatural a ponto de semear em uma terra estrangeira, a dos próprios inimigos.” (texto 6 – linhas 10 a 12)

O encadeamento “não foi apenas... mas também...” traz ao texto um conceito mais abrangente e de uma possibilidade mais ampla. Se antes foi introduzida a ideia de algo praticamente impossível ao homem comum (*fé sobrenatural*), aqui o Bispo se preocupa em citar casos em que seres humanos foram capazes de tal feito. Do ponto de vista da interpessoalidade, o bispo acata uma posição considerada mais difundida, aproximando-se de seu interlocutor, para depois apresentar sua própria concepção da fé.

Vale lembrar que o valor aqui também é de Atribuição, pois os personagens citados (Abraão e Isaque) são ícones importantíssimos citados no Velho Testamento da Bíblia. Consequentemente, o discurso recebe endosso extra.

Nas seções a seguir, são apresentadas as categorias da Proposição, no âmbito da contração dialógica.

6.2.2.2 Proposição

De acordo com a seção 2.2.1.2.2, a Proposição é mais um recurso usado na atribuição de poder ao que está sendo dito, seja através de marcas discursivas que sugiram credibilidade extra ou através da enunciação da própria fala. Inicia-se com a categoria Expectativa Confirmada.

6.2.2.2.1 *Expectativa Confirmada*

Como em todas as outras categorias, a Expectativa Confirmada também realiza-se através de recursos lexicogramaticais de natureza distinta:

Exemplo 50:

“É verdade que alguns hábitos, como a bebida e o cigarro, podem ter sido deixados no passado, mas isso é o mínimo que se espera de um convertido.” (texto 5, linhas 29 - 31)

Neste exemplo existe a prévia confirmação do que está sendo dito, o que enfatiza a veracidade da frase que se segue. Trata-se de Expectativa Confirmada: o locutor situa o valor da posição discursiva no senso comum, já que muitos membros da IURD realmente deixam tais hábitos, tidos como extremamente pecaminosos segundo os preceitos da igreja.

O adjetivo de modalização epistêmica em função predicativa (“*é verdade que...*”) projeta um auditório que compartilha a mesma posição discursiva com o locutor, visto que a mesma é codificada como “dada” ou válida para um auditório universal (*todos sabem que isso é verdade*).

O Bispo já inicia a frase atestando a veracidade do que está por vir, o que confere alto grau de credibilidade ao seu discurso. Além disso, neste mesmo fragmento, percebe-se a preferência pelo uso da expressão “podem ter sido deixados no passado”, que substitui “podem ter sido abandonados” – o que seria inconveniente, sob a ótica do locutor. Aquilo que é deixado no passado faz parte dele, e jamais é retomado, diferentemente daquilo que é abandonado e pode perfeitamente ser recuperado.

O trecho a seguir mostra mais um exemplo deste recurso do Engajamento:

Exemplo 51:

“*Se o cristão não se importa com a má consciência e convive com ela, mesmo cumprindo outras obrigações religiosas, é certo que cedo ou tarde naufragará na fé e perderá a Salvação, a exemplo de pessoas como Himeneu e Alexandre, que foram companheiros do apóstolo Paulo: ‘Alguns, tendo rejeitado a boa consciência, vieram a naufragar na fé.’*” (texto 2, linhas 4 - 8)

No exemplo acima, o Bispo poderia simplesmente ter dito que *cedo ou tarde naufragaria quem não se importa com a má consciência*. Porém, a adição do predicado modalizado “é certo que” confere mais certeza ao transmitido por ele: não há alternativa para quem decide conviver com uma consciência cheia de supostos pecados. É mais uma ocorrência da Expectativa Confirmada.

O verbo “naufragar” traz ao interlocutor a visualização do desespero de um barco que afunda (mais um ícone bíblico). “Naufragar na fé” significa *perder a fé*, tornar-se uma pessoa sem esperança. Veja que o Bispo menciona Himeneu e Alexandre, personagens bíblicos pouco conhecidos (prova disso é que o Bispo se preocupa em explicar quem foram eles: *companheiros do apóstolo Paulo*), para dar um exemplo de má conduta cristã. Logo em seguida, é apresentado um trecho bíblico (*‘Alguns, tendo rejeitado a boa consciência, vieram a naufragar na fé.’*), o que enfatiza ainda mais a credibilidade de sua mensagem. A metáfora aqui funciona também como um recurso de gradação, e transmite a ideia de ação progressiva (o ato de naufragar representa um processo, não algo repentino). Nos termos de Martin & White (2005), a metáfora aqui poderia ser entendida como uma ocorrência de gradação infusionada (no eixo paradigmático, ‘naufragar’ é mais forte do que ‘perder’ a fé; por outro lado, a codificação através de uma metáfora também funciona como gradação infusionada).

Observe-se, no exemplo a seguir, a realização lexicogramatical da Expectativa Confirmada:

Exemplo 52:

“*Na cruz do Senhor Jesus, a haste vertical representa a Sua comunhão com Deus e a horizontal, a Sua comunhão conosco. Então, como você pode querer conquistar o Reino de Deus e Seus benefícios desprezando a fé?*” (texto 7 – linhas 32 a 34)

Aqui, o Bispo estabelece a Expectativa Confirmada através da evocação de uma figura – a da cruz, que tem grande prestígio no meio cristão – e da marca léxico-gramatical “então”, que estabelece o paradoxo (“*como você pode querer conquistar o Reino de Deus e Seus benefícios desprezando a fé?*”). Isso contribui no processo de persuasão, já que o “então” traz a ideia de consequência, de conclusão, do óbvio. O efeito é o mesmo que seria obtido com as expressões “a partir disso” ou “levando-se em consideração isso”.

A segunda frase do fragmento serve para enfatizar o que o locutor acabou de dizer, através de uma lógica calibrada pelos preceitos da igreja.

O exemplo abaixo traz outra ocorrência da Expectativa Confirmada, com uma realização lexicogramatical diferenciada:

Exemplo 53:

“De fato, se a salvação eterna fosse simples e fácil, ninguém se perderia; (...)”
(texto 9 – linha 8)

O locutor situa o valor da posição discursiva no senso comum. O enunciado já se inicia com uma confirmação pré-determinada (“De fato”), de modo que se torna muito alto o preço da discordância do interlocutor. Este, antes mesmo de ouvir a frase, já é motivado a aceitar o discurso como verdade, como *fato*.

Tendo apresentado algumas ocorrências de Expectativa Confirmada, com características lexicogramaticais distintas, na subsseção a seguir apresenta-se o Endosso.

6.2.2.2.2 *Endosso*

O Endosso já foi tratado na seção 2.2.1.1.2 em que se apresentou a análise da Atribuição, no âmbito da expansão dialógica. No Endosso, o locutor, além de atribuir determinada posição discursiva a uma fonte externa, reconhece-a ou a toma para si por meio de diferentes recursos. Nesta subsseção, apresentamos novamente o Endosso como sendo um complemento da Atribuição: ele atua em conjunto com esta, já que os nomes mencionados não são quaisquer nomes, mas nomes de personagens respeitadíssimos no meio evangélico e cristão em geral, como no exemplo a seguir:

Exemplo 54:

“A razão por que todos os homens de Deus anunciavam o arrependimento se deve ao fato de eles não verem outra alternativa para ajudar a pessoa sofrida a ser resgatada do seu mundo infernal. Somente através do arrependimento — atitude prática da fé cristã — a pessoa se livra de todos os males. **E foi exatamente isso o que o Senhor Jesus disse quando repetiu duas vezes** “Se, porém, não vos arrependerdes, todos igualmente perecereis” (Lucas 13.3;5).” (texto 3 - linhas 17 a 22)

Neste fragmento, primeiro o Bispo traz um breve parecer histórico comum a todos os *homens de Deus* (profetas, apóstolos, enfim: personagens usados como referência no mundo cristão), que é a pregação do arrependimento¹¹ - única forma de se livrar de todos os males. Veja que o público-alvo é a *pessoa sofrida* que está vivendo em um *mundo infernal* (provavelmente cheio de problemas, doenças, etc.)

Logo em seguida, o discurso anterior é retomado e ratificado: o locutor diz que “foi exatamente isso que o Senhor Jesus disse”. Trata-se do Endosso, que dá ideia de contração dialógica, uma vez que o próprio Jesus – a figura mais respeitada pelos cristãos - concorda com o proposto, o que fica comprovado pela citação bíblica (‘*Se, porém, não vos arrependerdes, todos igualmente perecereis*’ (Lucas 13.3;5).”), de modo que não há como contestar a credibilidade da mensagem. Sendo endossado por Jesus, fecha-se o dialogismo, já que Ele é o personagem bíblico mais respeitado pelos cristãos.

É interessante observar que este trecho tem também uma ideia de Gradação/Intensificação (“e foi exatamente isso...”). A precisão da informação é enfatizada da forma mais restrita possível: trata-se de uma ocorrência de Gradação / foco, cujo efeito de sentido é o de asseverar (ou enfatizar o valor de verdade do enunciado) mediante atenção voltada ao seu conteúdo (“exatamente isso”).

No exemplo a seguir, a realização lexicogramatical do Endosso é codificada por uma valorização no eixo do Afeto (“agrada a Deus”):

Exemplo 55:

¹¹ Arreperder-se dos hábitos considerados ilícitos segundo os princípios cristãos, e abandoná-los logo em seguida.

*“Arreponder-se significa abortar o pecado e, em seguida, sentir profunda tristeza por tê-lo cometido. Agindo assim, a pessoa está provando para si mesma, para as demais pessoas e, sobretudo, para o diabo, que a fé cristã não é teórica como a dos fariseus hipócritas. **E é justamente esse o tipo de fé que agrada a Deus e produz benefícios imediatos e eternos.** Some-se a isso o fato de que se não há sincero arrependimento, também não há Salvação.”* (texto 3 – linhas 23 a 28)

Mais uma vez há a ocorrência do Endosso, categoria através da qual o locutor, além de atribuir determinada posição discursiva a uma fonte externa, endossa-a por meio de diferentes recursos. No exemplo acima, o Bispo evoca a figura divina para endossar o que ele acabou de afirmar, além de dizer que os benefícios serão *imediatos e eternos*.

Observe-se o exemplo a seguir:

Exemplo 56:

*“Uma pessoa que nasce de Deus tem o poder em si, tem de ser vitoriosa, **isso porque ‘todo o que é nascido de Deus vence o mundo’.** (1João 5.4)”* (texto 5 – linhas 13 a 15)

O Bispo endossa seu discurso através de uma explicação retirada da própria Bíblia Sagrada: porque x, então y. Este tipo de Endosso é bastante utilizado no gênero textual em questão, já que nenhuma voz pode ser mais poderosa do que a voz divina, as vozes dos apóstolos e profetas, e as vozes dos personagens bíblicos, por ordem hierárquica.

O exemplo a seguir apresenta uma ocorrência em que o Endosso acontece no parágrafo seguinte do texto:

Exemplo 57:

“Assim também é a palavra da fé sobrenatural. Esta, quando colocada em prática, traz à existência as coisas que não existem.

*Ora, **foi assim que aconteceu no passado.** Quando Abraão deixou casa, familiares, tudo para trás, foi movido por uma fé sobrenatural. Foi ela que o fez vitorioso e rico, abençoado e pai de cada um de nós na fé.”* (texto 6 – linhas 4 a 9)

O fragmento grifado tem a função de fazer uma quebra temporal. É o anúncio de que a partir daquele momento, o Bispo vai se dedicar a descrever uma situação ocorrida em tempos antigos, e ele introduz isso através deste chamamento.

O que vemos a seguir é a descrição do que aconteceu com Abraão, considerado um dos grandes heróis da Bíblia: ao deixar tudo para trás (desapego a bens materiais), ele se torna vitorioso e rico. O Endosso é subjetivo e faz parte do jogo de persuasão pretendido, já que a posição discursiva defendida o tempo todo pelo Bispo é endossada pela figura de um personagem que goza de grande prestígio no meio cristão.

Um exemplo semelhante é apresentado a seguir:

Exemplo 58:

*“(...) quando alguém é guiado pelo mal, desiste como fazem aqueles representados pela semente semeada à beira do caminho, em solo rochoso, e entre os espinhos, **conforme lemos no texto a seguir:***

“Atendei vós, pois, à parábola do semeador. A todos os que ouvem a palavra do reino e não a compreendem, vem o maligno e arrebatou o que lhes foi semeado no coração.”
(texto 8 – linhas 19 a 24)

Novamente vemos aqui o Endosso que se dá através do texto bíblico, que representa as palavras ditas por Jesus na Parábola do Semeador. O discurso do Bispo é sacramentado através de um trecho retirado do livro que serve como guia para os cristãos – a Bíblia – o que, além de fechar o potencial dialógico da proposição, confere máxima credibilidade ao que acaba de ser dito.

Conforme dito em seção anterior, Endosso e Atribuição caminham juntos no discurso religioso:

Exemplo 59:

*“(...) se a salvação eterna fosse simples e fácil, ninguém se perderia; não haveria frios e mornos na fé, **nem mesmo o Senhor faria qualquer menção a vencedores em Suas cartas endereçadas às igrejas. “Ao vencedor, dar-lhe-ei que se alimente da árvore da vida que se encontra no paraíso de Deus.”*** (Apocalipse 2.7)” (texto 9 – linhas 8 a 12)

Este trecho foi usado para exemplificar também a Atribuição, na sua articulação com o Endosso. A referência aos ícones do Cristianismo endossa o discurso, já que o interlocutor passa a ter contato com eles, através da figura autorizada – o Bispo, que ao evocar essas vozes ao seu texto, confere segurança e credibilidade à mensagem. (“*não sou eu quem está falando, é o próprio Deus*”).

Para finalizar o exame das categorias da Proposição, a seção a seguir introduz a análise do Pronunciamento.

6.2.2.2.3 Pronunciamento

Assim como na Ponderação, não é comum o Bispo utilizar recursos que o identificam como total responsável pelo discurso. Tal responsabilidade é atribuída a Deus, a Jesus, ao Espírito Santo, ou aos ensinamentos dos profetas e apóstolos mencionados pela Bíblia. Como o Pronunciamento faz uso justamente desse tipo de recurso, são raríssimas as ocorrências no corpus desta pesquisa.

Pelo contrário, o que se observa neste corpus é o apagamento do locutor, que se coloca como a pessoa autorizada a fazer a conexão entre Deus e os leitores: os fiéis dialogam diretamente com as figuras bíblicas, pois seu porta-voz – o Bispo – deixa isso bem claro quando produz textos entremeados com citações e falas dos próprios apóstolos e profetas, como se eles de fato tivessem tido a intenção de se dirigir àquele público.

O Pronunciamento recobre enunciados em que a posição discursiva do locutor é enfatizada, tendo como efeito tornar o custo interpessoal de discordância muito alto, uma vez que a presença autoral desautoriza a negociação de sentidos, que não se daria sem prejuízo da face do locutor. No caso do discurso em questão, o preço se torna mais alto ainda, pois o leitor estaria desafiando os profetas da antiguidade, ou o próprio Deus – trata-se da Atribuição, que confere o devido Endosso pretendido.

Os recursos léxico-gramaticais usados no Pronunciamento são:

- Interpolações autorais via nominalizações;
- Verbos com valor ilocucional asseverativo
- Adjuntos modais tais como *realmente*, *de fato*, etc.

Observe que a ênfase que normalmente é obtida através do Pronunciamento é conseguido, nos textos analisados, através de outros recursos do Engajamento,

principalmente com a Atribuição, através da qual são evocados os ícones Cristãos - cuja menção confere poder e veracidade à mensagem.

Exemplo de Pronunciamento, criado pela Pesquisadora:

“Meu argumento é que o Cristão deve agradecer a Deus por tudo, principalmente pela vida.”

6.3 Considerações finais

Neste capítulo, de natureza analítica, foram apresentados os resultados desta pesquisa.

Na primeira seção apresentou-se o gênero “sermão” (denominado “mensagem” pelo Bispo), a partir do modelo apresentado por Brinton (1995 apud CIPRIANI, 2002). Diversos exemplos foram apresentados, a fim de caracterizar as amostras como pertencentes a este gênero.

Na segunda seção, aplicou-se o subsistema do Engajamento ao corpus da pesquisa, com seus recursos de expansão dialógica – a qual se provou não existir nas amostras – e de contração dialógica, bastante presente nas mensagens analisadas.

Os recursos de expansão dialógica são utilizados pelo Bispo, contudo o objetivo almejado e atingido não é de expansão, mas sim de contração, já que o Bispo cita ícones do Cristianismo, que conferem, ainda, Endosso ao discurso.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste capítulo, de fechamento desta pesquisa, apresentamos considerações finais sobre o seu desenvolvimento. Na primeira seção, retomam-se os objetivos e questões de pesquisa que orientaram este estudo. Em seguida, apresenta-se um resumo das análises desta pesquisa e da interpretação destas análises no que diz respeito aos propósitos de pesquisa delineados. Na seção a seguir, apontam-se as limitações deste estudo, para, finalmente, na última seção, apresentarem-se possibilidades de futuros desdobramentos para esta pesquisa.

7.1 Os objetivos iniciais

No início do trabalho, apresentamos nosso objetivo, a saber, identificar as estratégias persuasivas utilizadas pelos líderes religiosos da IURD para atrair e manter seus fiéis, com base no quadro teórico adotado.

As perguntas de pesquisa foram as seguintes:

- 1 Que estratégias persuasivas são usadas nas mensagens da IURD publicadas online - e também no jornal específico dessa igreja - para atrair e manter seus membros?
- 2 Que tipo de relação com o seu interlocutor é construída discursivamente pelo líder religioso?
- 3 Que tipo de imagem de si é projetada no texto pelo líder religioso?
- 4 Que tipo de imagem este líder projeta do seu interlocutor, no texto?
- 5 Como podem ser caracterizados os textos do *corpus* desta pesquisa, do ponto de vista genérico?
- 6 Os textos apresentam os quatro movimentos retóricos típicos do gênero *sermão*, tais como propostos por Brinton (1995 apud CIPRIANI, 2002)?

Do ponto de vista mais específico do quadro teórico adotado, as questões de pesquisa que orientaram este trabalho foram as seguintes:

Como o subsistema do Engajamento aparece nos textos selecionados como corpus? E como o referido subsistema viabiliza as estratégias de persuasão no texto? É possível

identificar um padrão recorrente no uso dos recursos (de contração e expansão dialógica) do sistema do Engajamento? Caso a resposta seja afirmativa, quais as implicações do padrão de uso observado na amostra da pesquisa?

Ocorre, nas mensagens selecionadas, a expansão do potencial dialógico do discurso? Onde e como? E a contração dialógica, é uma característica dos textos do corpus desta pesquisa? De que forma este padrão se relaciona com as características genéricas dos textos da amostra?

A metodologia selecionada foi a seleção e a análise de mensagens extraídas do jornal digital Folha Universal, disponíveis também nos sites da igreja. O gênero “mensagem” foi selecionado por corresponder ao “sermão oral”, realizado nos templos, e pelas facilidades de acesso ao material de pesquisa. É no sermão / mensagem que valores ideológicos são negociados: é a “propaganda da fé”. Além disso, a mensagem publicada é uma voz institucional, e por isso é menos afetada por traços pessoais do pregador, que se propõe a falar em nome de todos.

O jornal Folha Universal foi escolhido por também pela facilidade de obtenção: é distribuído gratuitamente e tem sua versão online nos sites próprios. Foram selecionadas dez mensagens extraídas da coluna “Mensagem” existente no referido jornal – todas escritas pelo Bispo Edir Macedo. O recorte feito foi o de gênero.

7.2 As análises propostas

Ao final das análises, e após a aplicação do quadro teórico às amostras do corpus, chegou-se às seguintes conclusões:

O Bispo da IURD utiliza diversos recursos linguísticos, tanto para atrair quanto para manter os fiéis. E tudo isso é feito através do discurso e do encadeamento de ideias presente neles. A ordem é persuadir e mostrar ao leitor a verdade, segundo a ótica do segmento religioso em questão.

As técnicas selecionadas para atrair são muito semelhantes às utilizadas para manter o fiel na igreja. Para chamar a atenção de quem ainda não pertence à igreja, a categoria “Problema”, de Brinton (1995 apud CIPRIANI, 2002), é amplamente utilizada. A situação “real” do indivíduo é descortinada perante ele, de modo que fica claro que há algo errado com sua vida. Problemas sociais, tais como alcoolismo na família, violência doméstica, uso

de drogas, são mencionados na tentativa de que a pessoa se identifique com algum(s), chegando à conclusão de que precisa da intervenção de uma força maior, capaz de resolver o que lhe parece impossível. E é aí que entra a outra categoria – a Orientação – onde o Bispo apresenta a forma de se tornar um indivíduo próspero em todos os setores da vida.

Os subsistemas do Engajamento são amplamente utilizados. A sequência de Contra-expectativas, expectativas confirmadas, negações, endossos, dentre outros recursos linguísticos do Sistema da Avaliatividade que auxiliam no processo de persuasão – inclusive os que não foram foco desta pesquisa (Atitude e Gradação) – convencem o interlocutor e o persuadem a aceitar como verdade absoluta o que está sendo ministrado pelo Bispo, tanto oralmente quanto de forma escrita.

O interlocutor passa, então, a incorporar as palavras dos ícones do Cristianismo. Através de seu discurso, o Bispo convence o leitor de que tudo o que ele diz deve ser imediatamente obedecido e acatado – não apenas as palavras da Bíblia, mas também os costumes¹² da igreja. Torna-se um membro da igreja, passa pelo ritual do Batismo nas Águas.

Uma vez membro, novamente o Bispo precisa persuadi-lo a ficar e a frequentar aquele templo. Para tanto, os recursos do Sistema da Avaliatividade são utilizados mais uma vez. O subsistema do Engajamento funciona como uma verdadeira fonte de recursos, já que basta ao Bispo mencionar um dos heróis da Bíblia para conferir ao seu discurso a credibilidade pretendida. A Atribuição é amplamente utilizada, na intenção de “lembrar” ao leitor de que aquelas são palavras não de quem está falando, mas do próprio Deus. O eixo que mais aparece é o da pessoalidade, já que nomes dos ícones do Cristianismo são citados constantemente durante as mensagens.

O locutor é apagado em grau máximo, e o leitor passa a dialogar diretamente com os personagens bíblicos: eles explicam qual é o modo de conduta ideal, o que é certo ou errado, sagrado ou profano, correto ou pecaminoso – tudo isso através do porta-voz e único autorizado, portador da palavra e dono do turno da fala. A imagem de si projetada pelo Bispo é a do responsável pela conexão entre Deus/Jesus e os leitores, de forma tal que o apagamento mencionado se torna condição primordial.

Em alguns momentos o Bispo fala como um pai, em outros como um professor, em outros como um guia espiritual; mas discursivamente deixa bem claro que *não é ele quem*

¹² “Costumes” significam o conjunto de normas que faz com que as igrejas evangélicas sejam diferentes umas das outras.

está falando: Deus está falando através dele. Porém, sua relação com o interlocutor é sempre hierárquica, já que ele é o ensinador que fala em nome de Deus.

A imagem que ele cria de seu interlocutor é a do ser carente de Deus, da pessoa que tem em sua vida problemas insolúveis, os quais só podem ser solucionados através do comprometimento com a igreja – chamado de “comprometimento com Deus”. O interlocutor é convencido disso através dos jogos discursivos elaborados pelo líder religioso – e o subsistema do Engajamento é ferramenta de extrema importância nesse processo de persuasão. A modalização deôntica é prova do papel de alguém que precisa ser orientado.

As mensagens escritas elaboradas pelo Bispo – que serviram como corpus desta pesquisa - são, de fato, exemplos do gênero “sermão”, pois apresentam todas as características propostas por Brinton (1995 apud CIPRIANI, 2002). Conclui-se que “mensagem” é sinônimo de “sermão”, e, apesar de o segundo ter uma conotação mais voltada para a questão da oralidade, provou-se que as mensagens escritas têm a mesma estrutura proposta pelo teórico mencionado; portanto fica a critério do estudioso qual termo utilizar para intitular o discurso foco deste trabalho.

O uso do imperativo e da modalização deôntica aparece com frequência. Há uma imposição subjetiva de autoridade, já que fica claro o grau de hierarquia existente entre Bispo e leitor. O Bispo fala, o leitor ouve, ele é quem está autorizado a falar em nome de Deus e a servir de elo entre Deus e seguidores.

O subsistema do Engajamento está sempre presente no discurso dos líderes da IURD – assim como no discurso religioso de forma geral. Sugere-se, nesta pesquisa, que o Engajamento tem certas peculiaridades no referido discurso, a saber:

1 – A Atribuição, nas mensagens analisadas, vem sempre carregada do Endosso, já que as vozes evocadas não são vozes quaisquer. São figuras importantíssimas no meio cristão - cujas palavras, registradas na Bíblia, são respeitadíssimas. O próprio Deus é frequentemente citado no discurso do Bispo, sacramentando a credibilidade do mesmo, uma vez que é à figura divina que são atribuídas as palavras. Logo, o discurso é endossado através da Atribuição. Isso influencia a vocalização do texto, como veremos a seguir:

2 – Não há expansão dialógica. Mesmo quando são utilizados recursos do campo da expansão, o efeito pretendido e obtido é o de contração dialógica. Ao trazer para seu discurso as palavras dos apóstolos, dos profetas do passado, dos personagens das parábolas contadas por Jesus, e do próprio Jesus, o Bispo fecha o potencial dialógico do texto, pois

nenhum cristão ousaria discutir com tais ícones, tão importantes no meio evangélico. Por outras palavras, embora o gênero “mensagem” possa ser caracterizado pela sua extravocalidade, isso não significa que esta característica genérica implique em expansão dialógica. Enquanto em outros gêneros as outras vozes trazidas ao discurso têm por objetivo oferecer ao interlocutor a oportunidade de contato com outras linhas de pensamento, outras opiniões, dentre outros, aqui o que se vê é a total restrição do potencial dialógico.

3 – Isto não significa, no entanto, que o Bispo não faça uso de recursos de aproximação com seu fiel. Na verdade, percebe-se em todos os textos da amostra a tentativa do Bispo de conferir autoridade ao seu discurso, mas também de aproximar-se do seu fiel, dos seus pontos de vista, de suas dificuldades no acesso à religião. Este movimento de aproximação materializa-se lexicogramaticalmente através das categorias da Expectativa Confirmada, da Negação e da Contra-expectativa, que dialogam com dizeres anteriores que podem ser entendidos como sendo parte do universo discursivo do fiel. Assim, há nos textos constantes do corpus desta pesquisa, uma tensão constante entre a construção discursiva de uma figura de autoridade para o locutor (que é porta-voz de Deus) e, ao mesmo tempo, uma tentativa de aproximação desta figura com o seu interlocutor, o fiel ou fiel em potencial.

7.3 Limitações da pesquisa

Esta pesquisa desenvolveu-se tomando como base uma pequena amostra de textos, descrita na seção de metodologia. Assim sendo, as interpretações feitas a partir das análises desenvolvidas não podem ser consideradas verdadeiras para o conjunto do discurso religioso da IURD, sequer para o discurso religioso de forma mais abrangente.

Outra limitação desta pesquisa diz respeito à caracterização dos textos da amostra. A tentativa de sua caracterização genérica fundamentou-se numa análise de sua estrutura textual apenas, a partir de categorias propostas por Brinton (1995 apud CIPRIANI, 2002). Seria necessário, para conferir maior exatidão a esta tentativa de caracterização genérica dos textos, desenvolver estudos voltados para a forma como os participantes desta comunidade discursiva apreendem o gênero ‘mensagem’ veiculada em jornal digital, além de uma

investigação detalhada do uso do termo ‘mensagem’, lembrando que, para Swales (1994) os nomes conferidos aos gêneros são indicativos de sua natureza como prática social.

Ainda na descrição das limitações desta pesquisa, é preciso assinalar que as propostas de análises aqui apresentadas sobre o discurso da IURD precisam ser melhor fundamentadas com base no estudo das práticas sociais que caracterizam aquele discurso em ambiente digital. De fato, um exame superficial do jornalismo religioso digital, materializado nos textos da IURD, aponta para o fenômeno da hibridização do discurso religioso e do discurso jornalístico: a ‘mensagem’ da IURD figura em jornais que trazem textos semelhantes aos gêneros reconhecidos do jornalismo: cartas do leitor, anúncios, textos informativos com notícias do cenário político e social contemporâneo, dicas para mulheres, dentre vários outros. Esta mescla de gêneros reconhecidos na mídia impressa e social e a sua contiguidade com gêneros do discurso religioso apontam para o fenômeno da “dessacralização” do discurso religioso: no jornal que serviu de fonte para extração dos textos do corpus, percebe-se a mistura entre itens que podem ser categorizados como “sagrados” (mensagem, aconselhamento pastoral, etc.) e como “profanos” (notícias comuns, receitas, aconselhamento médico, etc.).

7.4 Futuros desdobramentos

O quadro teórico adotado, o Sistema da Avaliatividade, mostrou-se uma ferramenta utilíssima nesta pesquisa, pois através dela é possível desvendar os jogos linguísticos criados, na maioria das vezes, inconscientemente, mas que são poderosos ao ponto de promover verdadeiras mudanças de vida nos seguidores. E com o presente trabalho não foi diferente.

O Sistema da Avaliatividade traz em seu bojo outros subsistemas que, quando aplicados ao discurso religioso, trazem excelentes resultados, que nos permitem conhecer um pouco mais sobre a argumentação e o processo de persuasão idealizado pelos líderes.

Esta pesquisa pode ser enriquecida pela ampliação da amostra, com coleta de um número maior de mensagens que possibilite o maior embasamento das propostas aqui apresentadas. Outra possibilidade de desdobramento desta pesquisa está ligada à forma de apresentação do discurso religioso da IURD: é necessário um estudo do funcionamento

discursivo dos jornais digitais da IURD para melhor entendimento das análises aqui apresentadas.

Uma possibilidade de desdobramento de pesquisa é o estudo da interdiscursividade no discurso religioso da IURD, para exame do fenômeno da hibridização do discurso religioso e jornalístico (impresso ou digital). Para tanto, seria necessário ampliar o corpus de pesquisa, não somente do ponto de vista numérico (ampliar o número de textos), como também do ponto de vista genérico, contemplando outros gêneros além da ‘mensagem’ constante do corpus desta pesquisa.

Muito há para ser pesquisado no discurso religioso. São várias ramificações, cada uma com sua peculiaridade linguística. A persuasão está presente em todas elas, já que líderes religiosos têm no discurso seu principal aliado na busca por convencer. Portanto, este trabalho é, ao mesmo tempo, continuação de tantos outros e ponto de partida para novas abordagens.

REFERÊNCIAS

BALOCCO, A. E. O *subssistema do engajamento aplicado a espaços opinativos da mídia escrita*. In: VIAN, O. (org.) no prelo.

_____. *Uma introdução à teoria da avaliatividade*. Oficina. 4th. ALSFAL, Conference of the Latin American Systemic Functional Linguistics Association, Florianópolis, UFSC, 29 setembro a 03 de outubro, 2008.

_____. *A realização lexicogramatical das categorias analíticas da teoria da valoração em textos*. Notas em sala de aula. Curso: Introdução à linguística sistêmico-funcional. Programa de Pós-graduação em Letras, UERJ. Área de concentração: Linguística. 2007.

_____. Quando a ficção invade a prosa: práticas discursivas não-canônicas no discurso acadêmico. *Linguagem em (Dis)curso*, Tubarão: Unisul, v. 5, n. 2, p. 249-266, janeiro/junho 2005.

_____. Rompendo fronteiras genéricas na dissertação acadêmica: um estudo de caso. *Matraga*, Rio de Janeiro, v. 16, p. 41-52, janeiro/junho 2004.

_____. Writing about literature: evaluation in a sample of learner genres. *Estudos Anglo Americanos*, ABRAPUI, SP, v. 25-26, p. 5-18, 2001/2002a.

_____. Identity in academic discourse: constructing an insider's ethos in prose about literature. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, Unicamp / IEL, v. 40, p. 17-28, julho/dezembro 2002b.

_____. A construção da identidade no discurso acadêmico: o papel da avaliação no discurso de estudantes de literatura estrangeira. *Revista Gragoatá n. 11*, UFF, RJ, julho/dezembro 2001.

_____. *Padrões de avaliação e de organização textual no artigo acadêmico na área da pesquisa literária em inglês*. 2000. 202 f. Mimeo. Tese (Doutorado em Linguística) - Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2000.

BLOOR, T.; BLOOR, M. *The functional analysis of English: a hallidayan approach*. London: Arnold, 1995.

BRINTON, A. (1995). *The argumentation strategy of bishop butler's refutation of the 'selfish theory'*. Special Fields and Cases - IV, International Centre for the Study of Argumentation, Amsterdam, pp. 443-451.

CABRAL, S. R. S. *A mídia e o presidente: um julgamento com base na teoria da valoração*. Tese de Doutorado. 2007. 249 f. Tese (Doutorado em Letras) – Programa de pós-graduação em Letras, Universidade Federal de Santa Maria, Rio Grande do Sul, 2007.

CARVALHO, G. *Resenhas/reviews: da ação entre amigos ao apontador de defeitos : um estudo contrastivo de resenhas acadêmicas escritas em inglês e em português*. 2002. 207 f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2002. Mimeo.

CASTELLS, M. *O poder da identidade: a era da informação: economia, sociedade e cultura*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2008.

CIPRIANI, A.C. *Power in religious discourse: a discourse analysis of two sermons from The Universal Church of the Kingdom of God*. 2002. 76 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2002.

COFFIN, C. *History as discourse: construal of time, cause and appraisal*. Sydney: University of New South Wales, 2000.

_____. Constructing and giving value to the past: an investigation into second grade school history. In: *Genre and institutions - social processes in the workplace and school*, Christie, F. & Martin, J.R. (eds), London, Cassell, 1997.

EGGINS, S. *An introduction to systemic functional linguistics*. London: Pinter/Cassel, 1994.

_____. ; MARTIN, J.R. *Genres and registers of discourse*. In: VAN DIJK, T. (ed) *Discourse as structure and process*. London: Sage, 1996. p 230-256

GHIO, E.; FERNÁNDEZ, M. D. *Manual de lingüística sistémico funcional*. Santa Fe: Universidad Nacional del Litoral, 2005.

HALL, S. Quem precisa da identidade?. In: HALL, S.; WOODWARD, K.; SILVA, T. S. (org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais*. Petrópolis: Vozes, 2008.

HALLIDAY, M. A. K. *Language as a social semiotic: the social interpretation of language and meaning*. London: University Park Press, 1978.

HENRIQUES, C. C. *A nova ortografia: o que muda com o acordo ortográfico*. Rio de Janeiro, Elsevier, 2009.

_____.; SIMÕES, D. M. P. (orgs.). *A redação de trabalhos acadêmicos: teoria e prática*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2002.

HUNSTON, S.; THOMPSON, G. *Evaluation in text: authorial stance and the construction of discourse*. Oxford: Oxford University Press. Paperback. 2000.

ILARI, R. (org.) *Gramática do português falado*. Vol. 2: Níveis de análise linguística. Campinas: Editora da UNICAMP, 1993.

JORNAL FOLHA UNIVERSAL. Rio de Janeiro: Gráfica Universal LTDA., 1992. Irregular.

KORNER, H. *Negotiating authority: the logogenesis of dialogue in common law judgments*. 2000. Unpublished PhD Thesis. Linguistics Department, University of Sydney, Sydney, 2000.

LOPES, V. M. *Subjetividade e discurso: um estudo da valoração na produção discursiva em língua estrangeira*. 2008. 180 f. Dissertação (Mestrado em Linguística). Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2008.

MAINGUENEAU, D. *Análise de textos de comunicação*. Tradução de Cecília P. de Souza-e-Silva e Décio Rocha. – 4ª ed. – São Paulo. Cortez: 2005.

MARTIN, J. R.; WHITE, P. R. R. *The language of evaluation: appraisal in English*. New York: Palgrave Macmillan, 2005.

MARTIN, J. R.; ROSE, D. *Working with discourse: meaning beyond the clause*. London: Continuum, 2003.

MARTIN, J. R. Grammar meets genre – reflections on the ‘Sydney School’. *Arts* 22, p. 47-95. 2000.

_____. Linguistics and the consumer: the practice of theory. *Linguistics and Education*, v. 9, n.4, p. 411-448. 1998.

_____. Theme, method of development and existentiality: the price of reply. *Occasional Papers in Systemic Linguistics*, n.6, p.147-184. 1992b

MEURER, J.L.; MOTTA-ROTH, D. (orgs.) *Gêneros textuais e práticas discursivas*. Florianópolis: EDUSC, 2002.

MOTTA-ROTH, D. (org). *Redação acadêmica: princípios básicos*. Santa Maria: UFSM: Imprensa Universitária, 2001.

ORLANDI, E. *A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso*. Campinas, São Paulo, Pontes, 1987.

_____. *Discurso & leitura*. São Paulo, Cortez, 1993.

PEÑA-ALFARO, A. *Estratégias discursivas de persuasão em um discurso religioso neo-pentecostal*. 2005. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Pernambuco, Pernambuco, 2005.

RIBEIRO, J. *O simulacro da alteridade: uma análise discursiva do ritual de libertação e cura da Igreja Universal do Reino de Deus*. 2005. 215 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

SOUZA, A. A. *‘Do the right, be firm, be fair’: a systemic functional investigation of national anthems written in english*. 2008. 200 f. Tese (Doutorado em Letras) - Instituto de Letras, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.

SWALES, S.; FEAK, C.B. *Academic writing for graduate students*. Ann Arbor: the University of Michigan Press, 1994.

TAVOLARO, D.; LEMOS, C. *O bispo – a história revelada de Edir Macedo*. 1.ed. Larousse, Rio de Janeiro: 2007

WHITE, P.R.R.. Appraisal - the language of evaluation and stance. In: J. Verschueren, J. Ostman and C. Bulcaen (eds.). *The Handbook of Pragmatics*. Amsterdam/Philadelphia, John Benjamins, 2002.

WHITE, P.R.R., *Telling media tales: the news story as rhetoric*. 1998. Unpublished Ph.D Dissertation. Sydney: University of Sydney, 1998.

Wikipedia – Termo pesquisado: Igreja Universal do Reino de Deus. Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Igreja_Universal_do_Reino_de_Deus. Acesso em: 16 mar. 2009.

WILSON, C.D. R. J. *Relações interpessoais em um fórum de discussão online: a perspectiva sistêmico-funcional em práticas discursivas de ensino à distância*. 2008. 263 f. Tese (Doutorado em Letras) - Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

WILSON, V. *Modos de ler o discurso religioso*. FFP, UERJ. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/soletras/5e6/11.htm>. Acesso em: 17 jan. 2010.

WOODWARD, K. *Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual*. In: HALL, S.; WOODWARD, K.; SILVA, T. S. (org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais*. Petrópolis: Vozes, 2008.

ANEXOS

ANEXO 1 - Jornal número 833 – Folha Universal

De 23 a 29 de março de 2008.

A FAMÍLIA DE DEUS

- 1- Apesar de reservarmos as quintas-feiras para orar exclusivamente pelas famílias, estabelecemos um período para um clamor ininterrupto em favor dos nossos entes queridos e familiares. O Mutirão da Fé pela Família, realizado em todo o País, é o reconhecimento público de que a Igreja Universal do Reino de Deus se preocupa com essa instituição que é uma das mais sagradas existentes na face da Terra. Para muitos, o casamento nada mais é que um contrato social. Para o homem e a mulher de Deus, entretanto, ele representa muito mais que isso, e vai além do objetivo de reprodução humana, conforme pregam alguns setores religiosos.
- 10- A família foi a primeira instituição criada por Deus. Ele deixou registrado em Sua Palavra: “Não é bom que o homem esteja só; far-lhe-ei uma auxiliadora que lhe seja idônea” (Gênesis 2.18). Ele não criou primeiro as leis e os mandamentos para depois criar o ser humano. Antes, Deus criou a família, e o primeiro homem teve total consciência do que aquele ato representava para a sua vida: “E disse o homem: Esta, afinal, é osso dos meus ossos e carne da minha carne (...). Por isso, deixa o homem pai e mãe e se une à sua mulher, tornando-se os dois uma só carne” (Gênesis 2.23,24).
- 20- Só com essa consciência de família o homem e a mulher poderiam gerar um reino na Terra. Como símbolo da Trindade Divina – Deus Pai, Deus Filho e Deus Espírito Santo –, a família é composta também de uma trindade: o homem, a mulher e o espírito do amor que os une.
- O apóstolo Paulo ensina “o caminho das pedras”, como se diz popularmente, para um casamento feliz e duradouro: “As mulheres sejam submissas ao seu próprio marido, como ao Senhor; porque o marido é o cabeça da mulher, como também Cristo é o cabeça da igreja (...). Maridos, amai vossas mulheres, como também Cristo amou a igreja e a si mesmo se entregou por ela” (Efésios 5.22-25).
- 30- Deus abençoe a todos.

Bispo Edir Macedo

(Disponível em

<http://folha.arcauniversal.com.br/integra.jsp?codcanal=9988&cod=129428&edicao=833> -

acesso em 06/03/2009 – 15:38)

ANEXO 2 - Jornal 860 – Folha Universal

De 28 de setembro a 4 de outubro de 2008

TERMÔMETRO DA ESPIRITUALIDADE

1- A consciência opera de forma individual como termômetro da espiritualidade cristã.

Assim, buscar a boa consciência é muito importante para a Salvação eterna. Se o cristão não se importa com a má consciência e convive com ela, mesmo cumprindo outras obrigações religiosas, é certo que cedo ou tarde naufragará na fé e perderá a Salvação, a exemplo de pessoas como Himeneu e Alexandre, que foram companheiros do apóstolo Paulo: "...Alguns, tendo rejeitado a boa consciência, vieram a naufragar na fé.

E dentre esses se contam Himeneu e Alexandre..." (1 Timóteo 1.19,20).

10- De forma um tanto rude, podemos comparar a consciência ao fígado. Quando seingere algum alimento nocivo ao corpo, imediatamente ele manifesta desgosto, provocando mal-estar e dor de cabeça. Assim é a consciência humana: quando se age de forma contrária aos princípios da fé cristã bíblica, logo há uma reação. Da mesma maneira como a dor física dá sinal de alguma coisa errada, assim é a consciência humana.

Podemos considerá-la como defensora da fé agradável a Deus. Ao sentir-se ferida, ela reage no coração, golpeando-o como sinal de reprovação. No caso de seus sinais de alerta serem sempre ignorados, a consciência pode se tornar insensível e cauterizada.

20- A boa consciência deixa livre o caminho para o exercício e as conquistas da fé. Aí está a principal razão por que nem todos os que crêem em Deus são beneficiados como deveriam. Quando a consciência acusa algo errado, a dúvida imediatamente entra em ação.

E é por aí que o diabo tem atacado a igreja do Senhor Jesus, soprando pensamentos acusatórios, cobrando supersantidade, enfim, tentando macular a consciência para impedir o exercício da fé viva.

Se formos acusados por nossa consciência quando agirmos errado, teremos a garantia divina de que, se confessarmos nosso pecado, Ele será fiel e justo para nos perdoar, e o sangue do Senhor Jesus "... purificará a nossa

30- consciência de obras mortas, para servirmos ao Deus vivo!" (Hebreus 9.14).

Deus abençoe a todos.

Bispo Edir Macedo

(Disponível em <<http://arcauniversaljapan.com/canais/estudos/detalhes.asp?cod=68>> - acesso em 06/03/09 – 15:48)

ANEXO 3 - Jornal 861 – Folha Universal

De 5 a 11 de outubro de 2008

A IMPORTÂNCIA DO ARREPENDIMENTO

- 1- Quantas pessoas estão há anos na igreja e ainda nutrem nos pensamentos os pecados do passado?

Quantas pessoas estão há anos na igreja e ainda nutrem nos pensamentos os pecados do passado? Elas não mais os praticam fisicamente, mas na mente ainda conservam lembranças “gloriosas” daquilo que era errado. E o pior é quando compartilham as recordações pecaminosas com outros. Agindo assim, provam a falta de arrependimento sincero dos erros passados. E aí está o principal motivo por que não conseguem a libertação imediata e muito menos o novo nascimento.

- 10- O arrependimento é a “ordem do dia” na Bíblia Sagrada. Os profetas, o Senhor Jesus, os discípulos e a igreja primitiva se aplicavam na pregação do arrependimento. O Senhor Jesus iniciou Seu ministério proclamando o arrependimento: “Arrependei-vos, porque está próximo o reino dos céus” (Mateus 4.17). Antes de Sua ascensão, ordenou aos discípulos que, em Seu nome, se pregasse o arrependimento para remissão (perdão) de pecados a todas as nações (Lucas 24.47).

A razão por que todos os homens de Deus anunciavam o arrependimento se deve ao fato de eles não verem outra alternativa para ajudar a pessoa sofrida a ser resgatada do seu mundo infernal. Somente através do

- 20-arrependimento — atitude prática da fé cristã — a pessoa se livra de todos os males. E foi exatamente isso o que o Senhor Jesus disse quando repetiu duas vezes: “Se, porém, não vos arrependerdes, todos igualmente perecereis” (Lucas 13.3;5).

Arrepende-se significa abortar o pecado e, em seguida, sentir profunda tristeza por tê-lo cometido. Agindo assim, a pessoa está provando para si mesma, para as demais pessoas e, sobretudo, para o diabo, que a fé cristã não é teórica como a dos fariseus hipócritas. E é justamente esse o tipo de fé que agrada a Deus e produz benefícios imediatos e eternos. Some-se a isso o fato de que se não há sincero arrependimento, também não há Salvação.

- 30- Deus abençoe a todos.

Autor: Bispo Edir Macedo

(Disponível em <http://www.iurdportugal.com/mensagensdetalhe.php?textosid=146> - acesso em 06/03/09 – 16:54)

ANEXO 4 - Jornal 877 – Folha Universal

De 25 a 31 de janeiro de 2009

ABRINDO OS OLHOS

1- Sempre que for possível, observe o céu à noite, especialmente na madrugada, e terá a oportunidade de ver o quanto Deus é grandioso. Nesse momento, você receberá inspiração para adorá-Lo.

Só quando o ser humano consegue agir com a razão, em vez da emoção, que entende que Deus é espírito e não um pedaço de pau, pedra ou metal. Se assim o fosse, não teríamos maravilhas como um céu estrelado na noite de verão para contemplar, por exemplo. Quando a pessoa alcança esse entendimento espiritual, jamais se curva diante das obras das mãos dos homens, porque a adoração é focalizada apenas em um Ser supremo e

10- inteligente: Deus.

Por que precisamos passar por tantas angústias antes de chegar a este entendimento? Porque, ao nascer, recebemos de nossa família um ensinamento que já está enraizado em nossa sociedade, no mundo em que vivemos. Este ensinamento cerceia a mente de tal forma que aquilo que está estabelecido sobre a fé é aceito sem questionamento. Isso faz com que filhos sigam a tradição religiosa dos pais ou de antepassados distantes de maneira natural e automática.

Normalmente, as pessoas são mais emocionais do que racionais e, guiadas pelo coração, na maioria das vezes, fazem péssimas escolhas. Deus

20-não quer isso. Ele quer que O adoremos em espírito. Quer dizer, na fé sobrenatural, e em verdade, quer dizer, com inteligência.

Assim, quando alguém usa o raciocínio, apresenta uma fé que agrada a Deus. Então, Ele Se inclina para receber o louvor dessa pessoa.

A mulher com a qual o Senhor Jesus conversa em certa passagem bíblica, falava com o Messias em Pessoa e não conseguia enxergar isso, pois os olhos espirituais dela estavam cegos: *“Eu sei, respondeu a mulher, que há de vir o Messias, chamado Cristo; quando ele vier, nos anunciará todas as cousas.”* (João 4.25)

Assim muitas pessoas são nas igrejas, nas religiões e também na IURD.

30-Pessoas que, apesar de verem as maravilhas de Deus – curas, libertação etc. – não conseguem ver Sua grandeza.

Você deve preparar seu coração e buscar um encontro com o Senhor Jesus. Diga a Ele que você não quer ser como essa samaritana que estava diante dEle, mas não podia vê-Lo.

Deus abençoe a todos.

Bispo Edir Macedo

(Disponível em

<http://folha.arcauniversal.com.br/integra.jsp?codcanal=9988&cod=143344&edicao=779>> -

Acesso em 06/03/09 - 15:52)

ANEXO 5 - Jornal 878 – Folha Universal

De 1 a 7 de fevereiro de 2009

FAÇA A SUA PARTE

- 1- Nesses últimos tempos, muitos cristãos sinceros, diga-se de passagem, têm sido enganados pelos próprios sentimentos, pelo que sentem quando estão na igreja. Bem, é muito simples e fácil a pessoa sentir uma emoção dentro do templo a ponto de chorar e se comover, e pensar que isso é a presença de Deus. Por esse caminho, muitas pessoas têm se “convertido” e levado a vida, porém, sem experimentar o cumprimento das promessas de Deus. Assim, muitos que se dizem – e acreditam ser – cristãos, estão vivendo de forma marginalizada do autêntico cristianismo.

Há uma má interpretação da realidade e muitas pessoas estão sendo 10-envolvidas por uma emoção imensa em vez de serem envolvidas pelo próprio Deus e o Espírito Santo, que veio para substituir o Senhor Jesus e dirigir os Seus discípulos. Infelizmente, elas, que se dizem cristãs, não têm tido essa direção em suas vidas; não vêm usufruindo os direitos e privilégios que a Palavra tem garantido. Uma pessoa que nasce de Deus tem o poder em si, tem de ser vitoriosa, isso porque *“todo o que é nascido de Deus vence o mundo”*. (1João 5.4)

Além disso, é como disse o apóstolo: *“Mas, a todos quantos o receberam, deu-lhes o poder de serem feitos filhos de Deus, a saber, aos que creem no seu nome”*. (João 1.12)

- 20- Então, se você recebeu o Senhor Jesus e não tem esse poder – de ser filho de Deus –, deve examinar a própria vida e identificar se a mentira, a prostituição ou o fracasso espiritual têm feito parte dela. Após isso, analise se aceitou o Senhor Jesus teoricamente e, por isso, também, você não nasceu de novo. Veja se tem sido cristão só na sua cabeça, em seu pensamento, e não em seu coração.

As promessas de Deus não têm sido verdadeiras, concretas, reais na vida de muitos porque estes também não são verdadeiros filhos dEle. Essa é a razão por que muitos vão à igreja, dão o dízimo, as ofertas, foram batizados nas águas, mas a vida não desenvolve. Nada mudou depois do batismo. É

- 30-verdade que alguns hábitos, como a bebida e o cigarro, podem ter sido deixados no passado, mas isso é o mínimo que se espera de um convertido.

Muitas pessoas vivem vidas de fachada, na carne, na prostituição, na bigamia, com fé dúbia, mas que participam de tudo na igreja, porque isso é fácil, não há dificuldade. Faça um autoexame, certifique-se de que não é uma dessas pessoas iludidas. Avalie seu vínculo com

Deus. Porque uma pessoa que nasce de Deus é dEle, e quem é dEle vence tudo. Uma pessoa de Deus é provada, mas é aprovada. Jesus disse: “*Desde os dias de João Batista até agora, o reino dos céus é tomado por esforço, e os que se esforçam se apoderam dele*”. (Mateus 11.12) Então, faça a sua parte. Do contrário, você é 40-quem perde.

Deus abençoe a todos.

Bispo Edir Macedo

(Disponível em

<<http://www.igrejauniversalusa.com/MensagensBispoMacedo/tabid/58/articleType/ArticleView/articleId/24/FACA-A-SUA-PARTE.aspx>> - Acesso em 06/03/2009 – 15:43)

ANEXO 6 - Jornal 879 – Folha Universal

De 8 a 15 de fevereiro de 2009

TAMBÉM SOMOS PEREGRINOS

1 - A Bíblia diz que sem fé é impossível agradar a Deus, mas não é a fé natural, é a fé sobrenatural. Aquela fé viva que levanta o caído, que cura o doente etc. A Bíblia nos apresenta o universo, que foi formado pela Palavra de Deus. Ele, que falou para o vazio, trouxe todas as coisas à existência. Assim também é a palavra da fé sobrenatural. Esta, quando colocada em prática, traz à existência as coisas que não existem.

Ora, foi assim que aconteceu no passado. Quando Abraão deixou casa, familiares, tudo para trás, foi movido por uma fé sobrenatural. Foi ela que o fez vitorioso e rico, abençoado e pai de cada um de nós na fé.

10 - Não foi apenas com Abraão, mas também com Isaque, que teve uma fé sobrenatural a ponto de semear em uma terra estrangeira, a dos próprios inimigos. Só uma pessoa que conhece e convive com Deus tem essa visão, de semear na terra do próprio inimigo.

“Semeou Isaque naquela terra e, no mesmo ano, recolheu cento por um, porque o Senhor o abençoava” (Gênesis 26.12). Cada semente, normalmente quando é muito boa, produz 40 vezes mais, mas Isaque colheu, por cada semente, o dobro e mais 20 vezes. Isso aconteceu porque o Senhor era com ele e o abençoava. Isaque se tornou riquíssimo, próspero, a ponto de os inimigos o mandarem embora porque havia se tornado mais poderoso que

20 - eles. Ou seja, Isaque saiu da terra dos inimigos farto de bens.

Toda essa história também serve para mostrar que somos peregrinos nesta Terra. Vivemos numa terra onde campeia o mal, o império das trevas de satanás. Ele rodeia nosso mundo e faz criar insônia, nervosismo, dor de cabeça, demanda entre casais etc. Há doenças como câncer e aids, e tantas outras coisas terríveis. Existe uma peste perniciososa nesta Terra. Vivemos num mundo estrangeiro, mas Deus é conosco. O Senhor é com aqueles que são com Ele. Se você é com Deus, Ele é com você; e se você é dEle, tem a obrigação de lutar e conquistar a sua vitória.

Meus amigos, a fé e as coisas sobrenaturais são para pessoas

30 -sobrenaturais. E quem são essas pessoas? São aquelas nascidas de Deus, pois quem é nascido dEle tem a mente do Senhor Jesus.

“Em verdade, em verdade vos digo que aquele que crê em mim fará também as obras que eu faço e outras maiores fará, porque eu vou para junto do Pai.” (João 14.12)

Jesus iria para o Pai, mas não nos deixaria órfãos, Ele sabia que o Espírito Santo seria enviado. Agora, o Espírito que estava sobre Ele, está sobre Seus discípulos e seguidores.

Deus abençoe a todos.

Bispo Edir Macedo

(Disponível em

<http://folha.arcauniversal.com.br/integra.jsp?codcanal=9988&cod=143517&edicao=879> –

Acesso em 06/03/2009 – 15:46)

ANEXO 7 - Jornal 880 – Folha Universal

De 15 a 24 de fevereiro de 2009

Pense nisto

- 1 - O que é avareza? É a característica da pessoa possessiva, pão-dura e que só pensa em si. Bem, quando um homem pediu que o Senhor interferisse em uma questão sobre herança de família, Ele aproveitou a oportunidade e disse aos que O ouviam: *“Tende cuidado e guardai-vos de toda e qualquer avareza; porque a vida de um homem não consiste na abundância dos bens que ele possui.”* (Lucas 12.15)

Em outra ocasião Jesus assim disse: *“O campo de um homem rico produziu com abundância. E arrazoava consigo mesmo, dizendo: Que farei, pois não tenho onde recolher os meus frutos? E disse: Farei isto: destruirei os*

- 10 - *meus celeiros, reconstruí-los-ei maiores e aí recolherei todo o meu produto e todos os meus bens. Então, direi à minha alma: tens em depósito muitos bens para muitos anos; descansa, come, bebe e regala-te. Mas Deus lhe disse: Louco, esta noite te pedirão a tua alma; e o que tens preparado, para quem será? Assim é o que entesoura para si mesmo e não é rico para com Deus.”* (Lucas 12.16-21)

Pense nisto: de repente você é aquela pessoa que anda correndo atrás do vento, isto é, quanto mais você corre, menos se vê em condições de livrar-se de suas preocupações e ansiedades em querer riquezas. Deus é capaz de lhe dar tudo o que você deseja e tem se esforçado para conseguir, mas

- 20 - primeiro seu coração deve estar com Ele. Como Deus pode colocar grandes riquezas em suas mãos se o seu coração é avarento? Se a sua fé não tem qualidade? Se você vem à igreja apenas buscar os benefícios e não o beneficiador?

É o que Jesus falou: *“buscai, pois, em primeiro lugar, o seu reino e a sua justiça, e todas estas coisas vos serão acrescentadas”* (Mateus 6.33). Em outras palavras: busque a fé! Ela é o que faz contato entre você e Deus; é a ligação entre o mundo material e o espiritual.

A fé sobrenatural é a única ponte que nos liga a Deus, porque você não O vê fisicamente. E se você despreza essa ponte, como chegará a Ele, como

- 30 - terá comunhão com Ele, como ouvirá a Sua voz? Como você será orientado, como vai ouvir o que é melhor para a sua vida?

Na cruz do Senhor Jesus, a haste vertical representa a Sua comunhão com Deus e a horizontal, a Sua comunhão conosco. Então, como você pode querer conquistar o Reino de Deus e Seus benefícios desprezando a fé?

Seja inteligente e use sua capacidade! Arranque seu coração das coisas e das pessoas que o impedem de chegar a Deus. Só assim você tomará posse do Reino de Deus. E uma vez da posse dele, nada mais lhe será impossível.

Deus abençoe a todos.

Bispo Edir Macedo

(Disponível em

<http://folha.arcauniversal.com.br/integra.jsp?codcanal=9988&cod=143601&edicao=880> –
acesso em 06/03/2009 – 15:50)

ANEXO 8 - Jornal 881 – Folha Universal

De 25 a 7 de março de 2009

Crise da fé

- 1 - O que tem levado tanta gente a desanimar da fé? Que espírito tem guiado os cristãos a abandonarem a igreja? Essas perguntas iniciais nos levam a refletir sobre o que Jesus prometeu: *“Quando vier, porém, o Espírito da verdade, ele vos guiará a toda a verdade.”* (João 16.13)

Cientes de que o Espírito Santo nos guiará a toda a verdade, conforme está escrito, as próximas perguntas são as seguintes: o Espírito Santo é o responsável por guiar tantos cristãos para fora da Igreja? Seria Ele o responsável por tantas divisões, dissensões, calúnias e injustiças dentro de Sua casa?

- 10 - Se o Espírito de Deus guia a toda a verdade, e a pessoa é levada a sair da igreja, então, essa igreja é uma mentira; ou o espírito que a tem guiado é um espírito maligno!

A fé inteligente tem mostrado que nenhum cristão pode ser guiado pelo Espírito de Deus e pelo espírito do diabo ao mesmo tempo. Ou somos guiados por Deus, ou pelo diabo.

Quem é guiado por Deus permanece firme e diz para si mesmo “venha o que vier”, e quaisquer que sejam as tribulações ou angústias vividas pela causa do Senhor, essa pessoa jamais desanima ou abandona a fé.

Porém, quando alguém é guiado pelo mal, desiste como fazem aqueles

- 20 - representados pela semente semeada à beira do caminho, em solo rochoso, e entre os espinhos, conforme lemos no texto a seguir:

“Atendei vós, pois, à parábola do semeador. A todos os que ouvem a palavra do reino e não a compreendem, vem o maligno e arrebatá o que lhes foi semeado no coração. Este é o que foi semeado à beira do caminho. O que foi semeado em solo rochoso, esse é o que ouve a palavra e a recebe logo, com alegria; mas não tem raiz em si mesmo, sendo, antes, de pouca duração; em lhe chegando a angústia ou a perseguição por causa da palavra, logo se escandaliza. O que foi semeado entre os espinhos é o que ouve a palavra, porém os cuidados do mundo e a fascinação das riquezas sufocam a palavra, e 30 - fica infrutífera.” Mateus 13.18-22)

A pergunta final é a seguinte: que espírito tem guiado você, leitor amigo?

Deus abençoe a todos.

Bispo Edir Macedo

(Disponível em

<http://folha.arcauniversal.com.br/integra.jsp?codcanal=9988&cod=143692&edicao=881> –
acesso em 06/03/2009 – 15:53)

ANEXO 9 - Jornal 882 – Folha Universal

De 8 a 17 de março de 2009

A guerra da fé

- 1 - *“Não penseis que vim trazer paz à terra; não vim trazer paz, mas espada.”* (Mateus 10.34) Poucos têm tido discernimento do custo da salvação da alma. O preço que ela exige é tão alto que muitos pregadores, com objetivo de facilitá-la, têm até eliminado o sacrifício a ser pago por ela. Esses pregadores parecem ignorar o que está escrito a respeito disto: *“Estreita é a porta, e apertado, o caminho que conduz para a vida, e são poucos os que acertam com ela.”* (Mateus 7.14)

De fato, se a salvação eterna fosse simples e fácil, ninguém se perderia; não haveria frios e mornos na fé, nem mesmo o Senhor faria qualquer menção

- 10 - a vencedores em Suas cartas endereçadas às igrejas. *“Ao vencedor, dar-lhe-ei que se alimente da árvore da vida que se encontra no paraíso de Deus.”* (Apocalipse 2.7) A qual tipo de vencedor Ele Se refere quando diz essas coisas?

Bem, sabe-se que vencedor é aquele que luta, destaca-se dos demais e vence. Quando o assunto é a vida eterna, vencedor é aquele que luta até a morte e se mantém salvo.

A salvação da alma é como o casamento, ou seja: é fácil casar; difícil é manter o casamento! No relacionamento com Deus, é fácil ser perdoado e receber a salvação; difícil é manter-se salvo.

- 20 - Que tipo de luta a pessoa deve travar para tornar-se vencedora aos olhos do Senhor Jesus? A luta contra as inclinações da carne ou de realizar a própria vontade.

Ninguém é vencedor sem antes ter lutado, e vencedor não é aquele que acredita ser um vencedor; tampouco aquele que reúne vasto conhecimento bíblico ou tem muito tempo de convertido. Vencedores são aqueles que lutam e vencem o pecado, desde o dia em que conhecem ao Senhor até a morte.

Deus abençoe a todos.

Bispo Edir Macedo

(Disponível em

<http://folha.arcauniversal.com.br/integra.jsp?codcanal=9988&cod=143762&edicao=882> – acesso em 06/03/2009 – 15:56)

ANEXO 10 - Jornal 883 – Folha Universal

De 18 a 25 de março de 2009

Mulher sábia

1 - Desde os primórdios da civilização, a mulher tem se deixado ser usada como instrumento de prazer e luxúria do homem. Infelizmente, as exceções têm sido insignificantes. Não fosse assim, o mundo seria outro. O pecado original cegou o entendimento do homem e o fez perder a visão do enorme potencial da mulher como sua auxiliar. A mulher não pode ser considerada um objeto. Ao contrário, ela é parte da vida do homem. Sem ela, não há felicidade, assim como sem ele também não há como ser feliz.

Hoje em dia é cada vez mais notória a participação da mulher no mercado de trabalho. Mesmo assim, apesar de tanta inteligência e capacidade

10 - profissional, a minoria delas tem sido sábia na construção de um mundo melhor para si. O que se tem visto é um número crescente de mulheres mal amadas. Quer dizer, por um lado, conseguem conquistar a tão sonhada liberdade, mas por outro continuam infelizes. Têm dinheiro, têm homens, têm sucesso, têm tudo, mas não têm o amor puro e sincero de um esposo, pai, amante, companheiro, amigo para compartilhar a alegria do casamento todos os dias que lhe restam na terra.

O mundo está cheio de homens e mulheres infelizes, apesar de muitos terem o mundo a seus pés. O motivo é que eles não se entendem, foram feitos um para o outro, mas não conseguem se completar. Não há a mínima chance

20 - de felicidade sem a perfeita harmonia entre marido/mulher, cabeça/corpo.

A construção dessa relação perfeita está justamente a cargo da mulher sábia. Deus deu ao homem autoridade sobre toda a Sua criação. Mas à mulher deu a capacidade de edificar a sua casa. A mulher não recebeu autoridade do homem nem o homem recebeu a capacidade da mulher para edificar a casa. Cada um tem seu papel importante na construção de uma sociedade perfeita.

A cabeça (o homem) não pode dar nem um passo sem o corpo (a mulher). Em contrapartida, o corpo não tem vida sem cabeça. Deus é Magnífico na Sua criação! Ele fez os dois para viverem em comunhão e perfeita harmonia. Obrigatoriamente cada um dependente do outro. Não tem

30 - jeito. Se há desordem nesse relacionamento, se não há consideração mútua, então, a consequência é a infelicidade.

O que fazer para mudar essa situação?

Cada um tem de nascer de novo através da experiência pessoal com o Senhor Jesus Cristo.

Deus abençoe a todos.

Bispo Edir Macedo

Disponível em

<http://folha.arcauniversal.com.br/integra.jsp?codcanal=9988&cod=143843&edicao=883> –
acesso em 06/03/2009 – 15:57)

1 O termo 'adjunto' na gramática sistêmico-funcional faz referência a uma classificação funcional e não formal; recobre, portanto, tanto advérbios quanto outras estruturas gramaticais com função adverbial.

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)